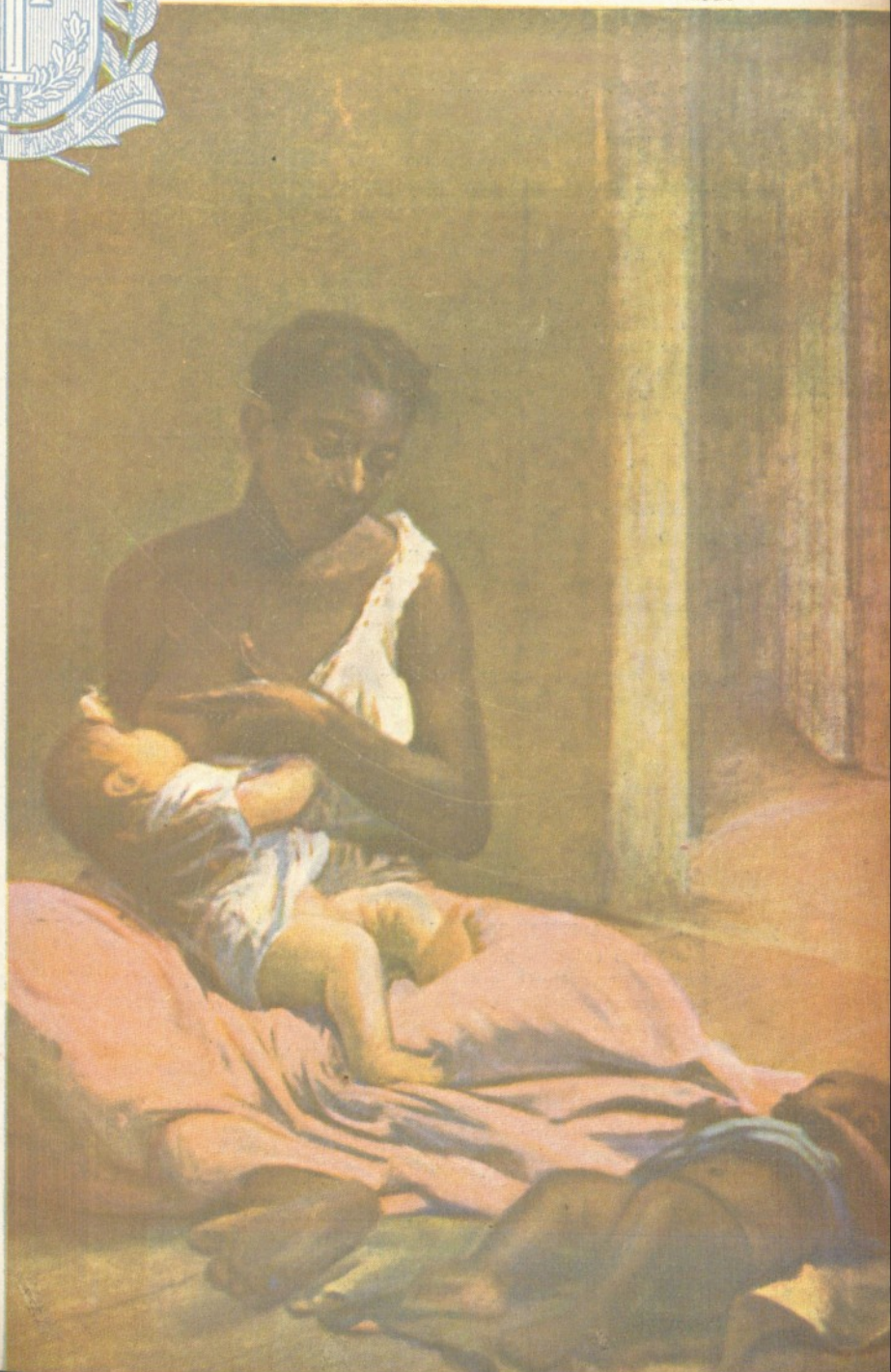




# militia

A N O III  
MAIO/JUNHO

N.º 16  
—  
1950



# SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Tela de Lucílio de Albuquerque

## EDITORIAL

Mãe Preta ..... 7

## DIVERSOS

Alexius von Meinong — Luiz Washington .....	9
O recreativismo e o serviço religioso — cel. Bath Rosas .....	14
Façamos do cidadão um eficaz colaborador da Polícia — 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado .....	17
A Co-Autoria em face do Código Penal — Mário Zangari .....	21
Coisas da Força Pública — cel. Anchieta Torres .....	25
Valner — ten. Péricles Nogueira Santos .....	28
Segurança e bem estar públicos — 1.º ten. Agenor Grohmann .....	29
A história é esta — cap. Alfredo Marchetti .....	31
Acautelem-se os cidadãos! — ten. cel. Solon Andrade de Araujo .....	38
Coisas que podem acontecer — 1.º ten. Ari Mercadante .....	39
Ligeiras impressões do Velho Mundo — major Arrisson S. Ferraz ..	41
O processo da contravenção penal na prevenção do crime — Osório Pereira Cavalcanti .....	49
Primeira C.I.B. — cap. F. Vieira Fonseca .....	69
Bilhetes a um aspirante — ten. cel. Augustmo C. C. Muniz Aragão	78
Ecos do Carnaval — Borrachudo .....	90

## NOTICIÁRIO

Corpo de Carabineiros do Chile — despedida do cap. A. Pupo ....	63
Grande festival musical, militar e pirotécnico .....	79
Temporada de recreio na Colônia de Férias .....	83
“Comandos” da Polícia Florestal e Corpo de Bombeiros .....	94
Entrega de espadins, no C.F.A. ....	96
Clube Militar — calendário para saraus e vesperais .....	98
Promoções na Força Pública .....	99
Festa Joantina do Clube Militar .....	100
Terceira Cia. Independente — inauguração festiva .....	102
Aniversário da Banda de Música “Major Antão” .....	103
Notícias das co-irmãs :	
— Espírito Santo .....	104
— Minas Gerais .....	106
— Distrito Federal .....	108
— Sergipe .....	111
Nossos representantes .....	131

## EDUCAÇÃO-FÍSICA E DESPORTOS

Joe Louis exhibe-se para a Força Pública — ten. Osmar V. Santos ..	112
Taubaté constrói o seu estande de tiro .....	114
II Torneio Popular Estadual de Tiro ao Alvo .....	115
Homenagem do R.C. ao Secretário da Segurança Pública .....	118
Publicações recebidas .....	120

## RECREAÇÃO

Ciranda — Silvosky .....	122
Seção de Édipo .....	123

LEGISLAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E JURISPRUDÊNCIA — cap. J. Arimathéa do Nascimento .....	127
---	-----



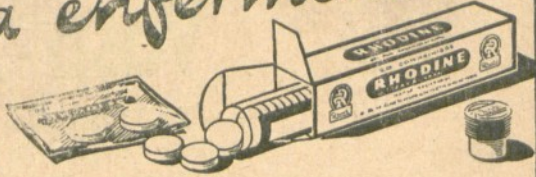


DÔR - GRIPE - RESFRIADOS

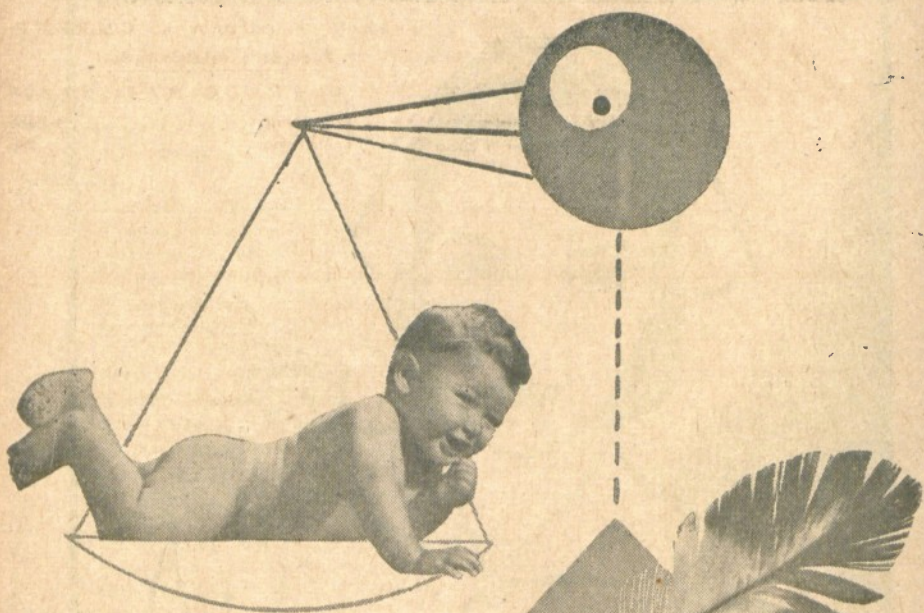
**RHODINE**

CAFEINADA

*A boa enfermeira*







## Transporte cuidadoso...

**carga - correspondência  
encomendas**

E esse o nosso ponto de vista: para nós toda a carga ou encomenda é merecedora do maior cuidado, como se fosse marcada "Fragil". E toda a correspondência é como se fosse marcada "Urgente". Cremos que esse é também seu ponto de vista. Envie, portanto, pela VASP ou pela Aerovias.

# Vasp - Aerovias

Rua Libero Badaró, 89  
Telefone: 2-6993

Rua Libero Badaró, 370  
Telefone: 6-2960

Nacional



# militia

Revista de assuntos técnicos policiais,  
militares e culturais em geral.

PUBLICADA NA PÓRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO

Consoante os estatutos do C.M.F.P.S.P.

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones { externo ..... 4-6488  
          { interno ..... 298

SÃO PAULO, S. P. \_\_\_\_\_ Brasil

ANO III

MAIO/JUNHO DE 1950

N.º 16

**DIRETOR** : — ..... cel. Coriolano de Almeida Júnior  
**REDATOR-CHEFE** : — ..... ten. cel. adm. Aparício de Barros Messias  
**SECRETARIO** : — ..... cap. Milton Marques de Oliveira  
**GERENTE** : — ..... cap. Francisco Vieira Fonseca  
**TESOUREIRO** : — ..... maj. adm. Nelson de Carvalho Rosa

## REDADORES :

— maj. Arrisson de Souza Ferraz  
— cap. Efraim Bratfisch Lastebasse  
— cap. Osvaldo Feliciano dos Santos  
— 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho  
— 1.º ten. Miguel M. Sendin

## ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA :

— 1.º ten. Felix Barros Morgado  
— José de Campos Montes  
— Sgt. João Tancler

## ASSINATURAS :

Por 6 números ..... Cr\$ 25,00  
Por 3 números ..... Cr\$ 15,00  
Número avulso ..... Cr\$ 5,00

## AOS COLABORADORES E LEITORES

- \* A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- \* Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar doze páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- \* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- \* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

\* Desejamos estabelecer permuta

\* Deseamos establecer el cambio

\* Desideriamo stabilire cambio

\* On désire établir échange

\* We wish to establish exchange

\* Austausch erwünscht

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

**DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —  
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —  
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL**



**M A T R I Z :**

**PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO  
CAIXA POSTAL, 789**

**Enderêço telegráfico: BANESPA**



53 AGENCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE  
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



**AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES  
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA**



# MÃE PRETA

---

*Treze de Maio revive em nosso espírito o drama pungente da raça negra, marcando-lhe a linde entre os dias de esperança e os de radiosa liberdade.*

*Imperativos de ordem econômica transportaram para o Brasil os filhos de Cam, submetendo-os a vil escravidão.*

*Sufocados em suas aspirações, oprimidos pelo tronco, lançados pelo açoite, não poucas vezes, aqui e acolá, gritos de revolta abafaram-lhe o angustioso e monótono lamento.*

*E a faina construtora da pujança nacional prosseguia sempre num ritmo acelerado.*

*Extensos canaviais no Nordeste, rutilantes minas no Centro, infundáveis cafezais no Sul, atestam a capacidade obreira do escravo que, regando o solo com suor e com férreas mãos arrancando-lhe recônditas riquezas, adentrou o país, alargando-lhe as fronteiras econômicas.*

*Étnicamente, miscegenaram-se branco, ameríndio e preto, plasmando, num incessante caldeamento, o brasileiro de amanhã, expressão autêntica do homem, identificado com a natureza que o cerca.*

*E dentre as incontáveis influências raciais do cativo, destaca-se a da mulher, dócil de temperamento e terna com os filhos do branco. Criando e amamentando gerações, tornou-se um tipo característico da sociedade de outrora — A MÃE PRETA — exalçada pelos poetas e fixada pelos pintores, dada a proeminente função social que desempenhou.*

# Magnificat

Para "MILITIA", sincera homenagem de  
ILZA DAS NEVES

*Aos meus olhos eu dei repouso novo  
Feito de campos verdes, canaviais,  
De murmúrio de água e sol nascente,  
De eucaliptos gigantes, milharais...*

*Nessa paz eu sentí como é profunda  
A integração do humano e do divino;  
Sublimei minha vida nesse instante,  
Dentro, em mim, eu cantei a Deus um hino.*

*Hino de ação de graças, salmo vivo,  
Magnificat à esplêndida Beleza;  
Do meu canto de amor fiz sinfonia,  
E o "allegro" final é a Natureza.*

Águas de São Pedro, 21 de fevereiro de 1950.



# ALEXIUS VON MEINONG

ESPECIAL PARA "MILITIA"

## 1) — *As origens de um pensamento*

Em pleno ambiente positivista do último terço do século passado surge a figura de Franz Brentano, um pensador austríaco de extraordinária importância, rebelando-se contra a filosofia idealista que vai de Kant a Hegel por lhe parecer um extravio. Formado em seminário católico, entrou em contato "verdadeiro" com o pensamento de Aristóteles; recolhendo a atitude positivista de seu tempo, consegue escapar das construções mentais. A contribuição maior de Brentano, porém, foi ter estabelecido a conexão da filosofia antiga, em sua raiz mais pura e autêntica, com a filosofia moderna. Enquanto por um lado Dilthey nos dá a historicidade do pensamento filosófico, por outro Brentano coloca no centro de seu pensamento a idéia de "evidência". É este o sentido do "empirismo" brentaniano: a visão evidente das essências das coisas. Esta volta à essência é a volta ao rigor da metafísica; a filosofia é em Brentano, uma vez mais, conquistada de essências, saber metafísico estrito, o que foi sempre que foi autêntica filosofia. É Brentano ainda quem nos dá os elementos capitais da filosofia atual: a

incorporação de toda a tradição filosófica, a intencionalidade, a intuição essencial e a idéia de valor.

Por isso a obra de Brentano, não obstante esquecida pelas correntes filosóficas predominantes nos fins do século passado, foi revalorizada nos primeiros anos deste século, principalmente pela fenomenologia de Husserl que, ao ocupar o centro do interesse filosófico, apontou as raízes brentanianas de grande parte da filosofia contemporânea alemã. De fato, não só Husserl mas também um número considerável de discípulos se ligam a Brentano, os quais, procedentes de sua escola, realizaram importantes contribuições à lógica, à teoria do objeto e dos valores. Estes discípulos, dentre os quais estão incluídos Stumpf, Ehrenfels, Meinong, Alfred Kastil, Oskar Kraus, Anton Marty e A. Höffler prosseguiram nas investigações de Brentano, seja atendo-se com fidelidade ao seus ensinamentos, como Marty que se notabilizou em filosofia da linguagem e Kraus, seu biógrafo, seja ampliando-as e ainda separando-se delas em muitos aspectos, como Meinong e Stumpf.



## 2) — Teoria do objeto

A presente nota visa *divulgar* exatamente o pensamento dêste irriquietao discípulo de Brentano, também austríaco como seu mestre: Alexius von Meinong (1853-1920), que levou a axiologia às últimas conseqüências, mas cuja contribuição maior consiste em sua teoria dos objetos, de importância decisiva tanto para a fenomenologia como para a nova ontologia. Isto porque a moderna ontologia não tem — como a pretérita — a pretensão de construir uma sistemática completa e definitiva do sêr, como dantes se pretendia, com um caráter dedutivo ou dialético, mas sim, pelo contrário e mais simplesmente, a de alcançar uma progressiva determinação e exploração da realidade, movendo-se sempre no quadro do empirismo natural e científico. A sua intensão fundamental consiste as-

ALEXIUS VON MEINONG



sim em salientar os contrastes dos diferentes domínios da realidade e das suas respectivas categorias entre aquilo que êles tem de específico e original, em oposição ao desejo outrora tão poderoso que exigia da filosofia antes de mais nada a edificação dum monismo de qualquer espécie que êle pudesse ser. Portanto, a ontologia do nosso tempo nasceu, dentro da filosofia da consciência, dum conjunto de tendências orientadas no sentido dos objetos e das coisas. E um dos momentos mais importantes desta transição é o representado pelo aparecimento da "teoria do objeto" de Meinong e dos seus discípulos, como Pichler e outros.

Esta teoria dos objetos, que a partir de seus primeiros vínculos psicológicos se converteu numa investigação independente, se baseia em parte nos trabalhos de Christian von Ehrenfels (com o qual Meinong polemizará em axiologia) sôbre as "qualidades de forma", partindo daí a afirmação da possibilidade de estudo científico de qualquer objeto com independência de sua existência ou inexistência real. Isto é: sustenta Meinong que todo objeto (por exemplo, um quadrado redondo) pode ser objeto de um conhecimento científico ainda que não exista e ainda que não seja possível. Desta forma, a teoria do objeto concebe o objeto livre de existência (*daseinsfreie*), em sua mais ampla generalidade, independentemente do fato de que seja ou não apreendido por nós, de que tenha ou não um valor para nós. No próprio objeto se distinguem objetos de ordem superior (tais como as relações) que supõem objetos de ordem inferior (relacionados).

Noutros têrmos: segundo Meinong entende-se por "objeto" tudo o que é



“apontado” pelo pensamento: assim, pode-se dizer que todo objeto é alguma coisa enquanto que nem toda alguma coisa é. Como se vê, a generalidade do objeto permite compreender, dentro dele, suas formas mais diversas: o fato de que o objeto possa ser real ou ideal, possível ou impossível, existente ou imaginário permite ao mesmo tempo que a teoria dos objetos seja a autêntica introdução a todo saber empírico, assim como à metafísica. Nêsse sentido, Meinong distingue no objeto (*Gegenstand*) os objetos (*Objekte*) dos objetivos (*Objektive*). Os primeiros são os correlatos da percepção; os segundos são os correlatos das assunções e dos juízos. Desta forma, os objetos (*Objekte*) são aquelas “algumas coisas” às quais se pode atribuir a existência, diferentemente dos “objetos” que possuem não uma existência, mas uma subsistência. Os objetivos podem ser de diversas índoles: sua base comum é, empregando a terminologia de Husserl, o ser “fatos” no sentido do *Sachverhalt* e não no sentido da *Tatsache*, isto é, conteúdo objetivo ou correlato de um juízo, pois em virtude da ampliação da noção de objeto, o fato não necessita ser precisamente a coisa.

Ora, a relação entre os objetos — relação que permite explicar um pouco mais que as questões formais implicadas nela e constitui a necessária explicação de muitos dos supostos metafísicos — se efetua principalmente sob a forma da “fundamentação”, pela qual alguns objetos ficam fundados (*fundiert*) noutros. Assim, Meinong distingue entre os objetos de ordem superior e os objetos de ordem inferior. Os primeiros são aquêles cuja “consistência” ou “subsistência” depende de outros ob-

jetos; os segundos, aqueles que “fundam” os anteriores. Portanto, os objetos de ordem superior são as relações e as complexões ou complexos; os de ordem inferior, os que “constituem” os superiores, os membros contidos na relação e os elementos simples que compõem as “formas”. A “existência real” cruza dêste modo tôdas as camadas e não é propriamente um fundamento de classificação. O caráter “introdutório” da teoria dos objetos de Meinong se revela particularmente quando se têm em conta sua insistência na desatenção tradicional de tudo o que não seja propriamente “real” e a necessidade de investigar aquelas ordens de objetos às quais não se vinculou até o presente nenhuma forma de realidade (nem sequer a ideal matemática). Assim, antes de ser tratados tais objetos pela metafísica, é conveniente sua inclusão numa teoria dos objetos que é, em última instância, uma ontologia formal-material da realidade.

Contra a teoria do objeto de Meinong se rebelou Guido de Ruggiero, acoimando-a de sofisma. Com efeito, além do “objetivo” que é o objeto enquanto existente, enquanto real, está o objeto puro, liberto da existência. A passagem dêste para aquêle é o grande mistério... Superada a barreira, Meinong pôde estabelecer que o conhecimento do objetivo, enquanto está dirigido para uma realidade que se dá apenas na experiência empírica, é “a posteriori”, e enquanto estiver isento de pressupostos, é “a priori”. Baseado nisto, Meinong procura desenvolver uma lógica do objeto estreitamente conexa com a matemática, ciência esta que nem sequer está vinculada com a realidade



empírica. Esta doutrina — sustentada na Inglaterra por Russel e na França por Couturat — revela as preocupações de Meinong e de seus discípulos, especialmente Höfler, em fundar uma lógica independente da psicologia, mas sobre uma base meramente psicológica. Daí a crítica azêda de Guido de Ruggero: “No fundo, aqui não se faz mais

### 3) — Teoria do valor

De resto, as indagações psicológicas de Meinong, assim como sua teoria dos valores, estão também dentro da linha de uma investigação que oscila entre as implicações psicologistas e a exigência de uma ausência total de supostos. Assim, a fundamentação do valor no agrado era para Meinong não tanto o resultado de uma inclinação subjetivista como o desejo de fazer constar tal fundação de um modo puramente descritivo. Como discípulo de Brentano e na mesma linha de Ehrenfels e Münsterberg, encontrou Meinong o valor através da reflexão sobre os atos de preferência ou repugnância. Isto é: uma coisa é valiosa, tem valor, quando nos agrada e na medida em que nos agrada. Tem valor negativo, desvalor, quando nos desagrade e na medida em que nos desagrade. Sem dúvida foi Meinong o primeiro que, de uma maneira formal e taxativa, formulou o problema e esboçou sua teoria, que pode ser resumida em poucas palavras: todo valor se origina de uma valoração prévia.

Se, como Meinong em sua teoria inicial pretende, o valor de uma coisa não fôsse mais que o resultado do agrado que nos produz, só seriam valiosos os objetos existentes. Ora, valoramos

que piorar a posição de Schuppe. Para este último o dado era situado, mediante um só milagre, como real; ao contrário, aqui se duplica o milagre do dado como dado e do dado como real, contrariando o sábio conselho preconizado por Leibnitz de que não é conveniente aumentar os milagres onde não há nenhuma necessidade”.

sobretudo o inexistente, a riqueza que não possuímos ou a saúde que nos falta. Os grandes valores são os ideais, isto é, o que ainda não se realizou. Esta advertência conduz Ehrenfels, companheiro de escola filosófica de Meinong, a ensaiar uma nova resposta à pergunta sobre o que é o valor: para êle são valiosas as coisas que desejamos; nosso desejá-las é o único real que há em “seu” valor.

A tese Ehrenfels ensejou uma famosa polêmica com réplicas e tréplicas entre êle e Meinong. Esta polêmica, eliminado todo o acidental, foi resumida por Ortega y Gasset num diálogo imaginário, onde cada posição e retificação representa um avanço no progresso dialético que eleva e aperfeiçoa progressivamente nossa idéia do valor:

*MEINONG: “O valor de uma coisa pode identificar-se com o ser desejada ou apetecida. Desejar não é valorar. Porque se deseja apenas o que não se possui; portanto, o inexistente (ou situações objetivas inexistentes). Ora, é inegável que reconhecemos valor a não poucas coisas existentes que possuímos e gozamos. Começa propriamente a valoração com a existência do objeto, e o apetite cessa com ela”.*



**EHRENFELS:** "É um erro afirmar que não reconhecemos valor ao inexistente; a riqueza de que carecemos, o talento que não temos têm valor, e o têm porque apeteçemos tais coisas. Como Meinong procura a origem do valor na satisfação que a atualidade presente do objeto provoca no sujeito, fica cego para o fato primário de que valoramos o inexistente, término de nosso apetite".

**MEINONG:** "Reconheço meu erro num ponto: o distante, ausente ou inexistente também tem valor para o sujeito. Mas o sentido dessa valoração é a consciência de que se o objeto chegasse a existir e ser-me presente me produziria agrado. Distinguirei, pois, um "valor de atualidade" — o possuído pelo objeto presente que me satisfaz — e um "valor de potencialidade" — o que, por exemplo, esse mesmo objeto tem quando está ausente. A teoria da valoração como um fenômeno sentimental, empregada assim, se robustece. Ao contrário, Ehrenfels, partindo do apetite que vai ao inexistente, deixa de lado os valores do atual".

**EHRENFELS:** "Também cabe ampliar meu conceito. O existente não excita nosso apetite, mas a todo instante nos formamos a idéia de que certas coisas que possuímos, se não as possuíssimos, se fossem inexistentes, deseja-la-

íamos. Diremos, pois: valor é o ser desejado ou desejável".

Assim termina a dialética contenda entre os dois pensadores austríacos, e Ortega y Gasset acentua a nota comum a ambas as teorias litigantes nêstes termos: "Para uma e outra, o valor não é nada positivo no objeto, mas emanção do sentimento ou do apetite subjetivos. Estes são estados psíquicos que possuem maior ou menor intensidade. Os valores terão que ser função dêles, e consequentemente aumentar ou diminuir com aquela intensidade. Quanto maior o apetite ou agrado, maior valor. Bastaria isto para sugerir o radical erro que padecem ambas as teorias psicologistas, subjetivistas".

Também Brentano condena a teoria do valor de Meinong, ao afirmar que o princípio dêste, segundo o qual a força de motivação de um valor dado dependeria da quantidade de prazer prometido e de dor evitada, "é uma simplificação teórica que reduz a compreensão do real na medida em que se alheia dêste".

De qualquer maneira, a contribuição de Alexius von Meinong, consubstanciada nas teorias do objeto e do valor, marcos incipientes do moderno pensamento filosófico, por isso mesmo ficará, já que só aos pioneiros é dada a graça dos pecados veniais...



Nosso maior prazer neste mundo são os pensamentos agradáveis; e a grande arte da vida consiste em tê-los no maior número possível.

Montaigne.



# O recreativismo e o serviço religioso

## Sua importância nas atividades militares

A recreação hoje em dia constitui um poderoso medicamento para o espírito daqueles que, exercendo diariamente trabalho intenso, intelectual ou físico, desejam recuperar as energias perdidas não só em proveito da tarefa que executam como também em benefício da própria saúde.

E tôdas as atividades humanas o recreio se impõe como um bálsamo, contrabalanzando o esforço dispendido, dando, enfim, àqueles que trabalham, novo alento para poderem enfrentar com desembaraço e honestidade a jornada do dia imediato. Na arte de guerrear, por exemplo, como não podia deixar de ser, o recreativismo é tido como um fator psicológico dos mais importantes e sobre isso não temos a menor dúvida. Para o êxito do desenrolar das operações militares, funciona, poder-se-á dizer, como um autêntico sedativo e um estimulante eficaz para os nervos e para as energias, respectivamente, daqueles que, expondo-se aos perigos, nos campos de batalha, dos engenhos modernos, sentem a necessidade de reaver, como é natural as fôrças gastas e voltar à calma, para então, poderem empregar-se de corpo e alma em missões subseqüentes.

O americano do norte, povo essencialmente prático e possuidor de grande capacidade realizadora, não querendo

desfazer dos demais, na última guerra mundial, procurou tirar vantagem desse fator psicológico e de outros, já que apressadamente teve que se preparar e ajustar as coisas para enfrentar os países representantes do mal e anti-democráticos, bastante experimentados na arte de guerrear. Assim, esse povo a que nos referimos, altamente industrial e pacifista, não titubeou em levar para as várias zonas de operações em que interveio, o conforto material, moral e espiritual de que tanto necessitavam suas tropas. E o fez com tanta oportunidade que o sucesso e a recompensa não se fizeram esperar. Vímo-lo preparar-se, em pouco mais de um ano, para dar combate a exércitos bem aparelhados e suficientemente adestrados há longas datas, e, finalmente, com os seus aliados sob seu amparo, vencê-los. E a vitória, é preciso que se o diga, os Aliados a obtiveram, principalmente, graças ao carinho e aos cuidados que eram dispensados às tropas em operações nos campos de além-mar, longe de tudo e de todos. Apesar das distâncias, no entanto, e do afastamento das pessoas que lhes eram caras, os soldados dos exércitos Aliados e, portanto, os nossos co-irmãos que integraram a gloriosa Fôrça Expedicionária Brasileira, sempre se sentiram como se estivessem em seus territórios pátrios, porque nunca lhes



faltou, às vésperas das pugnas e após estas, nos hospitais ou à hora da morte, o conforto moral, um conselho amigo, uma orientação leal e segura, a palavra de Deus pelos seus representantes na terra.

Os exércitos da vitória, a par da preparação técnica, tática ou estratégica, receberam também a preparação psicológica por intermédio dos serviços de recreação e religioso, sempre oportunos e ministrados nos momentos mais ameaçadores e críticos das situações. Tal foi o papel que êsses serviços desempenharam no preparo psicológico dos combatentes, distraindo-os, confortando-os ou mesmo encorajando-os, que hoje as unidades modernas, organizadas à base da experiência adquirida na própria guerra, possuem êsses serviços previstos em seus quadros de efetivos e em pleno funcionamento. Cada um dêles tem o seu chefe, o de recreação um oficial possuidor, naturalmente, de certas qualidades indispensáveis a alguém que tenha por missão proporcionar distração a uma coletividade, e o religioso, como não poderia deixar de ser, um padre militarizado, "capelão militar" como é denominado. Ambos os serviços possuem suas missões definidas em regulamentos militares.

Dizer algo sôbre as vantagens e os benefícios que êsses serviços prestam, também em tempo de paz, ao elemento militar, é repetir aqui aquilo que um espírito bem esclarecido e prático poderá concluir após haver lido e meditado sôbre o que dissemos linhas mais atrás. Mas, de qualquer modo, diremos que êsses serviços, quando mais não façam, muito contribuem para tornar as praças amigas de suas casernas, de seus

superiores hierárquicos, transmitindo-lhes regras de civilidade, proporcionando-lhes o recreio de que tanto necessitam após o labor diário.

A Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, reserva que é do Exército Nacional, por fôrça de dispositivo constitucional, vem acompanhando seus passos, sua evolução em todos os setores, dentro de suas possibilidades. Já possuí, por isso mesmo, também organizados o Serviço Religioso e a Secção Recreativa, sempre com o objetivo de proporcionar aos seus elementos a distração e o conforto moral, fatores importantes, tanto na guerra como na paz, para o bom andamento de tôdas as suas atividades internas e externas, as quais bem têm justificado sua existência como fôrça auxiliar, reserva do Exército Nacional, e instituída para a segurança interna e a manutenção da ordem desta terra fluminense.

O "Oficial de Diversões", denominação dada ao encarregado da Secção Recreativa, mensalmente, organiza uma sessão de teatro ou de cinema, à qual comparecem oficiais e praças e respectivas famílias, cada qual assiste à distração que lhe é prestada em local previamente designado.

A Secção Recreativa já possui em seu patrimônio material, uma aparelhagem de alto-falantes, uma discoteca e um projetor de filmes "Super 16". Colaborando com ela, várias Companhias de Comédias, ligadas ao amadorismo fluminense, têm vindo à "Caserna General Castrioto" a seu convite e gratuitamente.

O Serviço Religioso tem sido incrementado pelo sr. cap. Capelão da Guarnição de Niterói, através de pales-



tras morais e cívicas, proferidas aos sábados em formatura geral e sempre com a realização do "Cerimonial à Bandeira", denominação dada à formatura que se realiza aos sábados como coroamento das atividades da semana. Além dessas palestras, o citado padre vem procurando aliviar os sofrimentos das praças, quer com conselhos que lhes tocam à alma, quer mesmo com obras de assistência social, entre as quais destacamos a "Obra do Berço Militar", que tem por objetivo doar ao filho da praça um enxoval constituído de várias

peças indispensáveis ao mesmo e entre as quais figura o próprio berço.

O recreativismo e o Serviço Religioso têm, pois, as suas razões para constituírem fator importante na boa marcha das atividades militares, em tempo de guerra e de paz. Suas vantagens aí estão e foram expostas, deixando bem patente o quanto concorrem em prol do rendimento de tôdas as atividades de uma Corporação Militar, onde o trabalho, a ordem e a disciplina se impõem, acima de tudo, para justificar plenamente a sua existência.

(Transcrito de "O Treme-Terra", Niterói)

**Dr. SIGA aconselha:**  
**SEAGERS**  
**Gin ou Ginibitters**  
**SEAGERS DO BRASIL S.A.**

Ag. Pessina

The advertisement is enclosed in a rectangular border. It features a cartoon duck character on the right side, wearing a graduation cap with a halo, holding a smoking pipe in its beak, and holding a glass of gin in its webbed hand. To the left of the duck, the text is arranged in a vertical stack: "Dr. SIGA aconselha:" in a bold, sans-serif font; "SEAGERS" in a larger, bold, sans-serif font; "Gin ou Ginibitters" in a stylized, bold font with a dark background behind the words; and "SEAGERS DO BRASIL S.A." in a bold, sans-serif font. At the bottom left of the advertisement, there is a small signature "Ag. Pessina".



# Façamos do Cidadão um eficaz colaborador da Polícia

“Se é certo que a sociedade progride, que *le monde marche*, não é menos verdade que a delinqüência e seus meios de ação também progridem a par da ciência e do evoluir da sociedade”.

A marcha da criminalidade foi sempre assustadora em quase todos os países do mundo, em todos os tempos; daí as várias organizações policiais, que nada mais são do que “magistérios de prevenção e repressão”, haverem passado por transformações periódicas, a fim de que, melhor pudessem atender às necessidades sociais da humanidade, através dos tempos.

Sábria foi a interpretação de Manoel Viotti, famoso criminologista brasileiro, quando ao traçar um paralelo entre a cultura, a civilização e a criminalidade afirmou: “à medida que um país progride em cultura e civilização, a delinqüência requinta-se, assumindo aspectos fraudulentos e astuciosos, naturalmente porque, segundo uma lei fatal, a luta pela existência se torna cada vez mais intelectual”.

Já os Romanos, na antiguidade, perceberam a necessidade da existência de organizações destinadas exclusivamente à prevenção e repressão do crime; assim foi em Roma, onde se formou a primeira polícia do Universo,

com as características quase idênticas às que são hoje adotadas nas diversas organizações policiais do mundo.

A Inglaterra e a França, no início do século XVIII, organizaram suas po-

É passível de pena de prisão simples de quinze dias a dois meses, ou multa de duzentos cruzeiros a dois mil cruzeiros, aquele que, em lugar habitado e em suas adjacências, em via pública e em direção a ela, sem licença da autoridade, causa deflagração perigosa, queimadura, fogo de artifício ou solta balão aceso ( § único do Art. 28 da Lei das Contravenções Penais).





lícias, tomando para exemplo aquela instituição romana; no entanto, graças à cultura e civilização daqueles dois países, as novas organizações policiais se fundamentaram no princípio de que a polícia é uma necessidade social, devendo, por conseguinte, não somente atender às necessidades policiais dos povos, mas, também, às de caráter social.

Outras polícias foram criadas no velho mundo, tendo sempre como modelo as organizações vigentes na Inglaterra e na França, por serem as mais antigas e eficientes daquela época.

A verdade, porém, é que, não obstante as transformações pelas quais passaram e continuam a passar as organizações policiais de quase todos os países do mundo, os crimes e os criminosos continuam a existir, ameaçando o indivíduo e a sociedade.

A. Niceforo acertou, quando disse: — “o homem criou até aqui duas grandes formas de civilização, que em geral, podem ser chamadas civilização violenta, a antiga, e civilização fraudulenta, a moderna; na primeira, a luta pela existência exercitava-se pela força: nesta, a luta é engendrada antes pela astúcia do que pela força”.

Afrânio Peixoto, grande mestre da Medicina Legal e estudioso das questões criminológicas em nosso país, assim se expressou: — “O crime não morre, transforma-se. A profilaxia pela polícia e pela justiça, de um lado, o aumento do conhecimento e da inteligência humana pela própria obra da civilização, de outro lado, determinam no criminoso feições sutis, dissimuladas, das manifestações de suas tendências anti-sociais: o violento, facilmente apanhado e punido, transforma-se em

fraudulento, dificilmente suspeitado e provado”.

Interessante é, ainda, a observação feita por um estudioso do assunto: — “os malfetores são como os índios; enquanto vivem entre civilizados, eles se conformam com os hábitos e costumes destes; mas, restituídos ao seu meio, no seio de sua tribo, começam o seu antigo gênero de vida... E assim agem os delinquentes; seu verdadeiro ofício, o único que conhecem, é o crime, e não o trocam por outro”.

À vista dessas sábias observações, feitas por insignes mestres da criminologia moderna, é que somos obrigados a concordar que: “a função policial exige, na atualidade, uma atividade muito variada, complexa e delicada, que requer uma soma enorme de noções científicas e reclama uma série de conhecimentos práticos de tôdas as espécies, umas e outras aliadas a qualidades pessoais não muito comuns”.

John Edgar Hoover, atual dirigente do “*The Federal Bureau of Investigation*”, dos Estados Unidos da América do Norte, considerado, sem favor algum, o policial número um do mundo moderno, foi igualmente feliz ao afirmar: — “a função policial, na atualidade, atingiu o grau de uma profissão”.

Concordamos com essa assertiva, pois hoje, mais do que em qualquer época da história da humanidade, o policial é um profissional; daí ser essencial que todos os membros de organizações que tenham êsse caráter, recebam uma formação profissional moderna e aprimorada, ao lado da seleção pessoal que devem sofrer, a fim de que sejam empregados nessa importante função social, somente os verdadeiramente capazes.



Baseando-se nessa necessidade é que as polícias mais famosas do globo, periódicamente, procuram reorganizar-se, selecionando cada vez mais os seus componentes, ministrando-lhes ensinamentos os mais modernos, a fim de que possam melhor servir a sociedade por cuja segurança são responsáveis.

No entanto, ao lado dessa formação profissional dos policiais, que dia a dia se aperfeiçoam, buscando no seio das ciências os conhecimentos necessários ao esclarecimento e terapêutica do crime, na atualidade, achamos imprescindível que para completar o êxito da *ciência policial*, se torna mister que se ministre e se divulgue ao povo em geral, conhecimentos das leis penais, os quais, por certo, concorrerão grandemente para a prevenção e repressão dos crimes e das contravenções.

A difusão desses conhecimentos, evidentemente, deverá obedecer um plano popular, visto que se destina à população psicológica do cidadão comum, a fim de que o mesmo não só se torne um colaborador eficiente da polícia, mas ainda tenha possibilidade de conhecer os textos das leis penais vigentes no país, e, igualmente, tome conhecimento dos métodos e processos pelos quais os delinquentes agem no campo da criminalidade, visando lesar o bem-estar social.

Os ensinamentos acima, a nosso ver, seriam ôtimamente difundidos e ministrados através de campanhas periódicas de polícia preventiva, campanhas essas que seriam feitas por meios sugestivos, como sejam rádio, cinema, jornal, boletins informativos policiais e cartazes impressos com desenhos capazes de suggestionar o cidadão, mostrando-lhe não só figuras concretizando crimes e contravenções, mas também legendas capazes de suggestioná-lo psico-

lógicamente a respeito da significação e importância das organizações policiais no seio da coletividade e da cooperação do povo para com as mesmas.

A cargo das autoridades policiais competentes, nas sedes das delegacias de circunscrição na Capital e nas sedes das regionais e delegacias de municípios no interior do Estado, semanalmente, deveriam ser proferidas palestras populares sôbre polícia preventiva.

Aos alunos dos cursos primários e secundários, por exemplo, bem como para os dos cursos técnicos profissionais, ao lado de outras disciplinas, deveria existir uma que se referisse a conhecimentos sumários de polícia preventiva, com o objetivo de dar aos mesmos noção das leis penais e dos meios usados pelos delinquentes, para lesar a sociedade.

É contraventor, de acôrdo com o que preceitua o Art. 28 da Lei das Contravenções Penais, aquele que disparar arma de fogo em lugar habitado ou suas adjacências, em via pública ou em direção a ela.

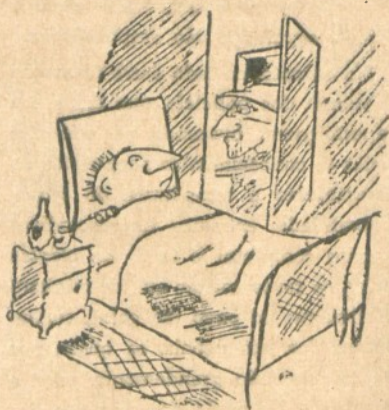




Essas campanhas, conforme se conclue do acima exposto, tratiam ainda o beneficio de estimular a cooperação que deve existir entre o povo e as organizações policiais. Por outro lado, viria trazer ao nosso policial a exata compreensão da responsabilidade que lhe cabe no exercicio da profissão que abraçou — educador e guardião do bem-estar social.

É interessante frizarmos aquí que vários países do mundo têm se beneficiado com semelhantes campanhas e, entre êles, podemos citar os Estados Unidos da América do Norte, a Inglaterra e a própria Argentina, onde existem "Clubes de Amigos da Polícia", destinados não só à difusão de conhecimentos policiais aos cidadãos, como também torná-los zelosos vigilantes da lei e do direito.

Como acabamos de expor, muito temos a fazer em nosso Estado e no Brasil no CAMPO DA PREVENÇÃO POLICIAL.



— Não se assuste. E' um pesadêlo!

(Il Setebello, Milão).

★

Nesta época de fraudes e mistificações, falsificam-se os gênios com a mesma facilidade que a manteiga; por isso há gênios de margarina.

(De Resumen, México).

★



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

**MAIZENA**  
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E  
**MAIS BARATO!**



# A Co-Autoria em Face do Código Penal

(Inteligência do Artigo 25).

A figura jurídica da "Participação no Ato Delituoso", constitui um dos mais importantes problemas do Direito Penal. Sobre êste assunto escreveram os maiores juristas da Itália, Alemanha, França e Brasil. Três doutrinas fundamentam a responsabilidade penal do agente que auxilia a execução do crime: a subjetiva, a dualística e a monística.

Segundo a doutrina subjetiva, também chamada — pluralística, — cada agente responde isoladamente pelo seu ato.

Vários crimes, vários autores. Foi defendida por Masari, insigne criminalista italiano. Segundo a doutrina dualística, na co-delinquência surgem dois crimes: — um, executado pelo autor principal e outro, pelo agente secundário, a quem se dá o nome de cúmplice. Êste sistema que é defendido — por Manzini foi adotado no Código Penal Brasileiro de 1890.

Segundo a doutrina monística, o crime é uno e indivisível, isto é, cada agente responde como se fosse autor — principal. É a chamada também teoria da equivalência das causas. Na obtenção do evento criminoso, as causas são idênticas. Ambas são eficientes na execução do desígnio delituoso.

O legislador penal de 1940, acompanhando o Direito Positivo Moderno, sufragou êste sistema.

Artigo 11 — "o resultado, de que depende a existência do crime, somente é imputável a quem lhe deu causa. Considera-se causa a ação ou omissão sem a qual o resultado não teria ocorrido".

Em consequência dêste dispositivo, o Código Penal vigente contemplou no artigo 25 o instituto da co-autoria.

Artigo 25 — "Quem de qualquer modo concorre para



o crime, incide nas penas a êste cominadas”.

Interpretações das mais errôneas tem sido dadas a êste preceito, principalmente por parte dos representantes da Justiça Pública, que por simples indícios de participação procuram fundamentar a co-delinqüência. Em face dos princípios jurídicos do Estatuto Penal vigente, o pensamento que se contém na expressão — “Quem de qualquer modo”, deve ser assim traduzido: para que se configure a co-autoria são necessários os seguintes requisitos:

- 1.º — Concurso de vontade sem concurso de ação;
- 2.º — Concurso de vontade e ação;
- 3.º — Relação de causa e efeito.

#### I

**Concurso de vontade sem concurso de ação.**

Com muito espírito, o genial Francisco Carrara concebeu dois elementos no ato delituoso; o moral e o fisico-la forza morale e la forza fisica — na expressão do insigne escritor peninsular. Acompanhando o pensamento do príncipe dos crimi-

nalistas, as legislações das nações cultas reputam doloso o ato resultante do concurso de ação e vontade.

Na vontade reside o elemento moral ou subjetivo e na ação o físico ou objetivo.

Entretanto, em matéria de co-autoria, basta o elemento intencional, volitivo. É o que se verifica na hipótese da autoria intelectual.

Considera-se autor intelectual aquele que delibera executar o crime por intermédio de outra pessoa. Contudo, é necessário que se investigue a intenção de quem planeja e convida o autor material a praticar o delito. Outrossim, para que sofra qualquer penalidade, é mister indagar se está caracterizada a — responsabilidade moral, se a intenção é realmente perfeita.

Sobretudo é necessário que o agente tenha agido com dolo determinado ao propor a execução do ato ao autor material.

Conseqüentemente, desde que se realize o evento relacionado com o desígnio do autor intelectual, responde êste — pelo crime previsto no artigo 25. Não é preciso a execução, basta a idéia criminosa perfeita.



## II

### Concurso de vontade e ação.

Do concurso de vontade e ação resulta a co-autoria material que se efetiva através da preparação, execução e consumação do ato delituoso.

Nesta modalidade de co-delinquência é necessário a verificação das duas forças, a subjetiva e objetiva.

A vontade de cometer a infração penal é o auxílio à execução, eis a co-autoria material. Segundo alguns criminalistas, como por exemplo, Haus, a participação ou auxílio deve ocorrer até o último ato da consumação, para que se caracterize a co-delinquência. Traduzindo o raciocínio do legislador brasileiro devemos estabelecer o seguinte: — para o co-autor material ser suscetível de punição, basta que tenha dado seu auxílio indiferentemente, quer na fase preparatória ou na de execução.

## III

### Relação de causa e efeito

Da interpretação do Estatuto Penal Vigente, surge uma circunstância imprescindível na caracterização da figura da co-autoria.

### Relação de causa e efeito:

Da relação de causalidade resulta a existência jurídica da co-delinquência.

“Considera-se causa a ação ou omissão sem a qual o resultado não teria ocorrido”. Este é o dispositivo que se contém no artigo 11.

A relação do artigo 25 “quem de qualquer modo”, encerra também o preceito do artigo 11.

Sobretudo é necessário que a intervenção do co-autor tenha realmente influenciado no evento criminoso.

Se o agente prestou um auxílio tal que sua interferência não bastaria para o crime ser cometido, não subsiste sua responsabilidade penal. A causa deve ser positiva, indispensável à execução do delito.

Figuremos o exemplo do cidadão A que querendo matar seu desafeto é convidado pelo cidadão B a pousar à noite em sua casa para que na manhã seguinte melhor possa praticar o crime. Afirmar que o cidadão B em hipótese, é co-autor, semelhante imputação não encontra acolhida nem no bom senso e nem na lei. O crime teria sido cometido independente da intervenção do cidadão B.



Em face do que vimos expondo, para que se configure o instituto da co-autoria são necessários os seguintes requisitos :

1.º — Vontade com dolo determinado e relação de causalidade cuja — causa deve ser eficiente, isto é, indispensável à execução do ato — autoria intelectual.

2.º — Vontade com dolo determinado, ação concreta e relação de causalidade cuja causa deve ser eficiente, isto é, indispensável à execução do ato — co-autoria material.

Eis a verdadeira inteligência do artigo 25 do Código Penal Vigente.



— Por favor! Sorria!

*Das coisas que nos acontecem, devemos aproveitar o sábio ensinamento que delas resulta — e nada mais; para não sermos como o gato que se senta em fogão quente. Esse bichano nunca mais se sentará em fogão quente — até aí, muito bem; mas ele vai além, evita também os fogões frios.*

*Mark Twain.*



# Coisas da Fôrça Pública

Cel. Anchieta Torres

## I

### “O QUE ME VALE É QUE NÃO ESTOU DE ESTADO”

Há 20 ou 30 anos atrás, era comum entre os oficiais da Fôrça, ouvir-se a frase que encima estas linhas, sempre que algum dêles queria eximir-se de responsabilidade ou deixar de dar parecer, quando consultado sôbre qualquer questão mais complicada, por algum camarada menos experiente.

Depois a moda passou e, agora, muito raramente, é ela empregada por um outro oficial mais antigo, o que deixa os novos de olhos arregalados sem nada perceberem, não encontrando nenhuma relação entre a pergunta e a resposta.

Preliminarmente, o estado a que se refere a frase é o serviço de estado maior, como então era denominado o serviço de dia aos corpos e estabelecimentos e a origem da frase prende-se ao primeiro serviço dado em certa corporação, — digamos logo qual, — no Corpo de Bombeiros, por um oficial recém-promovido.

Não havia ainda na Fôrça Pública as escolas de formação de que tanto nos orgulhamos e cuja eficiência ultrapassa os limites do Estado, trazendo para aqui oficiais e praças de outras corporações para freqüentá-las.

Então, as promoções eram feitas à vontade do Governo, concorrendo a elas qualquer sargento, preenchidas mais ou menos, teòricamente, certas formalidades.

Promovido a alferes, era concedido ao novo oficial um adeantamento de 800\$000 e oito dias de dispensa para se uniformizar, findos os quais ia fazer o primeiro serviço, em geral, o de estado maior.

O alferes X, recém-promovido, espadagão ao lado, atrapalhando-lhe o andar, fardado de azul-ferrete novo em fo-



lha, fôra escalado e recebeu o serviço, como de praxe, às 17 horas. Tudo corria normalmente, quando às 20 horas, tendo havido um incêndio na cidade, correu o oficial de prontidão para o fogo, ficando no quartel só o oficial de estado. Minutos depois era êle chamado ao telefone pelo delegado de serviço na Polícia Central que lhe solicitou providência sôbre um fato insólito que ocor-



ria nos jardins do Palácio do Governo: um louco mais ou menos humorístico, trepado em uma árvore, despira-se e estava discursando à multidão, que rodeava o seu improvisado palanque. Multidão masculina, naturalmente, porque a feminina prescindia do escandaloso espetáculo. O tenente X atrapalhou-se. Que providências tomar? Não ocorrera ainda, que fôsse do seu conhecimento, fato semelhante. Lembrou-se então do tenente "Juca Piloto", quarteleiro impenitente, que lhe poderia valer.

Morando nas cercanias do quartel, o tenente "Juca Piloto", era infalível, tôdas as noites, estivesse ou não de serviço, viria ao quartel observar os aconte-

cimentos, segundo dizia. Para êle o lar servia apenas para tomar refeições e dormir quando de folga. Fora disso, o quartel era sua residência habitual.

Efetivamente, como era previsto, encontrava-se êle no quartel.

Posto ao fato do que ocorria pediu ao alferes de serviço que repetisse o caso do louco. O oficial de estado maior, esperançoso, repetiu a história, aguardando do velho tenente uma orientação, quando êste, tomando do quépi, resmungou como se falasse consigo mesmo: "Hum... um louco trepado numa árvore... providências... O que me vale é que não estou de estado!!".

E raspou-se do quartel.

## II

### ALFERES EM COMISSÃO

Nos últimos anos do século passado, São Paulo progredia a passos gigantados. A onda verde dos cafezais saltara do Vale do Paraíba e caminhava avassaladoramente para o Oeste. Cidades nasciam de um dia para o outro, povoavam-se os sertões, sítios ou fazendas de hoje, eram as vilas e as cidades de amanhã.

Surgiu então um sério problema. Zonas novas desbravadas povoavam-se, enriqueciam-se e, naturalmente, atraíam os malfeteiros. Criavam-se destacamentos policiais, mas faltavam, à sua frente, pessoas de responsabilidade, capazes de resolver de pronto e serem obedecidas pela sua posição. O serviço policial de carreira estava no seu início. A oficialidade da Fôrça fôra totalmente absorvida e o Estado não dispunha de elementos para aumentar o seu efetivo.

Urgia uma providência. E ela veio com a criação do *alferes em comissão*.

Pelo § 1.º e seguintes, do artigo 3.º da Lei n.º 653, de 16 de Agosto de 1889, foi autorizado o comissionamento no posto de alferes, dos inferiores necessários ao comando dos destacamentos mais importantes. Recebiam êles, por conta do Estado, o uniforme e o armamento de oficial, enquanto que continuavam a perceber os vencimentos da graduação efetiva.

Êsses alferes em comissão prestaram relevantes serviços ao Estado e, quando chegou a Missão Francesa, ainda havia quatro dêles. O almanaque da Fôrça para 1907 registra os nomes de dois. No de 1908 não consta nenhum, do que se depreende tenham os dois remanescentes se reformado no ano anterior.



### III

## COMPRE UM PENTE E VÁ ...

Houve, outrora, nas fileiras da Força Pública, ilustre oficial que se distinguiu pela sua bravura, pela sua inteligência, pelo seu amor ao trabalho e à disciplina e pelo cuidado que dispensava à sua boa aparência.

O nosso focalizado, ainda moço, notou, certo dia, que sua bonita cabeleira



castanha, estava... "azulando", o que muito o contrariou.

Então, ainda não havia sido feita a grande descoberta divulgada pela celebre marchinha carnavalesca: "E' dos carecas que elas gostam mais". Ignorando

tal verdade, o nosso herói passou a defender-se com unhas e dentes e todo cobrinho disponível era empregado na compra de loções, cosméticos e outras inutilidades que fazem a fortuna dos droguistas mais espertos.

Certa feita, apareceu nos jornais um anúncio espetacular de um preparado maravilhoso. Era só passá-lo na cabeça, comprar um pente e ir ao cabeleireiro, porque com o seu uso, cabelo era "mato". Um amigo, sabedor do empenho que nosso oficial tinha em segurar os poucos fios de cabelo que ainda lhe restavam e da sua zanga com qualquer referência a respeito, recortou o anúncio, colocou-o em um envelope e o enviou ao colega.

Este deu o cavaco e, certa ocasião, encontrando-se com o seu cunhado, a quem atribuíra a remessa, interpelou-o, embora em ar de brincadeira:

— Olhe seu fulano. Eu recebi aquele recorte de jornal e se você pensa que eu me zanguei, está muito enganado.

Uma filhinha que estava presente, ao ouvir a conversa, apartou-se, com tôda a ingenuidade:

— E' mesmo titio. O papai não se zangou quando recebeu o anúncio. O que o amolou bastante foi ter comprado uma porção de vidros do seu remédio que não fêz nenhum efeito.



O êxito consiste em conseguir o que se deseja; e a felicidade em desejar o que se conseguiu.



# Valner

---

Péricles Nogueira Santos

*Pobre filhinho! Tanto mimo feito,  
tanta roupinha quente preparada  
e êle foi, de uma campa desolada,  
fazer o frio e derradeiro leito.*

*Quanta esperança paternal ceifada,  
quanto sonho de amor rôto e desfeito!  
E eu, que sentira o céu dentro do peito,  
do inferno transportei-me à rude enseada.*

*Hoje, resta-me apenas, que me alente,  
fé excelsa em que um dia, novamente,  
possa tê-lo a sorrir nos braços meus...*

*E, enquanto esperarei, saudoso e allito,  
meu filho há de ficar, lá no Infinito,  
guardado para mim nas mãos de Deus!*

(Do livro "Lâmpadas Votivas")



# Segurança e bem estar públicos

1.º ten. Agenor Grohmann

Estamos na era dos bombeiros. Assunto palpitante para todos aqueles que voltam suas vistas para a segurança e o bem estar da laboriosa população bandeirante, mormente se considerarmos que esse problema de há muito vinha sendo relegado para um segundo plano, especialmente nas cidades do interior.

É de notar-se que no «hinterland» contamos com grandes cidades onde se acumulam verdadeiras reservas do imenso parque industrial paulista, e é forçoso também reconhecer-se que nestas cidades, os bens patrimoniais do nosso parque, sua produção e ainda mais a integridade física de milhares de operários estão a mercê da sorte, uma vez que nem sequer de serviço de prevenção contra incêndios dispõem os respectivos órgãos municipais (aqui não nos referimos às cidades de Santos, Campinas e Ribeirão Preto que mantêm seus Corpos de Bombeiros e que ótimos serviços têm prestado ao público).

Ninguém ignora que este terrível fenômeno físico-químico, o fogo, é implacável em seu efeito destruidor, e muito bem o podem atestar as autoridades do nosso interior, que têm assistido, sem nada poder fazer pela absoluta falta de meios, a verdadeiras catástrofes que trazem lamentáveis

conseqüências para a economia nacional, quando não levam também consigo vidas irreparáveis.

Na Capital, onde o problema toma aspecto de maior vulto, já está esboçado um plano de reorganização do Corpo de Bombeiros, que visa principalmente fazer u'a melhor distribuição e localização das «estações», uma vez que a atual divisão da cidade e a localização das atuais sedes de «Zona» não mais condizem com o desenvolvimento da metrópole, que assustadoramente tem crescido em tôdas as direções, sem respeitar a nossa topografia, ingrata por excelência para o desempenho da missão afeta aos «soldados do fogo».

Com relação ao problema do interior, o Comando Geral da Fôrça num gesto de franca cooperação, já foi de encontro aos poderes municipais de diversas cidades importantes, que sem dúvida necessitam de organizar seus Corpos de Bombeiros, facilitando-lhes sobremodo o cumprimento do dispositivo constitucional que atribue ao município o encargo de manter os serviços de que estamos tratando. Assim procedendo, foi que a Fôrça Pública, numa fraternal cooperação estendeu as mãos ao povo do interior, facilitando-lhes a obtenção de seus justos reclamos, uma vez que com o estabelecimento de

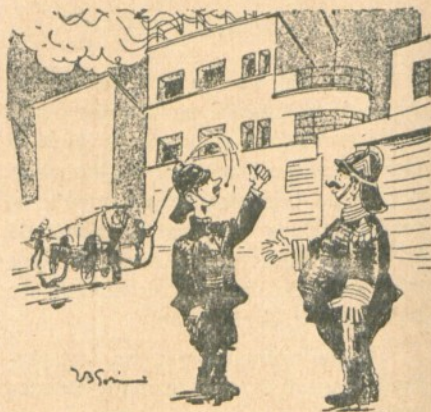


um corpo ou destacamento de bombeiros em determinada cidade, esta teria implicitamente uma reserva para o seu destacamento policial, a facilidade de instalar outros serviços de assistência ao público tais como: serviço de salvamento em geral, «assistência pública» para a remoção de doentes e feridos em acidentes e muitos outros serviços, que como sabemos, na Capital são desempenhados pelos bravos soldados do fogo.

Não houve necessidade de insistência para que os ilustres representantes da bela Araraquara, dando mostras de que procuram, na realidade, corresponder à confiança que lhes foi depositada pelo eleitorado local, calculassem a extensão da medida proposta, adotando logo tôdas as providências para dotar a cidade de mais um melhoramento de grande utilidade pública.

Parabens, pois, representantes dos poderes municipais de Araraquara, pioneira dos destacamentos de bombeiros do interior. Seguindo-lhe o exemplo, os demais municípios, muito cedo poderemos orgulhosamente proclamar que em todo o

Estado sua população poderá tranquilamente descansar após os dias de intenso labor, porque o soldado do fogo, onde estiver, é sempre uma sentinela avançada da segurança e do bem estar públicos.



#### INCÊNDIO EM CRETINÓPOLIS

— Comandante! O incêndio lava no 3.º andar, mas o jacto chega só até o primeiro. Que fazer?

— Espere que o fogo desça até o primeiro...

(420, Florença).



O escritor independente e honrado deve ao público, não uma parte ou um aspecto da verdade, sinão tôda ela. As verdades inconclusas ou fragmentárias constituem u'a mentira.

(De Resumen, México).



Condoer-se dos sofrimentos do proximo é facil; difficil é comprazer-se com os seus triunfos.

Oscar Wilde.



# A história é esta...

O mameluco no Planalto. Papel de João Ramalho no contacto entre duas raças diferentes. A fundação de São Paulo. Espírito e atividade militares dos paulistas. O apresamento. A agricultura no Planalto.

## CAPITULO II De 1554 a 1600

Vimos, no capítulo anterior, como se processou a transposição da Serra do Mar pelos colonizadores lusos, forçados mais pela depressão econômica causada pela "primeira batalha do açúcar" entre o litoral vicentino e o Nordeste.

Agora, no Planalto intra-serra, vai o colonizador encontrar novamente uma série de dificuldades a vencer, tais como os ataques dos índios em maior número e, principalmente, o isolamento crescente, não só do litoral, como da Metrópole. No Planalto, os moradores se encontravam num duplo isolamento, determinando a formação de um espírito próprio e uma organização já militar para dispersar os ataques dos índios, auxiliar outras regiões agredidas.

A presença de João Ramalho no Planalto, facilitou a chegada de portugueses vindos do litoral, permitindo, assim, o contacto íntimo com os índios sem o uso de violência, como já haviam feito os colonizadores espanhóis em suas colônias da América.

A medida que a depressão e as dificuldades econômicas se faziam sentir

no litoral, que perdia lentamente a produção agrícola açucareira para o Nordeste, outros moradores lusos também do litoral, seguem na esteira dos primeiros vanguardieiros através os trilhos bastante repisados da serra, transpondo o paredão e se juntando com os demais do Planalto, aumentando, assim, o caldeamento com os nativos da região.

A micingenação prontamente se realizou entre o português e a indígena, de uma forma ilegal, porque não podia ser de outra maneira. As mulheres brancas não imigravam, no início. Só vieram os homens.

O mameluco, mescla do aborígene e do europeu, herdou os sentimentos, o arrôjo e a coragem do tronco luso e, da parte indígena, a característica belicosidade. Essas qualidades do nosso mestiço, produto já da terra, mais se acentuaram pelas dificuldades do meio "... que impunha, como suprema necessidade de subsistência no planalto, o bem manejar da escopeta e da pistola, o esgrimir perfeito da espada rutilante e o firme empunhar da adaga afiada e ponteaguda"

(5).

(5) Alfredo Ellis — "Raça de Gigantes", 241



Surge, assim, o mameluco no Planalto, como uma "raça de gigantes", na feliz e sábia expressão de Saint-Hilaire ao se admirar dos feitos dessa gente audaciosa de Piratininga, que qualificou de verdadeiros "gigantes de sete botas".

Essa expressão feliz deu margem a que o insigne historiador, professor e também bandeirante cultural de nossos dias, Alfredo Ellis, escrevesse uma de suas obras, da qual tantos ensinamentos bebemos.

Mas não faltou quem criticasse a fórmula dada por Saint-Hilaire, querendo uns classificar o mameluco como um mestiço em degenerescência ou degradação, segundo o mestre Lapouge, em seus trabalhos de antropologia, enquanto que outros, como o próprio Alfredo Ellis, opondo-se a essa interpretação errônea, afirma, apoiado em fatos concretos, que o mameluco constitui uma sub-raça específica, com seus característicos antropológicos bem definidos e distintos, dizendo :

*"seja, porém, como for, a verdade incocussa, é que os mamelucos paulistas constituíram uma sub-raça fixa, eugênica, com os seus atributos inigualáveis de grande fecundidade, magnífica longevidade e espantosa varonilidade"* (6).

Outros sociólogos e mesmo alguns historiadores acompanham, nos estudos gerais dos mestres especialistas do assunto, esta ou aquela teoria ou interpretação e, mesmo com relação à própria linha de partida do tronco genealógico da gente planaltina, as afirmações divergem, dizendo alguns, seguidos por tantos outros, que os antepassados de além Atlântico dos mamelucos, eram de raça loura ou do grupo "homo-euro-

paeus", de Lapouge, isto é, do norte de Portugal, enquanto outros confessam categoricamente pertencerem ao grupo ou tronco do "homo-meridionalis", de Rippley, isto é, do sul da Lusitânia, sendo os primeiros dolicocefalos louros e os segundos dolicocefalos morenos.

A corrente mais aceita a este respeito, penso eu também, é a de que os primeiros colonizadores lusos vindos às plagas vicentinas eram pertencentes ao grupo dolicocefalo moreno, do sul de Portugal, de cujo contacto com as indígenas, gerou o mameluco.

Por outro lado, o economista, segundo seus estudos e conclusões, procura resolver o caso da "raça de gigantes" como se os feitos dessa gente audaciosa e conquistadora fossem motivados exclusivamente pela base econômica, segundo a fórmula de produção, já enunciada, que é a responsável direta ou indireta de todos os movimentos e atividades humanas. Dessa maneira, quer a origem do mameluco seja do grupo louro, quer do grupo moreno, o fato é que a base econômica é a causadora exclusiva dos feitos dos bandeirantes mamelucos, na sua marcha de expansão para o sul e oeste, levando nossas fronteiras geográficas até o Prata e os contrafortes dos Andes.

De qualquer forma, o fenômeno "bandeira" — sua maneira, causas e conseqüências, sua penetração — é exclusivo do planalto. Foi mesmo uma constante planaltina nos primórdios de nossa formação.

Feita essa digressão, voltemos ao caso de João Ramalho e sua importância de contacto entre as duas raças.

Relevante papel teve João Ramalho, que no Planalto casou com Bartira,

(6) Alfredo Ellis — Ob. cit., 88.



filha de Tibiriçá, na alvorada bandeirante.

Ele tinha o seu reduto em Santo André da Borda do Campo. Sua presença ali punha em contacto duas civilizações opostas e diferentes: a da Terra, rudimentar, senhora e dominadora do solo ainda virgem; a adventícia, civilizada, conquistadora, querendo impôr-se e dominar, sem emprêgo, todavia, da violência, graças à intervenção de João Ramalho, taxado de degredado, judeu, inimigo dos jesuitas e analfabeto. Além disso, João Ramalho facilitou aos portugueses a penetração e fixação dos primeiros colonizadores, em terras vicentinas, já no Planalto intra-serra. O contacto humano entre portugueses e indígenas, iniciado desde aí por João Ramalho, vai paulatinamente aumentar à medida que se firma a consolidação do poder luso na nova região, com a vinda de novos elementos do litoral.

Os jesuitas, na obra de catequese, sobem ao Planalto com o objetivo de cristianizar os índios, para o que contaram com o apóio da gente de João Ramalho. Mas, para evitar submissão ao poder ou autoridade daquele português, fundaram eles os seus núcleos de catequese afastados de João Ramalho, surgindo, daí, a Vila de São Paulo, cuja fundação se deu no dia 25 de janeiro de 1554.

O início da Vila se deu no local hoje chamado Pátio do Colégio. A sua localização se realizou *estratêgicamente*, isto é, os jesuitas, ao lançarem os primeiros fundamentos da civilização cristã, representados pela cruz e a simples palhoça, depois Colégio, escolheram justamente o local onde ficavam abrigados dos ataques dos índios das partes baixas dos rios Tietê, Tamanduatéi, Anhangabaú e baixada da Várzea do Carmo.

Uma vez firmado pé nesse ponto, e agrupando-se os moradores ao seu redor, logo mais, ainda por necessidade de defesa, fundaram-se outros colégios, quais sejam os de São Bento, do Carmo e São Francisco, cercando-se, assim, o "triângulo" gerador da futura Vila de São Paulo, hoje verdadeira Metrópole.

Solidificada a posição da Vila nascente, cuidaram os seus moradores de se dedicarem à agricultura e à criação de animais domésticos, indispensáveis à subsistência.

Para garantir o pequeno núcleo que florescia, os fundadores de Piratininga, dotados de *espírito belicoso*, lançaram imperiosamente suas vanguardas mais além, surgindo, assim, os aldeamentos dos índios de São Miguel, a nordeste; o de Juquerí, ao norte; o de Parnaíba, a oeste; o de M'Boy, a sudoeste e o de Santo Amaro, ao sul.

Esses postos ou pontos estratégicos barravam os ataques dos índios das terras baixas adjacentes, impedindo a destruição da vila incipiente.

Para completar esse sistema defensivo ao redor do centro, como um círculo de barragem fortificada e, para facilitar a comunicação e ligação entre o núcleo gerador e os demais postos de vanguardas, as medidas de segurança se completaram pela instalação de novos postos intermediários, como o da Penha, na direção de São Miguel; o de Sant'Ana, na direção de Juquerí; o de Pinheiros, na direção de M' Boy, e o de Campo, na de Santo Amaro.

Garantido o domínio das partes altas, a estabilidade e o progresso da Vila de pronto se realizaram, graças ao "*espírito econômico*". Os seus moradores intensificaram necessariamente, pelo desenvolvimento natural do povoado, as suas plantações diversas tais como o



trigo, vinha, de onde se fazia bom vinho, o açúcar, o marmelo, etc., bem como de pequena criação de animais domésticos.

A evolução dessa economia agropecuária, no Planalto intra-serra, ao redor da Vila e que depois se estendia, era o início da *policultura*, tendo como base a *pequena propriedade*. Ambas as formas, determinadas pelo isolamento a que ficavam submetidos os moradores do Planalto, levaram-nos a uma *autarquia* quase completa. Como consequência, desenvolvia-se um espírito próprio, independente da Metrópole e, daí, o *self-government*, tão bem característico da sociedade política que se formava, no Sul da Colônia.

Pouco a pouco, sempre unidos, mas independentes do conjunto colonial, em pleno abandono e *insulamento* intra-serra, o regime de pequena propriedade de "*légua e meia em quadra*", se firmava como base da divisão das terras aproveitadas na região, através da *policultura* e criação de gado, si bem que em número bastante limitado. A produção e consumo eram feitos reciprocamente e in-loco. Dependiam uns dos outros para viverem e comerciarem, porquanto, de fora, nada ou pouca coisa lhes chegava, a não ser certos artigos ou produtos, indispensáveis.

As possibilidades de comércio para a produção planaltina, eram fracas e incipientes e até irrealizáveis, porquanto, além da concorrência dos produtos importados, o que nem sempre se fazia, em virtude das dificuldades de transportes, não só internos, como externos, havia o da falta de meios aquisitivos, obrigando o planaltino à troca direta ou escambo de seus produtos, mas entre eles, somente. O isolamento duplo e crescente, quase completo, de tudo e de todos, na Colônia, obrigou ao retalha-

mento da terra em pequenos lotes, logo depois transformados em pequenas propriedades, uns próximos aos outros, não só pela necessidade econômica, como pela da defesa e da própria sobrevivência dos seus moradores.

Há, naturalmente, na evolução histórica da gente planaltina, um paralelismo econômico-militar que se evidenciava mesmo na formação da estrutura social e política. Porém, a base é a infraestrutura econômica a formar uma super-estrutura, isto é, a autarquia, condicionando a sociedade com os característicos próprios: um espírito próprio; uma independência de ação; um espírito essencialmente democrático e rebelde aos mandos e desmandos do governo da Metrópole.

Desde aí, em função dessa marcha, os moradores do planalto intra-serra se viram obrigados a aplicar, embora inconscientemente, o aforismo estratégico, isto é, "unindo-se para viver e dividindo-se para combater", cousa que se manifestou em sua plenitude de aplicação, durante a fase do *bandeirismo do apresamento*, em sua marcha de expansão para o sul e oeste da Colônia.

Todas essas características que acabamos de verificar, existentes na evolução da sociedade planaltina, baseadas na infraestrutura econômica, contrastavam com as que se desenvolviam no Nordeste açucareiro. Este, pela sua infraestrutura econômica, a exploração da cana de açúcar, em grande quantidade, determinava também uma super-estrutura específica, original, isto é, uma sociedade escravocrata, latifundiária e monocultora.

Essas duas sociedades, a do Sul, democrata e independente e a do Nordeste, escravocrata, esta dependente do governo português, criavam dois



Personagens característicos, que as dirigiam: o "Cabo de Tropa", na primeira, com seu trabuço prêso à cintura, e o "Senhor de Engenho", com sua enxada prêsa ao soço. E, enquanto a primeira se "unia para viver e dividia-se para combater", a segunda se "dividia para viver e se unia para combater". A primeira sociedade se desenvolvia, partindo de um ponto principal a vila de São Paulo, e se irradiava em forma de leque, sempre com as costas voltadas para o Oceano. A segunda se desenvolvia partindo de vários pontos juntos do litoral, em forma paralela a êste litoral, com a frente voltada para o Oceano.

É durante o período de 1600-1650 que essas duas sociedades se definem, no conjunto da Colônia.

Depois da fundação de São Paulo, os jesuitas, sentindo-se fortes pelo apôio dos próprios índios catequizados, vão lutar contra João Ramalho. Na realidade, vai se travar um conflito de liderança entre os dois núcleos dominantes: São Paulo e Santo André, ou mais propriamente, entre os jesuitas e João Ramalho.

Os portugueses, consolidadas suas posições no litoral, não vão, agora, precisar mais de João Ramalho. Já existe um govêrno português organizado, na Colônia. Até então, era êle, o capitão-mór de Santo André e defensor da Vila, sem interferência do govêrno português. Porém, com a instalação do núcleo de São Paulo, João Ramalho perde grande parte de seu prestígio e mesmo sua razão de ser.

São Paulo está, agora, organizada. Está em condições de se defender e, além disso, apoiada no govêrno português. Entra em choque com João Ramalho, mas Mem de Sá, como terceiro

governador da Colônia, resolve o conflito, tirando de Santo André a sua autonomia municipal, desaparecendo, assim, a Vila (1560), passando os seus moradores a residir em São Paulo, como o próprio João Ramalho.

Era a vitória dos jesuitas. Para êstes, João Ramalho era um perturbador da obra de catequese. Mais tarde, êsse conflito se repetiu entre os padres e os bandeirantes, que chegaram a expulsá-los do Planalto, em 1641, quando os atritos atingiram ao máximo da agudeza. A rivalidade parecia o instinto transmitido através de gerações sucessivas e cristalizado na pessoa do bandeirante, preador, do caçador de índios.

Essa oposição dos padres, que se intensificava com o preamento dos indígenas, era a "justa causa" de cristianização dos selvícolas, como "justa" era a causa do apresamento dos planaltinos, apesar de ser "injusta" a caça do homem em guerra "não declarada". Isso teve início com João Ramalho, que em seu reduto, monopolizava o comércio de escravos vermelhos, cousa condenada pelos padres catequisadores.

Com essas dificuldades tôdas e, em função daquela infra-estrutura do aglomerado piratiningano, isolado de tudo e de todos, intensificava-se proporcionalmente o sentimento de belicosidade dos planaltinos. E, mui sãbiamente, assim se exprime o professor Alfredo Ellis:

"O espírito belicoso, no Planalto, foi evoluindo progressivamente com a idade. A defensiva timorata do juvenhentismo, se transfigurando na arrojadada ofensiva bandeirante, que lhe succedeu no seiscentismo, foi o meio dos moradores submeterem a rude prova as suas virtudes de temeridade e intrepidi-



dez, complementos indispensáveis ao desenvolvimento da belicosidade" (7).

Com esse sentimento de belicosidade ofensivo, conseqüente da depressão econômica, que se desenvolve no seiscentismo, indispensável para sobreviver, os paulistas do Planalto adquiriram progressivamente esse caráter de independência do governo luso, na Colônia, e que aparece gritante já na liderança da Vila de São Paulo sobre Santo André, punha em contacto ambos os municípios, por ocasião do conflito entre ambas as Vilas, resolvido pela intervenção de Mem de Sá, a favor da primeira.

A vitória de São Paulo sobre Santo André punha em contacto ambos os núcleos com o litoral, onde se encontravam os de Santos (este fundado por Brás Cubas, em 1543 e levado à vila em 1556) e o de São Vicente. Mais tarde, já com o café, no Império, foram ligados pela estrada de ferro, pondo, assim, necessariamente mais em contacto estreito o Planalto paulista, produtor e consumidor dos produtos importados e o pôrto, como exportador e importador ao mesmo tempo.

São Paulo organizada, fortificada, em contacto com o litoral, se bem que precariamente, nessa ocasião, passava a dominar esta região, atendendo-a sempre que necessário contra os ataques dos índios e dos piratas estrangeiros, que infestavam o litoral da Colônia. Mas, esses auxílios ou socorros militares, por parte dos planaltinos, se estenderam a outras regiões similares e distantes, também constantemente vigiadas e atacadas por aqueles inimigos da obra colonizadora lusa. Assim é que, em 1565, parte uma expedição de socorro para a fundação do Rio de Janeiro, a

fim de expulsar os franceses; em 1567, nova expedição de socorro, com a mesma finalidade; em 1639, outra expedição para auxiliar a restauração da Bahia contra os holandeses; em 1639, ainda, nova expedição para auxiliar o Conde da Torre; em 1647, outra expedição para auxiliar a Bahia contra Van Skoppe; em 1659, outra expedição de Barbosa Calheiros contra os índios confederados — os *Bárbaros*, no Recôncavo Baiano; em 1662, temos a expansão de Francisco Dias Velho para Santa Catarina; em 1671-1674, Estevão Ribeiro Bayão Parente dirige a expedição contra os já citados índios, na Bahia; em 1694, auxílio de Domingos Jorge Velho, no Nordeste, contra os *Quilombos*; em 1695, destruição dos índios *Bárbaros*, no Nordeste, por Matias Cardoso de Almeida, etc. . .

Vimos como a atividade militar dos planaltinos se estendeu a outras regiões do Brasil-colonial, à medida que as necessidades se faziam sentir aproveitando-se assim dos bandeirantes preadores para a defesa da Colônia dos ataques dos índios revoltados e dos piratas estrangeiros. E, o aproveitamento dos planaltinos, como auxílio militar, se faz mais necessariamente para ambas as partes, quando advém a crise econômico-financeira, após a queda do açúcar do Nordeste, isto é, a partir de 1650, quando os paulistas se organizam militarmente em frente comum com os colonizadores, na obra de colonização e estabilização da Colônia.

A fonte de toda essa energia guerreira dos paulistas é a atividade do bandeirismo do apresamento, que é uma conseqüência da produção do açúcar nordestino. Isso tem início em 1600.

(7) Ob, cit., 243.



Essa atividade preadora começa ao redor da Vila de São Paulo, com os índios bastante numerosos e semi-domesticados pelos padres, e se estende paulatinamente para outras regiões da Colônia e além-Tordesilhas. Mas, nesta altura, Portugal se encontrava sob o domínio da Dinastia Filipina e, como tal, a Colônia (Brasil) se achava automaticamente sob o domínio espanhol, cousa que vai até 1640, quando se dá a Restauração portuguesa, pela independência política conquistada.

Durante êsse período de dominação espanhola, não existia praticamente a linha de separação entre as duas colônias, na América. Como tal, sem fronteiras de separação, sem obstáculos por parte dos espanhóis e ispano-americanos, não foi difícil a expansão por parte dos bandeirantes planaltinos para regiões onde a "humana mercadoria bélica" era mais abundante e mais fácil de conquistar. Daí as incursões dos "condottieri" bandeirantes para a região do Guará, (hoje, Estado do Paraná) Tape, Itatins, Sete Povos, etc., sempre em direção ao Sul, principalmente onde se supriam os desbravadores bandeirantes para a sua indústria bélica de capturação. Foi justamente nesse período de dominação espanhola, que a expansão preadora bandeirante atinge o máximo de elasticidade e conquista regiões novas, transferidas mais tarde para o domínio da Colônia portuguesa, depois Brasil.

Por outro lado, as necessidades de consumo da "humana mercadoria bélica" por parte do Nordeste açucareiro aumentavam e intensificava-se a atividade preadora por parte dos planaltinos, quando se dá o domínio holandês, naquela parte da Colônia, isso de 1532 a 1554, espaço de tempo em que o tráfico de escravos negros permaneceu interrompido.

Assim sendo, a única fonte de produção da mão de obra para o Nordeste era o braço escravo vermelho aprisionado pelos bandeirantes.

Nêsse intercâmbio econômico entre as duas áreas extremas da Colônia, a produtora de açúcar e consumidora do braço escravo vermelho, e a preadora dêsses mesmos escravos e consumidora de energia guerreira, o povoamento se condensava mais no Nordeste, pela entrada de grandes levas emigradas de Portugal, atraídas pelas riquezas usufruídas vantajosamente da região, enquanto o Sul se isolava cada vez mais da Metrópole. Enquanto a primeira se aproximava econômica, social, política e intelectualmente da Metrópole, a segunda se despovoava, em benefício de outras regiões além do Planalto, para onde iam seus melhores elementos, levados pelas bandeiras, na sua marcha de expansão. (8).

Mas tarde, êsses movimentos são completados, consolidados pelo movimento pastoril.

(8) No quinhentismo, o elemento indígena dominava no Planalto e poucos eram os portugueses, ou lusitanófilos, o que não acontecia no Nordeste, principalmente no período em que começa a exploração da cana de açúcar. Na Capitania de São Vicente, no quinhentismo, os elementos lusos se concentravam mais no litoral, enquanto que no Planalto dominavam os indígenas e um número relativo de mamelucos. Calcula-se, nessa época, uma população de 4.000 almas, na Vila de São Paulo, sendo 3/4 de ameríndios. Já no século seguinte, isto é, no seiscentismo, essa população aumenta para 6.000 almas, havendo, todavia, predominância de sangue ameríndio.



# Acautelem-se os Cidadãos!

Ten. Cel. Solon Andrade de Araújo  
Da P. M. do Rio Grande do Norte

Ainda existem no Brasil problemas sociais que estão sendo negligenciados. Alguns, como o que vamos agora discutir, são de suma importância para a vida da Nação.

A defesa da raça, que tanto nos havia de interessar, está a pedir-nos maiores atenções. A nossa gente, por amor à rotina, continua seduzida por um vício perniciosíssimo — a alcoolatria. As estatísticas sobre o consumo do álcool são mais aterradoras do que nunca e este consumo, pesa-nos dizer — é quase todo pessoal e compromete, inevitavelmente, a existência da geração presente e da geração futura. Começemos contra tal vício um novo combate, atraindo, desta vez, para nossas fileiras, o concurso da mocidade voluntariosa. Interessemos também a imprensa nessa cruzada. É preciso que cada um se transforme em preceptor de emergência, com uma nobre missão a cumprir. Não temos notícia de que as escolas públicas mantenham, em seus programas, algo sobre a temperança como garantia da saúde do corpo. Só o escotismo faz exceção à regra. Entretanto, sabemos que até os escolares bebem, mas, bebem sem saber que estão ingerindo um veneno letal; bebem porque não sabem ser o álcool um produto que não nutre as cédulas do organismo,

mas as corrompe nas suas nobilíssimas funções. Urge que lhes ensinemos esta particularidade para que não seja ameaçada a integridade física e orgânica dos seus descendentes. Penetrando o conhecimento do assunto, talvez substituam, de pronto, os vinhos e as ratáfias pelos xaropes e sucos tonificantes. Agora, mais do que nunca, temos necessidade imperiosa de suplementar o ensino com permanentes conferências públicas, como já o aconselharam, em outros tempos, os melhores educadores. Procuremos restabelecer as *semanas anti-alcoólicas*, que parecem de todo esquecidas.

Com esta evocação não estremeçã, por certo, os epicuristas. O nosso brado não há de estarrecer os propagadores da levedura, nem os filopanças de cabaré e botequins. Não insistiremos por uma lei seca. Teríamos um exército de opositores, se assim podessemos. E a nossa tentativa poderia resultar inútil. Queremos, apenas, sanar o mal e impedir que ele chegue até nossos filhos. Estes, mais tarde, quando já tiverem criado a sua personalidade, se encarregarão do resto. E, cremos, surgirão, não muito longe, peitos e braços fortalecidos, que formarão, no Brasil, aquela muralha intransponível que os poetas nacionalistas tanto cantaram na sua lira.



## COISAS QUE PODÊM

### ACONTECER

Corria normalmente o dia na cidade de Santos quando, ao entardecer, a Unidade entrou de rigorosa prontidão. Meia hora mais tarde, caminhões conduzindo tropa da Fôrça seguiam para vários pontos da cidade, a fim de guardar lugares de interesse vital, pois havia perspectiva de qualquer perturbação da ordem.

Entre os locais a serem policiados encontravam-se os depósitos de Alemôa, desvio da Estrada de Ferro Santos a Jundiá, de propriedade da Cia. Docas de Santos, nas proximidades do nosso maior pôrto de mar.

Coube o comando do Pelotão para ali destacado ao Ten. «X». Rapaz bom, meio «vantagem», metido a «crente» para com os outros, logo que chegou ao local onde devia tomar disposições para manter a vigilância, reconheceu o terreno, visitou os depósitos, escalou sentinelas, determinou o armazém que deveria servir de alojamento à tropa, escalou os rondantes para a noite que se aproximava e, já um tanto cansado, se dispôs a dar ao corpo o necessário repouso, a fim de estar em condições de enfrentar qualquer situação, a qualquer momento.

Não encontrando nas imediações um lugar compatível para seu alojamento, «escalou» uma galera da estrada de ferro, para instalar o

seu posto de comando, pois presumia que fôsse passar muitos dias na região. Designou então um soldado para sua ordenança e determinou-lhe que, antes de se recolher ao alojamento das praças, colocasse uma taboleta na porta do vagão, indicando



do o lugar do comandante da tropa da guarnição de Alemôa. Dada a ordem, saltou para o vagão, fechou-se por dentro, atirou-se sobre um colchão previamente selecionado e entregou-se ao sono reparador.

A ordenança, no cumprimento



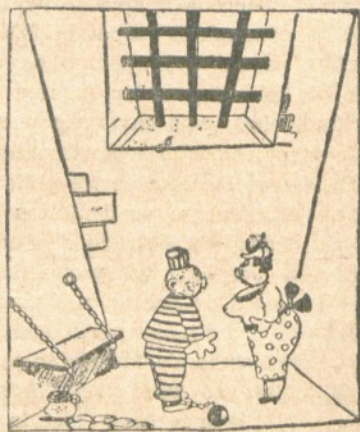
exato da ordem do «seu tenente», não encontrando taboleta à mão, sob orientação do rondante de hora, com um pedaço de gís, desenhou caprichosamente na porta do vagão as iniciais regulamentares que servem de abreviatura ao posto de comando, retirando-se, a seguir, para o seu alojamento.

A noite decorreu sem novidades. O tenente acordou e verificando que já era dia claro, recompôs o fardamento, ajustou a «Walther» no cinturão e, abrindo a porta da galera, gritou ao ordenança que trouxesse água no balde de lona para a sua «toillete» matinal. Não sendo atendido de pronto e como não gostasse de esperar, saltou do vagão e ajustando os óculos procurou um soldado para ir chamar o ordenança.

Qual não foi sua surpresa ao verificar que não se encontrava em Alemôa e sim em pleno Cais do Valongo, em frente à Estação da Estrada de Ferro, sob o olhar curioso de uma multidão de estivadores e doqueiros, que o observavam espantados. Voltou-se então para a porta do vagão para vêr se sua ordem fôra cumprida e lá avistou, como um braço a simbolizar um poderio implacável, a abreviatura «P.C.».

Nesse momento, «seu tenente» compreendeu tôda a realidade. Algum empregado novato na Estra-

da vendo a indicação a gís, calculou que fôsse ali inscrita por algum seu colega manobrista e considerou o P.C. como sendo «Para o Cais», motivo pelo qual engatou o vagão na cauda da composição que à noite passara por Alemôa com destino ao Cais, fazendo manobra, como acontece diariamente.



— Foi por falta de dinheiro que veio parar na cadeia?

— Não, senhora. Ao contrário, foi por excesso. Eu era fabricante de moeda falsa.

(Karicatur, Estambul)

*Com a dor o homem se arruma sôzinho; mas para tirar a alegria tudo o que possui, é preciso compartilhá-la com alguém.*

*Mark Twain.*

*Em assuntos do teu interesse, confia primeiro na tua cabeça; em assuntos do interesse alheio, confia primeiro no teu coração.*



# LIGEIRAS IMPRESSÕES

## DO VELHO MUNDO

Maj. Arrison de Souza Ferraz

- I -

A Europa sempre exerceu poderoso fascínio em nossas indagações espirituais. A história já nos havia ensinado a ver no Velho Mundo o centro criador da cultura clássica e da civilização cristã, o berço da latinidade e dos esplendores do renascimento, o continente da epopéia das navegações, das caravelas ousadas que aportaram, ao bruxolear do século XV e na alvorada do século XVI, em Guanahani e Porto Seguro, para dar ao mundo um mundo novo, nas terras livres das Américas. Pisámos a terra européia, porisso, com um misto de carinho e de emoção. Sentimo-la, ainda, rubra de sangue da última e dolorosa catástrofe que enlutou os seus lares, mas vimos o seu passado de glória, aflorando dos escombros com vitalidade admirável.

A viagem do Brasil à Europa, por avião das linhas Internacionais, verdadeiras cidades voadoras, cortando os espaços como fizemos, é verdadeira maravilha. Não se tem ali a sucessão panorâmica de um trajeto marítimo, pela orla oceânica, como as águas beijando as praias, quebrando-se nos rochedos, com a revoada dos passaros marinhos, com o dorso das cordilheiras, azulando à distância, com as jangadas dos pescadores desafiando as vagas, os promontórios, as enseadas, os rastros dos plan-

tadores das cidades antigas do alvorecer da humanidade. A sensação desse vôo extraordinário é diferente. É rápida como o raio, vertiginosa como o pensamento. Partir, aos primeiros albores da manhã, às 4 horas, de Recife, tocar ao meio dia em Dakar, no continente negro, nessa cidade que a guerra transformou em nova Babel, com gente falando tôdas as linguas e mil dialetos, meio dia que eram 15 horas, pela diferença de fuso horário; levantar vôo uma hora depois, e aterrissar em Lisbôa, no velho Portugal de nossos avoengos, as 23 horas de um só dia; ver em um mesmo dia o oriente, onde nasceu o mundo e a civilização, a Europa que criou tôdas as maravilhas do progresso e do pensamento, e a jovem América, atração do mundo moderno, é uma dessas coisas extraordinárias, só possíveis na era da aviação, da televisão e da energia atômica. Sensações desse quilate só podem ser concebidas em velocidade horária de quatrocentos quilômetros, nas eminências de quatro mil metros de altura, tocando-se os extremos do pensamento, para confirmar a famosa lei geométrica, com os extremos da altitude e da velocidade.

Nosso objetivo, na Europa, era a Ilíngiada de Estocolmo, em homenagem a Pedro Henrique Ling, o genial



criador de ginástica sueca. Para atingi-lo, fizemos escalas, com rápidas permanências em Lisboa, Madrid, Genebra, Paris, Londres e Copenhague, algumas na ida, outras no regresso. Nossa rápida resenha de impressões vai abranger quatro Capitais da Europa; Roma, Paris, Londres e Estocolmo. Começaremos pela capital sueca.

### A CAPITAL DA SUÉCIA

A Suécia atravessa um estágio superior de cultura. País pequeno, de 7.500.000 habitantes, nota-se ali, nas menores cousas, o senso de equilíbrio e das proporções de seus filhos. Estocolmo, a capital do reino, foi edificada em magnífica situação topográfica, às margens do Báltico. É uma cidade de 800 mil almas. Foi traçada com natável sentido estético e ampla visão do futuro. Os Vikings, patriarcas e fundadores da nação, cantados a cada passo nos Eddas da Mitologia Escandinava, figuras de legenda, bem semelhantes, pelas suas proezas, aos nossos heróicos bandeirantes, tiveram uma previsão de vários séculos, na edificação da formosa cidade nórdica, da capital de um país que deu ao mundo e à humanidade um guerreiro e estadista como Gustavo Adolfo, biografado por Darvieu ao lado de Alexandre, Aníbal, Cesar e Napoleão, e um sábio da genialidade de Linneu. As ruas de Estocolmo são amplas, quase todas asfaltadas, alinhadas. As mais notáveis cortam a cidade de extremo a extremo. O asseio é irrepreensível. Não se vêem, ali, detritos, papeis usados, pedaços de cigarros, palitos de fósforos queimados pelas vias públicas. O povo é educado de maneira a colaborar com as autoridades para a limpeza da cidade. Cada cidadão sueco é um

fiscal de higiene. Aprende-se isso nas Escolas e se executa religiosamente. Estocolmo é a cidade dos canais. O Báltico infiltra-se pelas ruas e avenidas, numa infinidade de golfos e baías, separando bairros, formando ilhas, estuários e ancoradouros. A engenharia ligou todas as artérias por um sistema de pontes modernas e sólidas. O Palácio Real, o Parlamento, a Catedral estão situados numa ilha, no chamado bairro velho. O palácio da municipalidade, o famoso City Hall, notável pela sua grandeza, sutuosidade e fascinante estilo arquitetônico, é beijado pelas águas de um dos lagos. No coração da cidade, dando encanto natural às suas avenidas, vemos o lago Malaren. É tão encantador, tão romântico, que os suecos costumam chamar Estocolmo, a rainha do Malaren. São lindos, extremamente lindos, os jardins da capital sueca. Cuidados por mãos carinhosas, de verdadeiros técnicos, dão à cidade um encanto singular e convidam à permanência entre os seus múltiplos canteiros, suas variedades de flôres, suas alamedas, suas fontes luminosas. Há geralmente em cada jardim, como em cada praça, a estátua de uma grande figura da história da nação, para admiração das gerações. Aprazíveis parques, também, ornamentam a formosa Estocolmo. A Bibliotéca Real de Estocolmo, confortavelmente instalada em moderno, amplo e suntuoso edificio de vários andares, no coração da cidade, é circundada por um belo parque, todo ajardinado. O seu serviço, para atender ao público, é perfeito. Em ambiente daquela ordem, ouvindo-se o trilar alegre da passarada, aspirando o perfume das flôres, vendo a água dos repuxos subir verticalmente e cair em leque sobre a grama verde, pode-se com mais facilidade





Aspecto do Bairro Velho, insulado por uma das reitâncias do Baltico.

de penetrar o tesouro dos compêndios, as idéias criadoras que os homens do pensamento registraram em letra de fôrma. A arborização, escolhida com arte e ciência, completa o encanto de Estocolmo. São empregadas a betula, arvore linda, aproximando-se da nossa figueira, chamada pelos suecos "bjork", a "gran", bem parecida com a manguba, e que se assemelha ao nosso oiti. Nos arrabaldes, de quando em vez avista-se um pinheiro secular, que eles denominam "fur" ou "tal", a subir pelas alturas, nas ruas e praças.

Em Estocolmo não há arranhacéus, como o edifício do Banco do Estado, o Prédio das Américas, que exigem um tributo dos nossos olhares e da nossa admiração. Suas construções oscilam, em via de regra, ente quatro a dez andares, predominando o equilíbrio, a estética e a simetria em tôdas as construções. Não se vê, ali, a disparidade de um mocambo: um cortiço, uma favela, ao lado de um gigantesco bloco monolítico, dêstes que sobem ousados desafiando as alturas e os espaços. Os operários empregados das menores categorias residem em prédios de apartamento, com todo conforto.

com condução à porta. Aliás a maioria da massa obreira sueca não necessita de condução. Todos dispõem de excelentes bicicletas das inúmeras fábricas do país, compradas a preços razoavelmente módicos. Chamou-nos, particularmente a atenção o emprêgo das biciclétas em Estocolmo, principalmente pelas mulheres. Senhoras e moças das classes operárias e médias, sempre que precisam ir à cidade fazer compras ou resolver um problema qualquer, o fazem de bicicléta. Filas estensas dêstes veiculos dão um colorido interessante ao disciplinado trâfego da capital sueca.

Enfileiram-se entre os edificios mais notáveis de Estocolmo, o Palácio Real que visitamos, demoradamente, numa recepção oferecida aos congressistas estrangeiros, pelo principe Gustavo Adolfo, herdeiro e regente do trono; o City Hall, o palácio do executivo municipal, onde também estivemos em um banquete, o Ksdagshoset, edificio da assembleia, para sessões conjuntas das duas câmaras; o Riddarhuset, edificio da câmara municipal, o teatro dramático; o museu das artes nórdicas, verdadeira jóia de arquitetura; a Cathedral de Estocolmo,



de lindo estilo gótico, ao lado do palácio real; a igreja de Santa Edwiges, onde vimos o jazigo do conde Folk Bernadotte, mediador das nações Unidas na Palestina, e que ali perdeu a vida preciosa, no desempenho da grandiosa missão de paz; de Gustavo Adolfo, o herói das campanhas germânicas, de Gustavo Vasa, o rei patriarca, de Carlos X, o legendário soberano da travessia dos mares gelados, da rainha Cristina, que abandonou o trono para seguir a voz do coração, de Carlos XII, o rei cavaleiro, o Carlos V da Suécia, e de outros nomes tutelares da nação.

Econômicamente, a Suécia atravessa situação sólida, estável. Os produtos básicos do país são o carvão, o pinho, outras madeiras de lei, o trigo, o centeio o pescado, legumes, frutas e hortaliças. A pecuária é bem desenvolvida, havendo leite em abundância. A indústria é do alto índice técnico, notadamente de ferro, aço, adornos e artefatos de borracha. O custo de vida é, relativamente, barato. Paga-se por uma refeição suculenta, em restaurantes de primeira ordem, 5 a 6 coroas, ou seja, de vinte a vinte e cinco cruzeiros, em dinheiro nacional. A coroa Sueca é uma moeda forte no país e nas nações vizinhas. Os ordenados são compensadores. Os operários especializados, como mecânicos, pedreiros, tipógrafos, artesãos, percebem de sete a dez coroas por hora de trabalho.

A educação na Suécia é um primor. Os ensinamentos primário, secundário e superior nivelam-se com os dos países mais adiantados do mundo. O ensino técnico é surpreendente. As universidades de Lund e de Upsala gozam de reputação universal. A Escola de Belas Artes de Estocolmo atrai estudantes de toda a

Europa. Em Educação Física não é preciso falar. A Suécia vanguarda o Velho Mundo, seguida de perto pelos outros países nórdicos, bem como pela Bélgica, Inglaterra e Portugal. O ensino de todos os graus, é inteiramente grátis. O índice de analfabetismo é quase nulo. Os edifícios escolares são notáveis. Em todos há copiosas instalações para educação física, laboratórios, gabinetes experimentais e todas as dependências necessárias.

No campo de saúde pública, é invejável a situação da Suécia. As condições higiênicas das cidades e dos campos, alimentação sadia, ao alcance de todos, sólidas resistências físicas e orgânicas, dadas pela ginástica, eis as primeiras vanguardas daquela gente forte e esbelta contra as moléstias de qualquer natureza. Além disso, seus hospitais, suas instituições de medicina social, ambulatórios, creches, clínicas e postos de saúde, providos de todos os recursos de ciência e da técnica, constituem verdadeira muralha sanitária.

Há aspectos singulares na organização social e econômica da Suécia que deviam ser imitados, nesta hora em que a humanidade precisa de uma ordem mais justa para o equilíbrio da sociedade. O imposto de renda cresce à medida que crescem os lucros. Ninguém pode ganhar mais de 50 milhões de cruzeiros. O fisco grava com tamanha força o que exceder daquela quantia que tudo passa para o erário real, a fim de ser empregado na construção de escolas e hospitais. O preço das habitações operárias é outro caso que reclama meditação. Uma família de cinco pessoas tem apartamento com dois dormitórios, salas e demais dependências, e paga cerca de 150 coroas. Uma família de dez pessoas



tem o dobro de dependências, e paga cerca de 100 coroas. Todo casal abastado que não tenha filhos é obrigado, por lei, a tomar a seu cargo a educação de um filho de família pobre. A educação desse jovem estará na proporção das possibilidades financeiras daquele casal, cabendo ao Estado a fiscalização dessa clausula. Aí estão, sem alardes, três postulados de uma socialização cristã e humana que permite um lugar mais condigno, no banquete da vida, aos menos favorecidos da fortuna.

O povo sueco é jovial, comunicativo e acolhedor. Demonstra, por atos e palavras, estar satisfeito com o seu nível de vida, seu país e as instituições que o governam. Orgulha-se do passado da nação, das suas tradições, do seu presente de afirmação, e tem confiança no futuro. Tem verdadeira idolatria pelo seu Soberano, o venerando rei Gustavo, de 92 anos de idade, e respeita, espontânea e conscientemente, todos os poderes do país. Não vimos títulos bombásticos nos jornais de natureza partidária, nem cartazes de propaganda eleitoral pregados às paredes. A política, lá, parece ser compreendida, na sua elevada finalidade. O povo sueco demonstra estar contente com o que tem, não desejando importar fórmulas aventureiras que levaram muitos povos da Europa à escavidão. Não se ilude com canto de sereias.

O Sueco é disciplinado por excelência. Tem o culto da ordem, da legalidade. Certo dia, fomos a um café-concerto, tomar um "drink", atendendo a convite de congressistas de outros países. Havia música e danças. Pares bailavam, alegres, pelo salão. Às 23 horas e 55 minutos chega um guarda, bate palmas, chamando atenção, e pronuncia estas

palavras: "Ordem do rei". Em menos de cinco minutos, aquela casa de diversão se esvasia. Todos se retiram, e às 24 horas, a hora fixada em lei, os proprietários cerram as portas do café, sem ser preciso esperar retardatários ou recalcitrantes. A obediência à lei funda-se na realidade da nação.

O povo sueco é calmo e moderado. Embora possua superior estágio de cultura, técnica aprimorada e alto nível de civilização, não leva uma vida agitada e trepidante, como certas metrópoles modernas. Sabe os objetivos que busca e como os alcançar. Traja-se bem, com decência, mas sem exageros, sem ostentação.

Vimos apenas Estocolmo, mas podemos afirmar que vimos a nação inteira. Toda a Suécia, a cultura física de todos os continentes estava na linda Rainha do Malaren. A nossa retina fixou quadros inesquecíveis na Suécia. Um deles, porém, permanecerá vivo e intangível em nossa imaginação: a Lingslada, reunindo a mocidade do mundo, animada do mesmo ideal, congregando mestres, abalisados, possuídos da mesma fé na causa sagrada da educação universal. Estocolmo com as ruas cheias de povo, engalanada, festiva, era a Olimpia do século XX, era a Meca da educação física contemporânea.

#### A CAPITAL DA INGLATERRA

Deixemos, agora, o Báltico. Passemos pela Jutlândia, pelo Mar do Norte, e vamos até a capital da poderosa Albion, no coração da ilha inexpugnável.

Londres é grande e bela ao mesmo tempo. É a cidade dos parques colossais, dos jardins encantadores e dos monumentos que fascinam. Mostra ao primeiro contacto, que é o astro mais fulgurante da cultura anglo-saxônica.



O palácio real da capital bretã, atração permanente de turistas e visitantes, foi um dos edifícios que mereceu nossa atenção em primeiro lugar. Está situado em Vitória, entre o Green Park e o Saint James Park, todo circundado por lindos jardins, fontes, lagos e cascatas. A frente da sede da realeza, do Buckingham Palace, está o lindo monumento de bronze e granito à Rainha Vitória, uma das mulheres mais notáveis da história da humanidade. O palácio é de estilo sóbrio, mais majestoso que imponente. Sua posição, porém, é algo de admirável. Diante do Buckingham Palace estaciona sempre considerável multidão, atraída pelo prestígio do edifício, pelo monumento da Rainha inglesa e imperatriz das índias, e, sobretudo, pela marcialidade da guarda real, com seus vistosos uniformes, seus deslocamentos cadenciados, sua postura impecável.

Antes do Buckingham, a Torres de Londres, que era palácio, castelo, fortaleza e prisão ao mesmo tempo, foi sede da realeza. Hoje é uma reliquia nacional, para visitação pública. Dá a idéia de um castelo feudal, ou de uma série de castelos feudais, construídos de roxa e ganito, rodeados de muralhas e protegido por fossos colossais. Foi construído por Guilherme, o conquistador, para segurança dos cidadãos de Londres no século XI da nossa era. Suas dependências, também, tomaram o nome de torres. A torre branca era destinada a encarcerar os prisioneiros célebres. Antes de penetrá-la eram julgados em Westminster. Os que estavam condenados à morte, entravam por um portão especial, denominado portão dos traidores. Estiveram encarcerados na torre branca e lá foram decapitados Ana Bolleyna, Tomas Mori, Katherine Howard, Mary Stewart e outras figuras ilustres

do reino. Lá se acham inscrições com o nome desses prisioneiros políticos, sacrificados pelas intrigas da corte. Há lá, também, a torre sangrenta, assim chamada por ter sido o teatro do assassinato de Jaime I, da Escócia, e seu irmão, o duque de York, jovens príncipes. Na torre de Wake Field, também integrante a construção, estão guardadas as jóias da coroa britânica, avaliadas, antes da desvalorização recente, em 20.000.000 de libras esterlinas, correspondente a 1.500.000.000 de cruzeiros em moeda nacional. Faz parte dessas jóias o famoso rubi "ovo de galinha", assim chamado por ter o tamanho de um ovo de sa ave. Essa torre foi destruída, em 1944, por uma bomba voadora alemã. Naquele histórico edifício estão guardadas as armas, bandeiras e troféus de guerra. Fora, enfileiradas, paralelamente a um dos lados do edifício, há mais de uma centena de canhões, com legendas, registrando os grandes feitos de armas da nação, muitos decididos por aquelas bocas de fogo, agora aposentadas pelo pêso da glória. Passa cantando ao pé da torre de Londres o lendário Tamisa de águas barrentas. O Tamisa tem para a Inglaterra a mesma significação do Sena para a França e do Tibre para a Itália. Fizemos um passeio de lancha pelas suas águas, com o espírito povoado de evocações que aumentavam, à medida que um arauto ia mostrando os principais edifícios e falando de sua história. Bem próxima a torre de Londres, sobre o Tamisa, foi construída, em 1894, a ponte da torre, toda metálica, cuja parte central se abre, por um dispositivo especial, para dar passagem aos vapores médios e de grande calado.

Percorremos, ligeiramente, Westminster, principal centro de administração inglesa, com os ministérios e demais



departamentos governamentais. Ali está, também, beijada pelas águas do Tamisa, a célebre "House Parliament" britânica. Numa das suas extremidades, alteia-se esguia torre, onde se acha o famoso "Big-Ben", anunciador da dança das horas ao povo londrino. Em Westminster, contemplamos com carinhosa reverência uma residência, situada, "in Down Street, 10" (Rua Baixa, 10), onde mora o maior cidadão do mundo, o guardião máximo da democracia. É a casa de Winston Churchill, hoje monumento e templo da liberdade.

de impedir a invasão das ilhas pelos exércitos invencíveis de Bonaparte.

Picadilly é uma das grandes artérias londrinas. Ela termina numa praça circular — Picadilly Circle — bela como o seu nome, movimentada como uma colmeia. Lá estão a Real Academia de Artes e os mais notáveis teatros de Londres. Dali irradia-se o comércio, periféricamente. Na parte central de Picadilly Circle que os ingleses consideram o coração de Londres, o centro do mundo, foi edificada a estátua de Heros, em alumínio, sobre pedestal de mármore. É tão



LONDRES — Casas do Parlamento e Ponte de Westminster.

Deixemos Westminster, os lindos Green Park e Saint James Park, o Tamisa e vamos até a Trafalgar Square e vejamos lá no centro da praça retangular em bronze e mármore, guarnecido por quatro leões, Nelson, o vencedor de Villeneuve, o homem que realizou o milagre

admirada entre os bretões essa divinda-de oriental que, durante a guerra, foi retirada dali e colocada em lugar seguro para ficar a salvo dos bombardeios.

A catedral de São Paulo, de Londres, é maravilhosa, na sua grandiosidade e no seu esplendor. É a segunda



de todo o universo. Cede a palma, apenas a basílica de São Pedro, da Roma cristã e imortal. Mede 92,40 metros de nave a nave lateral, e 165,30 do altar-mór à porta principal. Tem 120,45 metros de altura. Sua cúpola, seus altares, são encantos arquitetônicos. Sua origem foi um templo pagão do III século, mais tarde transformado em catedral gótica. Destruída, parcialmente, por um incêndio, em 1.666, foi reconstruída em trinta e quatro anos de trabalho, pelo engenheiro Cristoffer Wren. Lá estão guardadas as cinzas dos heróis e vultos de legenda da nação. Vimos a lousa de Wren, construtor do templo, ao lado dos jazigos de Nelson, o herói de Trafalgar, e Wellington, o vencedor de Waterloo.

Está situada a catedral de São Paulo, no bairro de nome do apóstolo dos gentios, um dos mais castigados pela aviação germânica. Vimos no bairro de São Pedro quarteirões e mais quarteirões reduzidos a destroços. Como a guerra moderna é impiedosa! Só os fanáticos, intoxicados por doutrinas malsãs, desejam nova carnificina, para poder impor ao mundo a sua ordem da matéria sobre o espírito, do instinto sobre a razão.

A Inglaterra sofreu muito com a última guerra, na fisionomia urbanística de suas cidades e na sua estrutura econômica. Em Londres, vimos, a cada passo, o rastro sinistro dos bombardeios e dificuldades sem conta, na economia

nacional. O regime alimentar, ainda, está sujeito a restrições. Certos artigos de primeira necessidade, como açúcar, carne e bebidas, acham-se em regime de racionamento. Mas, há ordem, organização e espírito de compreensão entre o povo. O londrino não perdeu o bom humor e a serenidade. Em meio a essa situação, a libra estava de pé, quando lá passamos. Em Londres, foi o único lugar da Europa onde o dólar teve o seu valor real, em paridade com a moeda do país.



A visita do inspetor.

(II Setebello, Milão).

*O papel da educação moderna consiste em desenvolver a memória em detrimento da imaginação.*

*Owen Johnson.*

*A melhor maneira de responder a um mau argumento é deixá-lo continuar.*

*Sidney Smith.*



# O processo da contravenção penal na prevenção do crime

OSÓRIO PEREIRA CAVALCANTI

(Delegado de Polícia, Adjunto da Seção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações)

De uns anos a esta data, vem a Polícia de São Paulo, especialmente o Departamento de Investigações, movendo especial combate aos contraventores, e — como consequência — aos próprios delinquentes, por meio do processo sumário das contravenções, estabelecido no artigo 531 do Código do Processo Penal. E, das contravenções, mereceu particular estudo e repressão, a de vadiagem, prevista no art. 59 da Lei das Contravenções Penais (Dec.-Lei n.º 3.688, de 3 de outubro de 1941), uma vez que todos os criminosos, principalmente os que atentam contra o patrimônio, foram preliminarmente vadios, e continuam vadios, quando na senda do crime. De maneira que, reprimindo a ação do vadio, obrigando-o a responder ao competente processo, a Polícia, ao mesmo tempo, previne a ação dos criminosos. E, não há dúvida quanto a ser êsse o melhor caminho, além de outros, pelos seguintes motivos: 1.º) **“O elemento moral das contravenções é a simples voluntariedade da ação ou omissão, isto é, para o reconhecimento do fato contravencional, prescinde-se do dolo ou da culpa”** (exposição de motivos do Ministro Francisco Campos); 2.º) o vadio — como o mendigo e os reincidentes nas contravenções dos artigos 50 e 58 — é, por lei, presuntivamente perigoso e, como tal, quando condenado, obrigatoriamente internado, pelo prazo mínimo de um ano, em «colônia agrícola», ou em «instituto de trabalho, de reeducação ou de ensino profissional» (em São Paulo, — o Instituto Correccional da Ilha Anchieta — Dec. n.º 13.182, de 12 de janeiro de 1943); 3.º) nos casos de internação em “manicômio judiciário” ou “casa de tratamento e custódia», é de seis meses a sua duração mínima; 4.º) a vadiagem



é uma contravenção inafiançável; condenado o vadio, de maneira irrecorrível, é êle imediatamente afastado do meio social, no mínimo por um ano, salvo: a) nos raros casos de internação em "manicômio" ou "casa de tratamento", quando o afastamento, como acima foi dito, poderá ser, no mínimo, de seis meses; ou b) quando o juízo submeter o indivíduo à liberdade vigiada, em lugar de decretar a internação — hipótese, ainda mais rara na prática (art. 16, e seu parágrafo único, da Lei das Contravenções Penais).

Preferido, por isso, o vadio como contraventor mais pernicioso, para ocupar a primazia da prevenção e da repressão policial — sem prejuizo da atividade ordinária contra os contraventores de outras espécies — cumpria escolher o meio mais eficaz para o combate. Surgiu, então, e concretizou-se a idéia da criação de uma secção especial para processar os contraventores, particularmente os vadios.

Inaugurada, em 1945, sob a administração do dr. Carvalho Franco, a secção desenvolveu de início tal atividade, que o govêrno achou necessário a criação de duas varas criminais, a 11.ª e a 12.ª, destinadas exclusivamente ao julgamento do grande número de processos remetidos ao Forum Criminal.

Ao assumir a chefia do Departamento de Investigações, em 1947, o dr. Paulo Silveira da Mota iniciou, desde logo, uma série de reformas e melhoramentos, a começar pelas instalações do prédio, o qual, em pouco tempo, de velho e sujo par-dieiro, passou a apresentar-se com acomodações decentes, tanto quanto permitia sua estrutura, relativamente acanhada, para os funcionários que comporta. Com êsses melhoramentos, a Secção de Processos por Contravenções Penais foi uma das que mais lucraram, tendo sido instalada em três amplas salas do prédio.

Ao lado dessa melhoria material, veio a de caráter funcional, pois além de se tornar ela autônoma, independente da Delegacia Especializada de Vadiagem, o seu corpo de funcionários e de delegados aumentou, estando já então sob a chefia do delegado dr. Rui Tavares Monteiro.

Esta autoridade instituiu, com real proveito, uma espécie de sub-secção destinada a proceder a sindicâncias, e processá-



las, sôbre a vida de todos os vadios conhecidos e prontuariados, reduzindo-se, a têrmos, os depoimentos e comprovantes acêrca da vida progressa e atual dos atingidos.

Terminada que é, a sindicância, em sua parte policial-administrativa, são os respectivos autos, como simples peça elucidativa, juntados aos do primeiro flagrante em que figure o sindicado, como acusado.

Por se tratar de prova feita com serenidade e anteriormente ao flagrante, tem sido o alvo principal de ataques da defesa, sob o fundamento de que se trata de processo diferente, a sobrecarregar a acusação. E, argumenta-se, desde que o Código do Processo, em seu art. 533, limita o número das testemunhas ao máximo de três, não é lícito inquirirem-se testemunhas em número que ultrapasse tal limite, mesmo em processo administrativo, paralelo, desde que referente ao mesmo fato contravencional.

Temos, porém, que a razão está com os que vêem no processo de sindicância apenas uma peça informativa do processo principal, instrutiva e elucidativa da vida progressa do acusado ou de outras circunstâncias que interessam à Justiça, informações que, muitas vêzes, não podem ser colhidas ou corporizadas no limitado prazo estabelecido para o processo sumário, principalmente em casos de auto de flagrante. Nesse sentido, manifestou-se a Egrégia Secção Criminal do nosso Tribunal de Justiça, em acórdão denegatório de ordem de «habeas-corpus» impetrado pelo vadio Cristóvão Dias, objetivando anular o auto de flagrante contra êle lavrado por esta Secção de Processos por Contravenção Penal:

“A sindicância policial não passa de uma peça informativa, autorizada pelo artigo 6, n.º IX, do Código do Processo, sem forma e figura de juízo, e nela podem ser ouvidas testemunhas a critério da autoridade policial, mesmo sem assistência do indiciado” (Revista dos Tribunais, vol. 176, fasc. 582, pág. 56).

Por igual, não colhe o argumento de que ficaria a acusação sobrecarregada, por ultrapassado o limite processual estabelecido em lei. E não colhe porque: 1.º) os depoimentos



constantes dos autos da sindicância-informativa são de natureza meramente policial-administrativa, e, como tais, devem ser considerados pelo julgador, sem que o seu número se acrescente ao do processo sumário, em que é obrigatório o princípio da controvérsia criminal de que nos fala o prof. Mendes de Almeida; 2.º) quando o código do processo penal, em seu artigo 533, limitou a três o número de testemunhas a serem inquiridas, teve e tem em consideração o fato de se tratar de um processo sumário, normalmente instaurado *ex-officio*, sem comportar maiores indagações. Não poderia passar, como não passou pela mente do legislador, que tal restrição, quanto ao número de testemunhas do processo sumário, impedisse a junção de outros comprovantes, embora dêles constassem depoimentos instrumentais, como é o caso da sindicância ora usada pela Polícia.

Após êste estudo resumido sôbre a preferência que vem merecendo o vadio para figurar entre os acusados no Processo de Contravenção Penal, um dos melhores caminhos apontados à Polícia na prevenção e repressão do crime, onde mostramos o amparo que a Polícia encontra na lei processual, principalmente contra vadios, mendigos, jogadores, etc., tornando o Processo Penal meio eficiente de sua ação, procuremos, agora, em aditamento, conversar com os nossos companheiros — delegados e escrivães, principalmente os iniciantes — sôbre a forma prática de levarmos a efeito, com a eficiência possível, êsse combate à contravenção e, como consequência, à delinqüência não só da capital como do interior, uma vez que se trata de processo até aqui pouco usado e, por isso mesmo do perfeito conhecimento de mui poucos.

Na realidade, a função judiciária da Polícia tem sido exercida, entre nós, quase que, exclusivamente, por meio de inquéritos. E, como êstes não têm rito invariável a obedecer, podendo tomar forma e seqüência diferentes, vêm sendo preferidos e empregados até mesmo na apuração de infrações que exigem processo especial — como a contravenção penal — o que ocasiona transtornos e decepções, com a perda de trabalhos e tempo, nulidades, etc., para gáudio dos contraventores e seus defensores.



Eis por que, antigo delegado, com longa função pelo interior do estado, vejo na divulgação destes estudos, uma urgente necessidade para que a Polícia, não só administrativa como judiciária, se torne cada vez mais eficiente, sem se afastar do caminho que lhe é traçado em lei.

O processo da contravenção penal (e não inquérito), é regido pelos arts. 531 e seguintes (capítulo V) do Código do Processo Penal), tendo forma sumária e "iniciando-se pelo auto de prisão em flagrante ou mediante portaria expedida pela autoridade policial ou pelo Juiz, de ofício ou a requerimento do Ministério Público.

O fáto de, desde logo, poder ser presidido pelo Juiz, demonstra a sua substancial diferenciação do inquérito que só poderá ser feito na Polícia, embora a requerimento ou assistência do Ministério Público, ou, ainda, a requisição do Juiz. Significa, também, que, ao iniciar-se o processo da contravenção penal, quer presidido pelo Juiz, quer pela autoridade policial, se proceda, desde logo, à acusação, com o que se torna necessária a intervenção do advogado ou defensor do acusado. Vale dizer que, mesmo na Polícia, se estabelece no processo, o princípio da controvérsia criminal, o que exige da autoridade policial, presidente, critério e noção de aprimorada responsabilidade. Efetivamente, deve ser admitido o advogado do acusado, para acompanhar e intervir no processo, até ser-lhe nomeado, pelo autoridade, ou Juiz, defensor dativo, na hipótese de não apresentar, o acusado, seu patrono, pelo menos sempre que possível, e nos casos de flagrante (art. 261 e 532 do Código de Processo). A oportunidade dessa intervenção é a comum e usada nos processos judiciários, sempre dirigida e por intermédio do seu presidente.

Outra característica do Processo Sumário de Contravenção Penal é o não poder ultrapassar o número legal de três testemunhas, sujeitas a compromisso — bem entendido — incluindo-se, nesse número, o condutor, em caso de auto de flagrante (Edoardo Espindola Filho — «Código do Processo Penal Comentado» — Vol. V, página 194).

Já fizemos ver, que essa limitação, quanto ao número de testemunhas, não deve impedir que se colham outras provas,



mesmo testemunhas, desde que, em peças meramente administrativas, qual sejam os autos de uma sindicância, procedida anteriormente ao processo pròpriamente dito, ao qual poderão instruir.

E, mesmo no processo contravencional, além das três testemunhas limitadas em lei, poderão ser ouvidas outras pessoas, desde que isentas de compromisso.

Para darmos uma idéia prática do Processo Sumário de Contravenção Penal, publicamos, a seguir, as formas de suas principais peças e termos que temos adotado, a começar pela portaria, onde já é estabelecido o roteiro a seguir. Nesta parte, fomos auxiliados pela colaboração sempre esforçada do escrivão Carlos Siqueira do Amaral, da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações.

---

N. da R. — Era nossa intenção publicar êste trabalho integralmente. Todavia devido à sua extensão, publicamos, na página 55 e seguintes, por absoluta falta de espaço, apenas as principais peças e termos do Processo Sumario de Contravenção Penal, deixando de o fazer quanto ao flagrante, que será publicado impreterivelmente no próximo número desta revista. Com esta pequena nota pretendemos ter dado não só uma satisfação ao autor, como também o necessário esclarecimento aos leitores.



## Contrôle à distância . . .

*Trabalhando para a Cruz Vermelha americana, tive ocasião de observar que um outro oficial das Fôrças Armadas não deixava de fazer as suas piratarias, quando podia, e, como se sabe, essas tendências masculinas nem sempre se interrompem com o casamento...*

*Um nosso amigo, que era coronel, casou-se com uma enfermeira do Exército e, depois de certo tempo, ela teve que voltar aos Estados Unidos, porque a sua união ia ser abençoada com um bebê.*

*O coronel passou um mês sem dar sinal de vida, mas uma noite se meteu em seu melhor uniforme de passeio, para vir jantar em nossa casa. No caminho, tendo metido a mão no bolso, retirou do mesmo uma folha de papel, em que estava escrito, na caligrafia inconfundível da espôsa, o seguinte: "Então, com a farda de gala, hein? Para quê?"*

(Eleanor Stevenson, *Infantry Journal*).



Na capa da pasta:

## PROCESSO SUMÁRIO POR CONTRAÇÃO PENAL

Artigo: 27 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-lei 3.688 de 3 de outubro de 1941)

Autora: A justiça

Acusado: F. de F.

### AUTUAÇÃO

Aos vinte dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e quarenta e nove, nesta cidade de São Paulo, na Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, em meu cartório, autuo as peças que adiante se seguem e, para constar, lavrei este termo.

Eu, C.S.A., escrivão, que, em parte, o datilografei e autoei.

Na primeira página ímpar, interna:

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
Departamento de Investigações

—:—

### P O R T A R I A

O Dr. O.P.C., Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei e, dando início ao processo sumário de contração contra F. de F. (qualificação completa, residência, etc.), determina, ao escrivão desta Secção, que a esta proceda à citação pessoal do referido contraventor, para comparecer ao Cartório desta Secção, à rua dos Gusmões n.º 394, 1.º andar, às 13 horas do dia 24 do corrente mês, a fim de se ver processar, até final julgamento, como incurso nas penas do artigo 27 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-lei n.º 3.688 de 3 de outubro de 1941), quando será qualificado e assistirá à inquirição das testemunhas arroladas e abaixo mencionadas, às quais poderá reperguntar, por intermédio do defensor que apresentar ou que lhe for nomeado na ocasião, observando-se o disposto nos artigos 531 a 535 do Código do Processo Penal, no que forem aplicáveis.

MOTIVA a instauração do presente processo, o fato de vir F. de F. explorando a credulidade pública, mediante sortilégios, infringindo, assim, o aludido dispositivo da Lei das Contravenções Penais, o que se provará com o depoimento das testemunhas: A. de M., residente à rua.....; R. de O., residente à rua..... e L. de S., residente à rua.....

CUMPRASE:

São Paulo, 20 de Janeiro de 1949.

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto



## No verso da PORTARIA:

### — CERTIDAO —

Certifico, em cumprimento ao determinado na portaria retro, haver expedido o mandado ordenado e que adiante se vê. Dou fé.

São Paulo, 20 de Janeiro de 1949.

(a) C. S. A. — Escrivão

## Na página ímpar seguinte:

### SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

Departamento de Investigações

—::—

### MANDADO

O Dr. O. P. C., Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, etc.

MANDA, ao escrivão desta Secção, que, em cumprimento ao presente mandado, cite, pessoalmente, a F. de F., (qualificação completa, residência, etc.), para comparecer em Cartório desta Secção (x), à rua dos Gusmões n.º 394, 1.º andar, às 13 horas do dia 24 do corrente mês, a fim de se ver processar, até final julgamento, como incurso nas penas artigo 27 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-lei n.º 3.688 de 3 de Outubro de 1941), de vez que o mesmo se entrega habitualmente, a explorar a crédulidade pública, mediante sortilégios, o que se provará com o depoimento das testemunhas arroladas, as quais serão inquiridas em Cartório no dia acima mencionado, podendo o citado reperguntá-las por intermédio do defensor que apresentar ou que lhe for nomeado na ocasião. Cumpra-se na forma da lei e sob as penas da mesma. Dado e passado nesta cidade de São Paulo, na Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, aos vinte dias do mês de Janeiro de mil novecentos e quarenta e nove. Eu, (a) C.S.A., escrivão, datilografei.

São Paulo, 20 de Janeiro de 1949.

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto

### CIENTE:

São Paulo, 22 de Janeiro de 1949.

(a) F. de F. (xx)

- 
- (x) Se for desconhecido o paradeiro da pessoa citada, ou a mesma se ocultar para evitar a citação, será esta feita por edital com o prazo de cinco dias (Parágrafo 1.º do Art. 1.533 do Código do Processo Penal).
- (xx) No caso de ser analfabeta a pessoa citada, deverão assinar: uma pessoa a seu rogo e duas testemunhas, consignando-se as respectivas residências e, se possível, colhendo a impressão digital do polegar direito da citanda.



# No verso do MANDADO:

## — CERTIDÃO —

Certifico, em cumprimento ao determinado no mandado retro, haver citado, em sua própria pessoa, o acusado F. de F., tendo o mesmo ficado ciente do inteiro teor do aludido mandado. O referido é verdade e dou fé.

São Paulo, 22 de Janeiro de 1949.

(a) C. S. A. — Escrivão

# Na página seguinte:

## SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

### Departamento de Investigações

— :: —

## — CONCLUSÃO —

Em seguida faço estes autos conclusos ao Sr. Dr. O.P.C., Delegado Adjunto, da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, do que, para constar, faço êste termo. Eu, (a) C.S.A., escrivão, datilografei.

## — DESPACHO —

Achando-se presente nesta Secção o acusado F. de F., informando não ter advogado para sua defesa, nomeio para seu defensor (x) o Dr. L. O. T. que, após notificado, deverá prestar o devido compromisso, lavrando-se o respectivo termo.

Tomem-se, por termo, as declarações do acusado, qualificando-se-o, preliminarmente, ouvindo-se, em seguida, as testemunhas arroladas e que se encontram presentes.

Posteriormente, seja o acusado, com guia, apresentado no Serviço de Identificação (xx), para os devidos fins.

/ São Paulo, 24 de Janeiro de 1949.

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto.

## — DATA —

Na data supra, recebi estes autos, do que, para constar, faço êste termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

(x) No caso de se tratar de menor de 18 a 21 anos, a nomeação e compromisso deverão ser de curador e advogado. No caso de se tratar de menor de 18 anos, deverá êle ser apresentado ao Juiz de Menores apenas com as investigações que se houver colhido, nos termos do art. 4.º, do Decreto-lei n.º 6026 de 24-11-1943.

(xx) Tratando-se de processo penal elaborado no interior do Estado, a identificação do acusado é feita na própria Delegacia de Polícia, geralmente pelo carcereiro.



No verso da página anterior:

— CERTIDÃO —

Certifico e dou fé, haver dado inteiro cumprimento ao determinado no despacho retro, como adeante se vê.

São Paulo, 24 de Janeiro de 1949.

(a) C. S. A. — Escrivão

Na página seguinte:

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

Departamento de Investigações

— :: —

TÉRMO DE COMPROMISSO

Aos ..... dias do mês ..... de mil novecentos e quarenta e ....., nesta cidade de São Paulo, na Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, onde se achava o Dr. O. P. C., Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, comigo escrivão de seu cargo ao final assinado, aí presente o Dr. L. O. T., advogado, inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Secção de São Paulo, sob n.º ....., defensor (ou curador) designado e notificado, a quem a autoridade deferiu o compromisso legal, de bem e fielmente, sem dolo e nem malícia, desempenhar sua missão, encarregando-o de servir de defensor (ou curador) do acusado F. de F., processado como incurso nas penas do artigo 27 da Lei das Contravenções Penais. Como o mesmo advogado aceitasse a referida incumbência, mandou a autoridade lavrar o presente termo que, depois de lido e achado conforme, vai devidamente assinado. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

- (a) O. P. C.  
Delegado de Polícia Adjunto
- (a) L. O. T.  
Defensor (ou curador)
- (a) C. S. A.  
Escrivão.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

Departamento de Investigações

— :: —

AUTO DE QUALIFICAÇÃO E DE INTERROGATORIO

Aos \_\_\_\_\_ dias do mês de \_\_\_\_\_  
de mil novecentos e quarenta e \_\_\_\_\_, às \_\_\_\_\_ horas,  
nesta cidade de \_\_\_\_\_  
na \_\_\_\_\_, onde  
se achava o Doutor \_\_\_\_\_

Delegado respectivo, comigo escrivão do seu cargo e as testemunhas ao  
final qualificadas e assinadas, compareceu o acusado  
de côr \_\_\_\_\_, o qual às perguntas da autoridade respondeu :

Qual o seu nome ?

Qual a sua idade ?

Qual o seu estado civil ?

( Pai :

Qual a sua filiação ? (

( Mãe :

Qual a sua profissão ?

Qual a sua nacionalidade ?

Onde nasceu ?

Qual a sua instrução ?

Qual a sua residência ?

Depois de cientificado da acusação que lhe é feita, passou o acusado  
a ser interrogado pela autoridade, respondendo : .....

..... Em seguida, dada a palavra ao defensor do acu-  
sado, às suas reperguntas, por intermédio da autoridade que a este pre-  
side, o acusado respondeu: — que (o que disser). Nada mais disse.  
Lido e achado conforme, vai devidamente assinado. Eu, (a) C. S. A.,  
escrivão, datilografie.

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto

(a) L. O. T.

Defensor (ou curador)

(a) F. de F.

Acusado (x)

(a) C. S. A.

Escrivão.

(x) No caso de ser a pessoa acusada analfabeta, ou se negar a assinar o termo, deverá uma pessoa assinar a seu rogo e duas outras como testemunhas, consignando-se, no texto desse termo, essa circunstância, bem como a qualificação da que assinar a rogo e a das testemunhas.



**POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Departamento de Investigações**

— :: —

**ASSENTADA**

Aos \_\_\_\_\_ dias do mês de \_\_\_\_\_, nesta cidade de São Paulo, na Delegacia de \_\_\_\_\_ onde se achava o Doutor \_\_\_\_\_,

Delegado respectivo, comigo escr \_\_\_\_\_ de seu cargo, ao final assinado compareceram as testemunhas retro intimadas (x) que, sendo inquiridas pela autoridade, responderam o que adiante se segue. Do que, para constar, faço este termo. Eu \_\_\_\_\_, escr \_\_\_\_\_, que o escrevi.

**1a. TESTEMUNHA**

A. de M. (qualificação completa, residência, etc.), testemunha com-promissada na forma da lei, sob palavra de honra, jurou dizer a verdade sobre o que souber e lhe fôr perguntado. Inquirida pela autoridade, respondeu: que (o que disser). Nada mais. Em seguida, dada a palavra ao defensor (ou curador) do acusado, às suas reperguntas por intermédio da autoridade que a este preside, a testemunha respondeu: que (o que disser). Nada mais disse nem lhe foi perguntado. Lido e achado conforme, vai devidamente assinado. Eu, (a) C. S. A., datilografei.

- (a) O. P. C.  
Delegado de Polícia Adjunto
- (a) L. O. T.  
Defensor (ou curador)
- (a) F. de F.  
Acusado.

**2a. TESTEMUNHA**

R. de O. (qualificação completa, residência, etc.), testemunha com-promissada na forma da lei, etc., etc..

**3a. TESTEMUNHA**

L. de S. (qualificação completa, residência, etc.), testemunha com-promissada na forma da lei, etc., etc..

- (x) Ouvir no máximo três testemunhas. Inquirida a última testemunha, serão os autos remetidos, pela autoridade policial que preside ao processo por contravenção penal, ao juiz competente, no prazo de dois dias, salvo se a contravenção deixar vestígio ou fôr necessário a produção de outras provas. De qualquer modo, todas as diligências deverão ficar concluídas até cinco dias após a inquirição da última testemunha (Art. 535, em seus parágrafos, do Código do Processo Penal).



## SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

### Departamento de Investigações

— :: —

#### — CONCLUSÃO —

Em seguida faço estes autos conclusos ao Sr. Dr. O. P. C., Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, do que, para constar, faço este termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

#### — DESPACHO —

J. a estes autos a folha de antecedentes criminais e a de antecedentes policiais, referentes ao acusado F. de F..

Em seguida sejam estes autos com vista ao defensor (ou curador) do acusado F. de F..

São Paulo, 25 de Janeiro de 1949.

(a) O. P. C.

Delegado de Polícia Adjunto.

#### — DATA —

Na data supra, recebi estes autos, do que, para constar, faço este termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

#### — JUNTADA —

Na data supra, junto a estes autos, a folha de antecedentes e demais documentos ordenados, como adiante se vê. E, para constar, lavro este termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

— :: —

#### — VISTA —

Em seguida faço estes autos com vista ao Sr. defensor (ou curador) do acusado F. de F., do que, para constar, faço este termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

Nada a requerer, nesta fase do processo.

São Paulo, 25 de Janeiro de 1949.

(a) L. O. T.

Defensor (ou curador)

#### — RECEBIMENTO —

Na data supra, com a cota supra, recebi estes autos do defensor (ou curador) do acusado F. de F., do que, para constar, faço este termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.

#### — CONCLUSÃO —

Em seguida, faço estes autos conclusos ao Sr. Dr. O. P. C., Delegado de Polícia Adjunto da Secção de Processos por Contravenções Penais do Departamento de Investigações, do que, para constar, faço este termo. Eu, (a) C. S. A., escrivão, datilografei.



OBS.: Não esquecer o disposto no artigo 535 do Código do Processo Penal, isto é, os autos deverão ser remetidos a Juízo "no prazo de dois dias", após inquirida a última testemunha, a não ser quando ocorra a necessidade de outras provas, caso em que as diligências deverão ser concluídas até cinco dias após a inquirição da última testemunha (§§ 1.º e 2.º do mesmo artigo acima).

E', pois, medida de prudência, que o presidente do processo, antes mesmo de inquirir as testemunhas, proceda às diligências que julgar necessárias à aquisição de provas contra o acusado (fôlhas de seus antecedentes policiais e criminais, ou de quaisquer outros assentamentos que se refiram à sua vida pregressa), se antes não houver organizado a sindicância com esses assentamentos, sindicância a que já nos referimos anteriormente.

Damos, a seguir, o resumo dos últimos acordãos do nosso Tribunal, publicados na Revista dos Tribunais, ano de 1948, com referência às contravenções mais comuns :

#### VOLUME 173 :

Páginas :

- 68: «Réu citado por edital, por se achar em lugar incerto e não sabido, não exclue a competência do juiz local, onde o acusado praticou a infração, sob pretexto de que a ociosidade deve ser atual (aplicação do art. 72, § 2.º do Código do Processo Penal).
- 97: «Nos processos contravencionais, o curso da prescrição só se interrompe pela sentença condenatória».
- 568: «Não é necessário o auto de flagrante, para a prova da contravenção do porte de arma, podendo o competente processo ser instaurado por Portaria».
- 570: «Para que se consume a infração do jôgo do bicho, é mistér que o banqueiro ou seu intermediário aceite a aposta».
- 579: «Inexiste exigência legal do auto de flagrante delito, nas contravenções por embriaguês».

#### VOLUME 176 (Fascículo 582) :

Páginas :

- 69: «As absolvições, por ventura alcançadas, por quem foi acusado de vadiagem, não implicam o reconhecimento de que não viria êle, de futuro, a entregar-se habitualmente à ociosidade».
- 125: «O defeito físico não justifica a vadiagem, quando é de natureza tal que não impeça o réu de procurar ocupação compatível com a sua condição».
- 139: «Se em virtude da continência ou conexão, se apura contravenção juntamente com crime, o rito processual será o traçado para este :»

Após esta idéia prática do Processo Sumário de Contravenção Penal, onde apresentamos o roteiro a seguir, dando as formas de suas principais peças e termos, passemos à fórmula processual do Auto de Flagrante de Contravenção Penal (Arts. 531 e 532 da Lei das Contravenções Penais).



# NOTICÁRIO

## Corpo de Carabineiros do Chile

### DESPEDIDA DO NOSSO CAMARADA CAP. TEODORO DE ALMEIDA PUPO, QUE ALI ESTAGIOU

MILITIA estampa o discurso com que o capitão Theodoro de Almeida Pupo se despediu do tradicional e famoso Corpo de Carabineiros do Chile, instituição onde fêz um proveitoso estágio, trazendo para a nossa Fôrça Pública interessantes ensinamentos de caráter policial.

Dando-o à publicidade, o faz como uma homenagem à prestigiosa Corporação, símbolo da ordem social da grande Nação irmã.

Excelentísimo Señor General Director del Cuerpo de Carabineros, Señores Jefes, Oficiales y Amigos:

Es para mí un gran honor el comparecimiento de todos Uds. No deseaba despedirme de esta hermosa y hospitalaria tierra, sin antes reunir a mis amigos Carabineros; no para retribuir atenciones — lo cual sería imposible — sino que, para tenerlos juntos una vez más y poder decirles cuánto les agradezco tantas y tamañas amabilidades. Llevo de este país hermano y amigo y de los componentes del Cuerpo de Carabineros, la más agradable de las impresiones y les aseguro que de muchos sentiré falta y mucho recordaré tan amable acogida.

Elegí esta fecha, 15 de diciembre, porque me parece que juntos podríamos conmemorar el aniversario de la

Fôrça Pública de São Paulo — cumple ella hoy 118 años.

Tengo, Señores, la honrosa misión de entregar al prestigioso y notable Cuadro Verde un recuerdo del



Carabineiro dirigiendo o trânsito, numa das ruas de Santiago.





Demonstração de hábeis cavalarios e motociclistas do Corpo de Carabineiros.

Regimiento de Caballeria de la Fôrça Pública.

Ahora, con mucha satisfacci3n, har3 entrega, en nombre de la Instituci3n a que pertenezco, de estos dos pergaminos, uno para el Cuerpo y el otro para la Escuela de Carabineros. Los leer3 en castellano, para que puedan Uds. comprender mejor

el significado de cada uno de estos mensajes:

*Al Excelentísimo Señor General Director del Cuerpo de Carabineros de Chile.*

*Cuadrase la Fuerza Pública de São Paulo y con reverencia saluda al glorioso Cuerpo de Carabineros de Chile inmortal!*





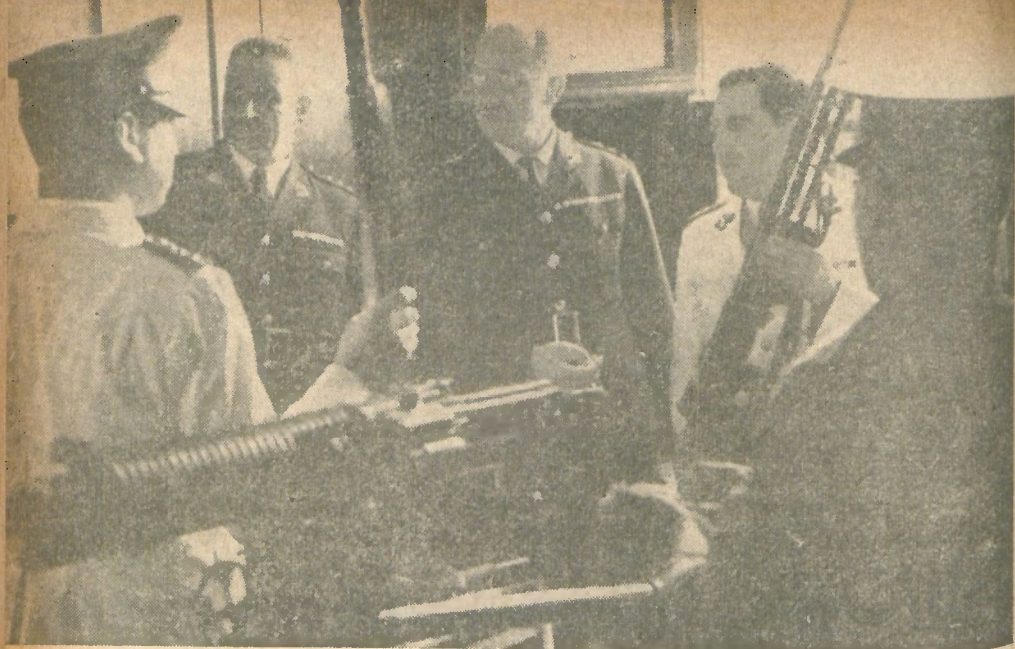
GENERAL DON HUMBERTO MENESES MADRID  
Atual Comandante do Corpo de Carabineiros

*Respetuosamente la Milicia Paulista admira, en la conciencia cívica y patriótica de los elementos de ese Cuerpo, el poderío elocuente del bravo pueblo chileno!*

*Si no fueran suficientes las tradiciones definidoras de una civilización en marcha triunfal; si fueran*

*insuficientes los hechos heroicos que formaron la magnificencia de una historia; si insignificantes hubiesen sido los actos nobles e intrépidos de los que edificaron una gran Nación, cierto encontraríamos apenas en los sentimientos altruistas y caballerescos que tanto ennoblecen a los hijos de Chile, el mo-*





Chefes da Real Polícia Montada do Canadá, em visita ao Corpo de Carabineiros, examinam o armamento usado na Corporação. Além da arma individual vê-se, no clichê, uma metralhadora "Thompson" (pesada) e outra "Styr" (leve).

*tivo sublime de nuestras más puras relaciones de amistad, de nuestro más profundo respeto.*

*En los cielos de América y bajo los auspicios de la Faz, resuena suave el eco de clarines simbólicos; en los océanos misteriosos, en los campos exuberantes y en las cordilleras ciclópeas del Nuevo Mundo, bajo la protección del Amor, el retumbar majestuoso de los redobles de tambores eternos!*

*Es que dominando la amplitud continental, hace vibrar el ideal perpetuado de la confraternización de los pueblos americanos!*

*¡ Salve glorioso Cuerpo de Carabineros !*

*¡ Salve Chile Inmortal !*

São Paulo, Brasil.

29 de noviembre de 1949.

*Eleuthério Brum Ferlich, Coronel  
Comandante General.*

*Al Excelentísimo Señor Comandante de la Escuela de Carabineros de Chile.*

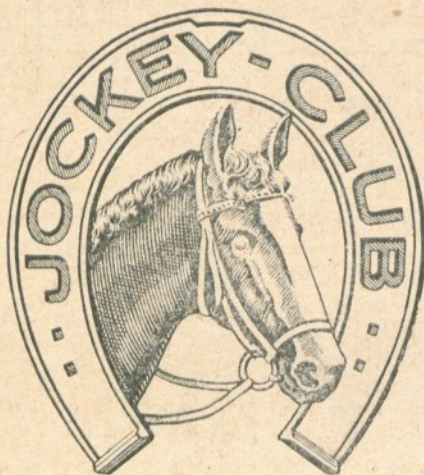
*La Fôrça Pública de São Paulo, en la persona de su Comandante General, saluda a la gloriosa Escuela de Carabineros de Chile, plantel donde se forman los hombres del orden y de la ley, que por su vigor físico, por su preparación intelectual y por su trabajo dedicado a la causa pública, han engrandecido y elevado la gran Nación hermana en el concepto de las demás naciones latino-americanas.*

*Esa Escuela, encuadrada en modelar Corporación Policial - Militar, es la prenda segura de grandeza, pujante y creciente de esa bella Patria, porque sirviendo a un gran pueblo, tradicionalmente culto y cristiano, pacífico y progresista, está demás decirlo, representa sus anhelos y aspiraciones.*









S. PAULO

HIPÓDROMO  
PAULISTANO

EM

CIDADE JARDIM

A grande atração de São Paulo

---

Aos Sábados e Domingos

REUNIÕES ELEGANTES

em agradabilíssimo ambiente.

Transporte facilimo: Ônibus e Auto-lotações

partindo a todo instante do

PARQUE ANHANGABAÚ



# 1.<sup>a</sup> Cia. Independente de Bombeiros

Organização — atividades — aquartelamento — colaboração  
com entidades civis — salvação e policiamento.

Texto de *F. Vieira Fonseca*

Fotos de *João Tancler*

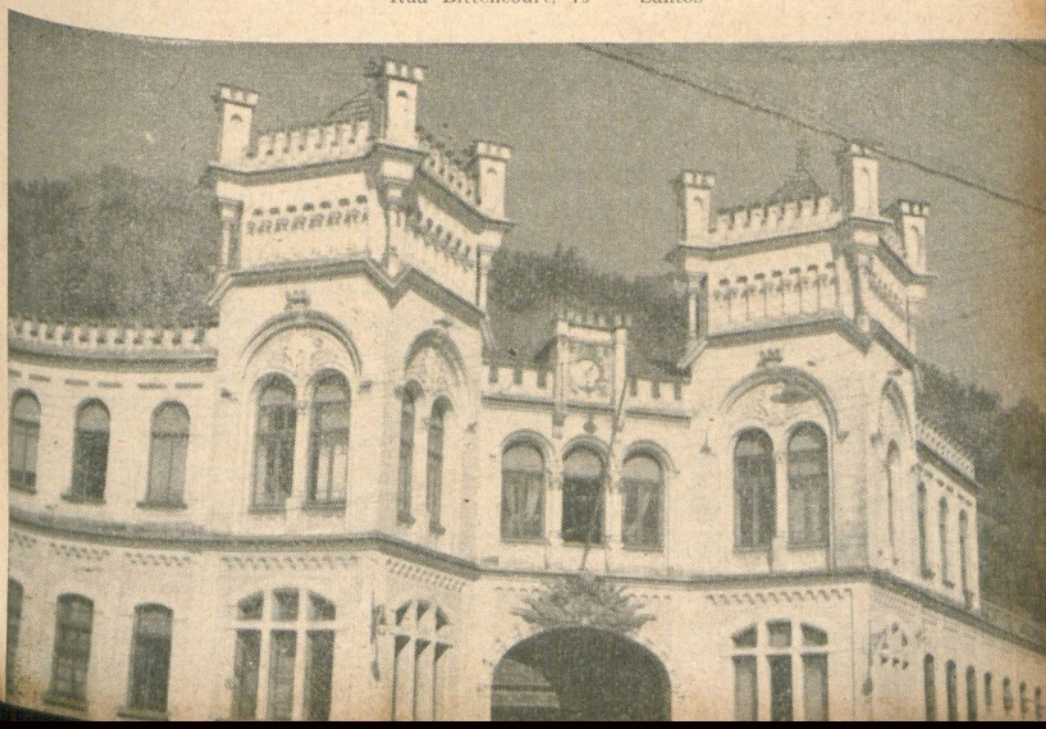
Servindo-nos da nossa estada na majestosa Colônia de Férias, em São Vicente, fomos até Santos, para um breve passeio ao longo da praia. Para um veranista curioso e que busca a orla marítima para fugir ao ramerrão da Paulicéia, é sempre interessante ver o que vai pela praia, observar o oceano. Agrada e não cansa.

Itararé, Zé Menino, Gonzaga, ali estavam com os seus novos arranha-céus, seguindo as pègadas da mundialmente famosa Copacabana. As

praias ajardinadas, jardins bem tratados, apresentando árvores de espécie adequada ao fim: não muito grandes, mas suficientemente cópadas, capazes de proporcionar aos que as buscam a sombra benfazeja e protetora contra os escaldantes raios solares característicos d'êste litoral tropical.

Estávamos no Gonzaga. Como era domingo e um dia brilhante, êste setor da orla marítima é o que mais fica apinhado de banhistas, predominando a gente paulistana, que desce

Quartel da Primeira Companhia Independente de Bombeiros  
Rua Bittencourt, 79 — Santos







No Gonzaga, fixamos estes aspectos, atestando a ação pronta e eficiente dos elementos de salvação do posto n.º 3.

o paredão da Serra do Mar, para se refazer da energia consumida em toda uma semana de labor intenso.

Alguma coisa está acontecendo com um dos banhistas, provocando a pronta intervenção de elementos do posto de salvação mais perto. Aproximámo-nos para observar melhor e soubemos que o banhista fôra acometido duma câimbra, quando nadava, quase perecendo afogado. Não querendo perder a oportunidade, fizemos funcionar por várias vêzes a nossa câmara, focalizando os aspectos principais da operação de salvamento. Impressionara-nos sobremaneira o modo e a presteza com que agiram os

salvadores da equipagem do posto. Daí tentarmos algumas perguntas aos mesmos. Surpreza: aquele posto era guarnecido com elementos da Fôrça Pública! Sim, com excessão do médico, que é da Prefeitura santista, os especialistas em salvação pertencem à 1.ª Cia. Independente de Bombeiros da nossa Corporação. Mais alguns esclarecimentos e outras fotos eram batidas. Quando demos por nós, já a curiosidade ia longe e, sem o percebermos, fazíamos jornalismo. Pois, se estávamos em Santos em gôzo dum justo repouso, após intensa atividade nesta revista, por que havíamos de estar tomando fotos e informações? É que o jornalismo que praticamos, embora amador, é fascinante, empolga e constitue uma verdadeira *cachaça*. Cadê jeito de a gente abandoná-la? Daí a nossa resolução de, no dia seguinte, efetuarmos uma reportagem sôbre a unidade que nos dera tão excelente prova de eficiência. Ademais, bastava um telefonema, para que o Tancler fôsse à cidade praiana, com a "Speed Graf". Uma ligação com o cap. Limongi e... tudo combinado!

— :: —

Passemos agora ao que nos foi dado observar ou que nos foi informado, quando de nossa visita à C.I.B.

A organização anti-fogo e de salvação santista foi constituída, após longas demarches entre o Comando da Fôrça e a Prefeitura de Santos, — pela incorporação do extinto Corpo Municipal de Bombeiros de Santos à Fôrça Pública paulista. A incorporação referida foi efetivada através do Decreto-Lei n.º 16.860, de 4-II-1947, consolidada logo depois com o segui-



Ao alto: aspectos da CIB tomados no pátio; cada guarnição à frente da viatura respectiva.

Em baixo: "A Banda de Música é a principal da cidade, estando presente a todas as festividades cívicas".



mento para ali da 6.<sup>a</sup> Cia. do Corpo de Bombeiros da Capital, a 10 do mesmo mês e ano. Estavam, assim, lançadas as bases da novel unidade que viria a ser a Primeira Companhia Independente de Bombeiros da Fôrça Pública.

A 10 de outubro de 1949, determinava o Comando Geral da Fôrça que, a titulo experimental, a organização de bombeiros destacada em Santos passasse a constituir-se em unidade autônoma, medidas para a concretização dessa autonomia. Dêste modo, a 26 do mesmo mês, já era publicado o primeiro boletim regimental da nova unidade, que se constituia de 147

homens, entre especialistas e combatentes, assim distribuidos :

- 1 capitão,
- 1 primeiro tenente,
- 2 segundos tenentes,
- 1 sub-tenente,
- 2 primeiros sargentos,
- 9 segundos sargentos,
- 35 terceiros sargentos,
- 22 cabos,
- 74 soldados.

A 11 de Dezembro o Diário Oficial estadual ratificava a constituição atribuida à 1.<sup>a</sup> C.I.B., pelo Comando Geral da Fôrça Pública.





... assistimos a exercícios de saltos em para-quedas e estabelecimento de linhas.

### AQUARTELAMENTO

Consoante as cláusulas do acôrdo que precedeu a transferência do Corpo Municipal de Bombeiros de Santos para o Estado, a C.I.B. utiliza-se do magnífico edifício da rua Bittencourt n.º 70 (de que apresentamos um aspecto), até então ocupado pela antiga corporação comunal santista, que ainda é um próprio da Prefeitura Municipal praiana.

### MATERIAL

Possue a C.I.B. todo o material necessário à extinção de incêndios comuns e de inflamáveis. Não obstante ser ela uma unidade recém-organizada, já apresenta considerável material de incêndio e salvação, lotando inteiramente o barracão interno do quartel :

- moto-bombas portáteis ou rebocadas *Hale, Godiva, Magyrus* e *Homelite* (uma de cada);
- auto-bombas: *American La France* (duas) e uma *Merryweather*;
- auto reservatório de água com capacidade para 2.200 litros, (de adaptação do S.M.B. da Fôrça);
- auto reboque de bomba;

- auto transporte de pessoal e material;
- auto transporte de material de incêndio;
- auto transporte de tropa;
- auto-caminhão para carga;
- motocicleta com carro lateral;
- gerador elétrico para iluminação de emergência;
- ventilador mecânico;
- 4 barcos (sandolins), para os serviços de salvação.

### BANDA DE MÚSICA

A sua Banda de Música, com 29 figuras, é a principal da cidade, estando presente em tôdas as festividades cívicas.

Aos domingos, empresta grande alegria às praias de Santos, através das retretas, que reúnem elevado número de apreciadores de escolhidos programas musicais.

Comanda a 1.ª C.I.B. o cap. José Limongi França, estando servindo ali como subalternos os tenentes Salvador Müller e Joaquim Marcelino.

A Secção Técnica, importante órgão da Companhia, tem a seu cargo :

- vistorias, previsão de incêndios, estabelecimento de normas té-



Transporte e lançamento de um barco de salvação.



cnicas e exigência de sistemas de extintores de incêndio;

- marcação de plantas de prédios de mais de 4 pavimentos, exigindo equipamento preventivo de incêndio (exigência de lei municipal).

Possue a cidade de Santos 480 hidrantes (válvulas de incêndio), cuja conservação e limpeza são entregues



— Que é que o sr. está fazendo com esse bule aí no chão ?

— Que bule ?

a um sargento e três soldados da C.I.B., que o fazem em conexão com a The City Improvments of Santos Co., empresa concessionária dos serviços de água, luz e gás.

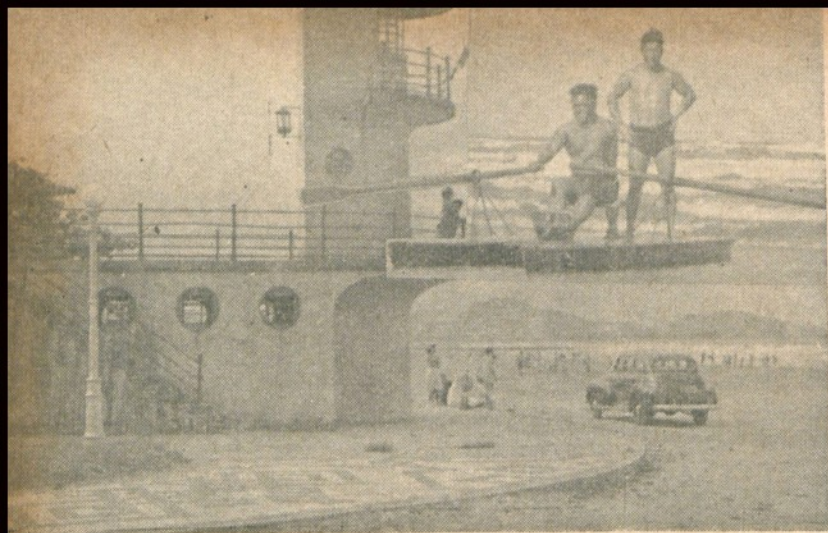
No ano transato 20 novos hidrantes foram mandados colocar pela Prefeitura. Todavia, sua localização foi feita em conjunto, pelos oficiais da C.I.B. e engenheiros da City. Existe a previsão para mais 30 hidrantes, cuja instalação está autorizada pela edilidade santista.

Durante o ano de 1949 foram debelados, pelas respectivas guarnições, 7 incêndios, 54 princípios de incêndio e 34 chaminés; foram prestados 15 socorros comuns e socorridos 8 automóveis em chama e deram-se ainda 52 guardas de teatro.

Como serviço de prevenção de incêndios, são visitados constantemente, por elementos da Secção Técnica da C.I.B., clubes, prédios de apartamento, casas de fogos, cinemas e estabelecimentos de ensino.

Tivemos oportunidade de verificar, como um exemplo significativo no setor da prevenção de incêndios, o trabalho desenvolvido junto aos alunos





Um dos postos de Santos, confiados à salvação de Santos, confiados à C.I.B.

No alto e à direita, lançado o barêste está pronto para ser levado cêleremente na direção do local dum possível acidente.

do Asilo de Órfãos, à avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 50. Aliado ao que constatámos, informou-nos o seu diretor que, periódica e sistematicamente, um oficial de bombeiros ali vai dirigir exercícios preventivos e ensinar aos internados (mais de 200) não só o modo de proceder em caso de incêndio, como também ministrar-lhes ensinamentos sôbre trânsito.

### SERVIÇO DE SALVAÇÃO E POLICIAMENTO

Há, nas praias de Santos, cinco postos de salvação, num dos quais teve origem esta reportagem. Cada posto, além do material adequado ao serviço, está guarnecido com um enfermeiro e quatro especialistas em salvação. Além destes, o posto n.º 3 (o mais central) tem sempre um médico de plantão, mantido pela Prefeitura. Foi neste posto que assistimos a uma demonstração do transporte e lançamento de um barco de salvação, da qual apresentamos os aspectos acima. Ali pudemos ver também o funcionamento do *aparêlho ressuscitador*, de grande

valia para a salvação de preciosas vidas.

Os bombeiros dos postos de salvação, além da sua missão precípua, prestam todo o auxílio que lhes é solicitado pelos guardas-civis e elementos da Polícia Civil, na execução das respectivas missões na faixa da praia. Fácil será concluir das vantagens desta estreita cooperação.

Cooperam também com a Capitania dos Portos, na fiscalização da retirada de areia, não só impedindo de o fazer àqueles que não têm autorização para tal, como também a fim de impedir que façam escavações.

### COLABORAÇÃO COM ENTIDADES CIVIS

A 1.ª C.I.B. mantém contacto íntimo com as entidades industriais, comerciais e de serviço público de Santos. Por exemplo, importantes moinhos — o Paulista e o Santista — já foram visitados por oficiais e praças da C.I.B. Tais visitas têm uma dupla finalidade: conhecer o material de incêndio destas firmas (o que, por



Posto n.º 3, no Gonzaga. Além de 4 especialistas em salvação e enfermeiro, um médico é mantido de plantão. Vêem-se ainda o cap. José Limongi França e dois guardas-cívicos, estes em estreita cooperação com os elementos da C.I.B.



certo, facilitará a debelação de qualquer incêndio em suas dependências) e instruir os empregados designados para agirem como bombeiros de emergência, pois é sabido que os mesmos não podem ter a mesma técnica especializada dos soldados do fogo.

Dessas visitas resultados práticos têm sido alcançados, pois as pequenas falhas encontradas foram corrigidas e vem se adquirindo, por parte dos dirigentes daquelas entidades, a confiança no eventual trabalho dos bombeiros.

Outro importante intercâmbio é o que a C.I.B. mantém com a firma Wilson Sons Co. Ltd., que dispõe de três rebocadores equipados com excelentes bombas. Está em vias de conclusão a adaptação do seu material ao padrão do da 1.ª C.I.B., o que permitirá, em caso de necessidade, a utilização do mesmo pelo pessoal desta.

Há que se ressaltar também as relações dos bombeiros santistas com a Companhia City.

### ASSISTÊNCIA SOCIAL

O S.A.S. ali funciona regularmente, sendo religiosamente gastos os quinhentos cruzeiros mensais destina-



Salvação de acidentado, com o emprêgo do moderno aparelho ressuscitador.

dos à C.I.B. Todavia, é muito pouco, porque, infelizmente, mais que em outros centros, na encantadora terra de Brás Cubas os chefes de família





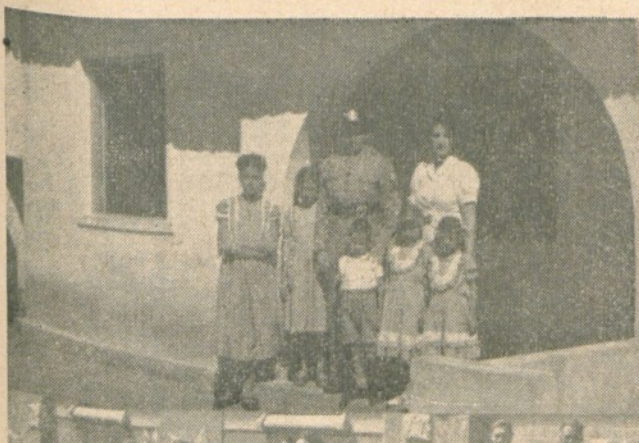
Ação social da Companhia — festividades do último Natal: autoridades presentes e aspecto dos convidados e pessoas gradas. Ao alto, o cap. Limongli Franca, comandante da CIB, quando falava ao microfone.

pagam caro o tributo farmácia, considerando-se que é em medicamentos que aquela quota é gasta totalmente.

Em 1949 a Companhia comemorou festivamente o seu Natal, graças à arrecadação de considerável soma, por uma comissão de oficiais e de expressivas figuras da sociedade local: dr. Lustosa, da City — profs. Prado Crescente, André Freire e Sebastião S. Julião, distintos educadores — srs. Florival Barlela e Francisco B. Melo, do alto comércio do café, —

foram os membros civis. E com o saldo da festa, vem a administração da C.I.B. atendendo a todos os casos de doença na família daqueles que venham a construir a sua casa própria. Este fato vem estimulando os bombeiros de tal forma que inúmeros são os que já se compromissaram para a aquisição ou construção de seu rancho. Nesse mesmo sentido, encontraram éco os bons officios da C.I.B. junto à Fundação da Casa Popular, que possui agora numerosos beneficiários





Este graduado da C.I.B. com sua família, é apanhado pela nossa objetiva, frente à casa adquirida à Fundação da Casa Popular.

— No Asilo de órfãos, a ação preventiva entre incêndios se exerce por meio da assistência direta e periódica de um oficial da C.I.B.



entre os bombeiros santistas. Eis um exemplo duma orientação sadia e de interesse social dos chefes pelos subordinados. E, assim, vários bombeiros já possuem a sua casa própria, na Bacia do Macuco.

É também digno de registro o grande número de elementos da C. I. B.

que freqüentam escolas noturnas, inteiramente gratuitas: Escola Senac, Escola Municipal, Escola Particular da Cia. Docas e Escola Estadual.

Foram estes os elementos que pudemos colher, a fim de transmitir aos leitores de MILITIA os dados referentes a 1.ª C. I. B. da Fôrça Pública.



*Há escritores cuja vileza nos obriga a maldizer seu talento.*

(De Resumen, México).



## Bilhetes a um Aspirante (1)

### TERCEIRO BILHETE

#### RESPEITA OS TEUS SUBORDINADOS

*A disciplina se alicerça no respeito recíproco, dos subordinados pelo chefe e dêste por aqueles.*

*A consideração dispensada pelo superior aos seus soldados não é indício de fraqueza. Bem ao contrário, é elemento de equilíbrio.*

*Compõe a harmonia da disciplina. Impede que o primeiro exorbite em rigor e os segundos tresmalhem na desconfiança ou no rigor.*

*Dá tuas ordens com dignidade e firmeza. Os homens, se estiverem convencidos de que merecem a tua confiança, hão de executá-la com prazer, se as enunciarees com acêrto. Seu raciocínio é simples — "O tenente cumpre seus deveres para conosco. E' um indivíduo honesto. Nós lhe devemos obediência".*

*Não merecemos crítica? Estorças-te por ministrar justiça? Afastas de ti os "boateiros" e os adulateiros? Conheces as tuas obrigações e responsabilidades para com os inferiores? Preocupaste com o bem estar material e moral dos teus soldados? Interessas-te pelas suas tristezas, pedes notícias de suas famílias e alegras-te com a chegada da carta longamente esperada?*

*Se assim fizeres, anularás qualquer sentimento de desobediência ou má intenção. Os teus homens estarão desarmados para reagir. Deixar-se-ão guiar por tuas mãos firmes. Estarão convencidos da necessidade da disciplina, que não lhes pesa. Muitas vêzes marcharão à frente das tuas ordens. Conquistados os seus corações, as suas vontades se entregarão.*

*Procura, de maneira inteligente, juntar, unir, em exatas proporções, a deferência devida ao homem com a firmeza de comando, de sorte que o teu desejo seja ordem e o mais leve sinal executado com precisão.*

*A menor batida no freio é sentida e compreendida pelo animal, se o ginete não lhe endureceu a boca. A meia parada, delicada e firme, dada pelo tenente durante o adestramento dos seus recrutas, torna-os, permite-me a expressão de um velho cavalheiro, — "bom de rédea".*

(1) Os BILHETES foram extraídos da obra de Arthur Deloge — CONDUIRE LES HOMMES ! (Nota do autor).



# Grande festival musical, militar e pirotécnico

Concedido a GIANNELA DE MARCO o diploma de capitão maestro honorário da Banda Sinfônica da Fôrça Pública.

O nosso confrade F. Vieira Fonseca já teve ocasião de oferecer aos leitores desta publicação uma interessante reportagem sôbre a notável maestrina italiana, quando de sua ação em público, regendo os músicos da Sinfônica da Fôrça Pública, a 14 de janeiro último. Sem dúvida, foi aquele um grande espetáculo, assinalado de modo acentuado nos meios artísticos da Paulicéia.

Todavia, não haveria de permanecer somente aquela festa artística no

ouvido e na retina do público paulistano. Um outro e grande festival militar, musical e pirotécnico foi programado para dois meses mais tarde, ainda com previsão para o mesmo e monumental Estádio Municipal.

Desta vez, portanto, a reunião seria mais ampla, espetacular, e o produto dela resultaria inteiramente em benefício do Serviço de Assistência Social da Fôrça Pública, numa nímia gen-

Fac-simile do diploma concedido a Giannella de Marco.







A "capitãzinha", num dos seus gestos característicos.

tileza dos progenitores de Giannella. E assim foi.

Além de todos os seus refletores acesos, apresentava-se o Estádio com iluminação especial, no gramado e na pista circundante. A parte militar foi iniciada com o desfile da banda de clarins do Regimento de Cavalaria da Fôrça, com seus cavalos brancos, uniforme e arriamento multicores, em apresentação no estilo medieval. Seguiu-se um interessante desfile da tropa a pé, precedido por tôda a Banda de Música da Fôrça "au grand complet" isto é, integrada pelas bandas de música das unidades sediadas no interior do Estado e pelas bandas de corneteiros e tambores. O ritmo e a marcialidade, aliados à multiplicidade de côres dos uniformes emprestavam ao espetáculo um colorido todo especial, muito apreciado pelo público, que não regateou aplausos à demonstração.

Seguiu-se a outra parte do programa, com a queima de fogos de artifício. Foi um espetáculo de rara beleza, o ver queimarem-se inúmeros fogos, simultâneamente. Prolongadas palmas ecoaram, aplaudindo as últimas e belas peças da arte pirotécnica.

Chegou a vez da parte sinfônica. Do programa constavam as peças :

#### 1a. PARTE

F. MANOEL DA SILVA — *Hino Nacional Brasileiro*; — G. VERDI, *La Forza del Destino* — Sinfonia; — MAS-CAGNI, *Cavalleria Rusticana* — *Intermezzo*; — A. CARLOS GOMES, *O Guarany* — Sinfonia.

#### 2a. PARTE

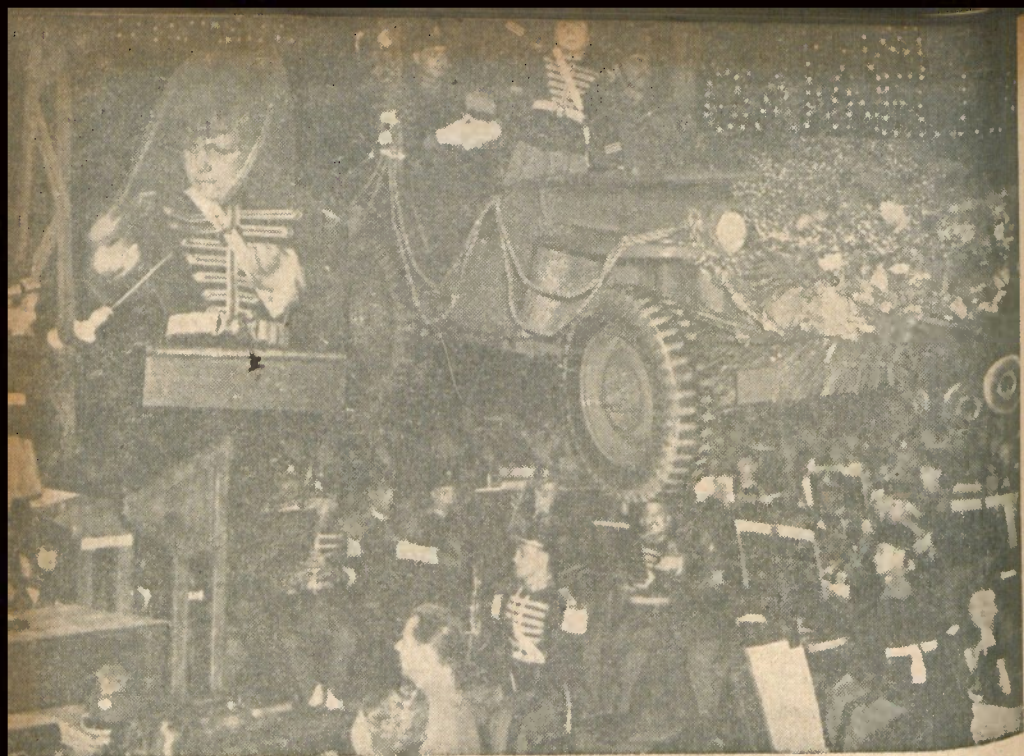
BELLINI — *Norma*; — BRAHNS, *Dansa Húngara n.º 5* — Sinfonia; — ROSSINI, *La Gazza Ladra* — Sinfonia.





No Q.G. da Força foi tomada esta foto de Giannella, tendo como fundo o retrato do alferes José Gomes de Almeida, primeiro comandante da Milícia. A esquerda e em baixo, o cel. Brum Ferlich distingue a maestrina com a medalha comemorativa.





Aspecto do concerto do Pacaembú e uma impressionante máscara da maestrina, quando regia um dos números do programa. Ao alto, de jipe, Giannella "comanda" o desfile final da Banda da Fôrça Pública.

### EXTRA PROGRAMA

Giannella regeu também, pela primeira vez, o intermezzo *Alvorada*, da ópera *Lo'Schiavo*, de autoria do ilustre maestro campineiro ANTONIO CARLOS GOMES.

Sôbre a sua prodigiosa execução, nada mais seria necessário dizer, como acentuámos no início desta crônica. No intervalo do espetáculo foi ofertada a Giannella u'a medalha comemorativa daquele inesquecível evento artístico, ocasião em que também foi anunciado ao público ali presente que o cel. E-leutherio Brum Ferlich, Comandante da Fôrça, acabava de conceder a Giannella de Marco "O diploma de capitão maestro honorário da Banda Sinfônica da Fôrça Pública, pela sua brilhante re-

*gência dêsse conjunto musical, pondo à prova o seu genial talento artístico e prodigiosa inteligência".* Fêz entrega da medalha à pequena regente o próprio cel. Ferlich.

Após a parte sinfônica, Giannella mais uma vez "comandou" o desfile da Banda, ao longo da pista circular, seguindo agora em um jipe inteiramente ornamentado com flôres.

— :: —

No dia seguinte, em visita de cortesia ao Comando Geral da Fôrça, juntamente com os seus progenitores, Giannella recebeu o diploma, consoante o que fôra anunciado de véspera, no Estádio Municipal, ocasião em que pudemos fixar mais alguns aspectos interessantes da maestrina.





## TEMPORADA DE RECREIO PARA FILHOS DE SARGENTOS E PRAÇAS

Causou excelente impressão na tropa o simpático gesto da  
Diretoria do Clube Militar

Consoante a ligeira nota que consignámos em nosso número anterior, ao noticiarmos os fatos que marcaram a inauguração festiva da Colônia de Férias, estiveram em S. Vicente, em abril último, quase uma centenas e meia de crianças — filhos de cabos e soldados, sargentos e sub-tenentes desta milícia.

A reportagem d'êste órgão pôde acompanhar detalhadamente a excursão da criançada, bem como a sua estada na magnífica casa de veraneio do Clube Militar.

Deu origem à excursão um convite da Diretoria do Clube Militar. Afixada em todos os quartéis da Capital, uma circular transmitia aquele convite :

A Diretoria do Clube Militar, dentro de seu programa de ampliação da assistência social, proporcionará ás crianças,

em geral, de ambos os sexos, filhos de sub-tenentes, sargentos, cabos e soldados, uma temporada de 4 a 6 dias, em nossa Colônia de Férias, em São Vicente.

Para êsse fim organizou um programa racional, para que as crianças tenham os melhores resultados em seu aproveitamento físico e social.

Tôda a despesa de transporte, alimentação, vestuário para banhos e sessões de educação física, será custeada pelo Clube Militar.

**INSCRIÇÕES** : — Serão aceitas até o dia 21 do corrente.

**LOCAL** — Hospital Militar, com o major dr. Mário Brasil Cococi, das 8 às 11 horas, diariamente.

**IDADE LIMITE** — Dos 7 aos 12 anos.

**VESTUÁRIO** — Roupa do corpo; ténis ou tamanquinhos (sendo possível);

**ARTIGOS DE TOILETE** — Sabão, escôva de dentes e pasta. Tudo deve ser acondicionado em sacola, bolsa ou mala, de forma a evitar grande volume.

**ORGANIZAÇÃO** — A direção será exercida pelos tenentes Ulises Teodoro



dos Santos e Ademar Ferreira, instrutores da E. E. Física, auxiliados por um corpo de educadores e vigilantes especializados; os meninos e as meninas serão agrupados separadamente. Mesmo entre ambos os sexos as crianças menores ficarão separadas das mais idosas e desenvolvidas.

**PERÍODO DA TEMPORADA** — 29 de março a 2 de abril do corrente.

**TRANSPORTE** — As crianças serão transportadas em auto-ônibus da C.M. T.C., que partirão do pátio do 1.º B.C.

**OBSERVAÇÕES** — Recomenda-se que as crianças não levem dinheiro, objetos de valor (como relógio, anéis, colares ou pulseiras) bem como canivetes.

Quaisquer outras informações serão dadas no ato da inscrição.

São Paulo, 6 de março de 1950.

(a) ODILON AQUINO DE OLIVEIRA  
Coronel Presidente do Clube Militar.

Todavia, realizando-se a excursão na época das aulas, grande número de crianças não pôde participar da mesma. Procurou-se remover esse obstáculo, para o que se obteve da Secretaria de Educação, o abono das faltas, mas ainda assim a quota prevista — duzentas crianças — não foi preenchida, atingindo os inscritos a cento e trinta e cinco, apenas.

—:—

No dia 29 de março, reunidos os pequenos no pátio do quartel do 1.º B.C., na Luz, pelos respectivos pais ou responsáveis, foram elas constituídas em grupos, segundo a idade e sexo, atribuindo-se a cada grupo um monitor especializado em educação física e uma orientadora, esta em forma de colaboração espontânea e gentil de espôsas de nossos camaradas.

Antes da partida, devido ao atraso ocorrido para a chegada dos carros, foi servido um lanche às crian-

ças, no refeitório dos oficiais, no Serviço de Subsistência. Logo mais, com a chegada de três modernos ônibus da C.M.T.C., foram os pequenos embarcados, observando-se grande disciplina. Filhos de peixe...

A viagem, decorrida com grande prudência e segurança, em meio a alegre cantarolar da gente meúda, foi bastante interessante e proveitosa. No Alto da Serra os carros pararam e as crianças desceram, para que melhor pudessem se deliciar com o maravilhoso panorama constituído pelas terras baixas e pelo mar, vistos das alturas serranas.

Na Colônia, tudo girava em torno dos preparativos para a inauguração oficial. Por isso mesmo, havia que se levar em conta tal situação, pois alguma coisa ainda estava por concluir. Todavia, tais circunstâncias não puderam impedir que os excursionistas tivessem uma boa acolhida e grande conforto, tais eram os esforços dos elementos do Clube Militar para isso designados, ao lado da dedicação e zelo daqueles que vinham de se responsabilizar pelos pequenos.

Já na manhã seguinte, para gaudio e deslumbramento da petizada, era esta levada à praia, em desenvolvimento ao programa pré-estabelecido. E após exercícios físicos adequados, eram as crianças conduzidas ao banho de mar, sob grandes cuidados dos acompanhantes. Com que prazer se observavam aqueles pequenitos, todos uniformizados, alegres, gritando de alegria e encantamento, numa indisciplinada satisfação!

Em tal ritmo deu-se execução integral ao interessante programa. Foi dentro desse período que pudemos





Em baixo e no centro, duas objetivas dos excursionistas, tomadas no pátio do quartel do 1.º B.C., vendo-se ainda os monitores e orientadoras das crianças. Ao alto, vista dos auto-ônibus parados frente àquele quartel, prontos para transportar os pequenos veranistas.





Nas praias de São Vicente, os guris praticam exercícios físicos, brincam na areia e são conduzidos ao banho, sempre sob os olhares vigilantes dos monitores especializados e orientadoras.



apreciar a ação duma valorosa equipe que tudo fez para dar boa execução ao programa de veraneio. Há que se ressaltar o dedobrimento de um cap. Feliciano, atendendo a tudo e a todos, sempre com expressão sorridente à face; a fleumática bondade dum ten. Ulisses, ao lado do sempre bem humorado ten. Ademar; a proveitosa calma e dedicação do sub Jarbas, transformado, por força das circunstâncias, no bom e eficiente enfermeiro dos veranistas; a alegria contagiosa e onipresente do sargento Napoleão; a paternal dedicação do

Santini para com os menorzinhos (e quantos «casos» êle teve que «solucionar!...»); a não menor dedicação dos sargentos Cesar, Matias e Diomedes. Excelente cooperação prestou esta plêiade de profissionais de escola da Escola de Educação Física. A êles, os agradecimentos sinceros do Clube Militar.

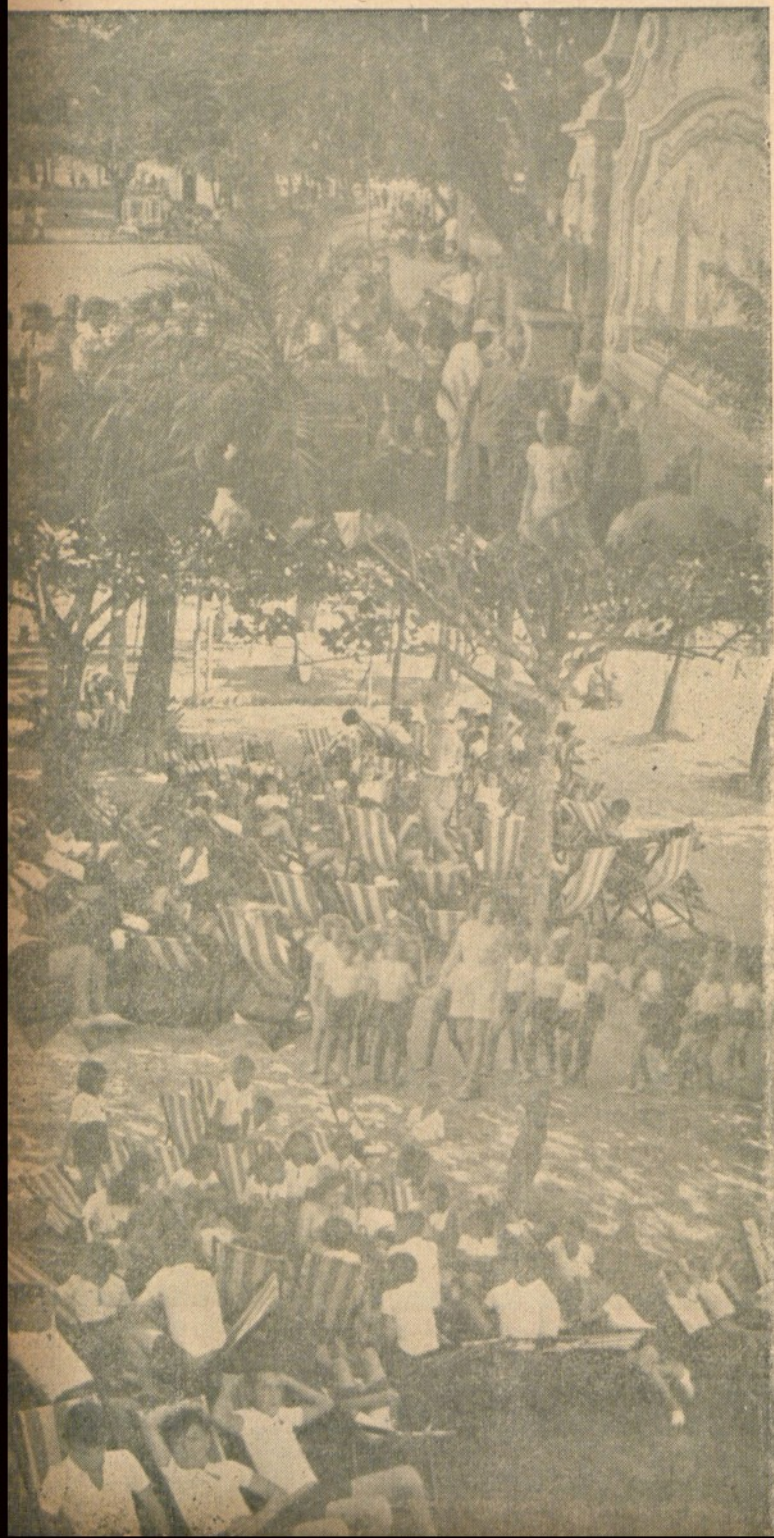
Seríamos injustos se deixássemos de assinalar, em capítulo especial, a colaboração do elemento feminino, de grande valia para a feliz execução da temporada de veraneio. E' certo que jamais se prescindirá do





Os pequenos fazem suas refeições. Ao alto no salão-refeitório, no roof do edifício. Em baixo, almoço ao ar livre, na data da inauguração da Colônia.





Os excursionistas  
passeiam pelos re-  
cantos vicentinos  
mais aprazíveis. A  
sombra de árvores da  
orla praiana os orien-  
tadores lêem ou con-  
tam histórias bonitas  
aos seus pupilos.



carinho e da maternal dedicação da esposa, filha ou irmã do nosso camarada, para empreendimentos de tal ordem. O instintivo cuidar, a meiguice, as atenções para com as crianças, tiveram um significado todo especial nesta primeira e feliz experiência. Não se poderá olvidar a maneira carinhosa de d. Belkiss, no comando do seu «contingente» da Vila Militar; a decidida e apreciada colaboração de d. Mafalda, contagiando a gurizada com o seu espírito jovial; o maternal e não menos precioso apoio de dd. Aparecida e Elza, — constituem, por si só, uma garantia de êxito para qualquer empreendimento deste gênero. A elas, pois, as homenagens respeitadas e os agradecimentos da nossa entidade social.

Na tarde de dois de abril, cerca das 17 horas, embarcavam as crianças e seus acompanhantes nos ônibus que os trariam à Paulicéia. Era visível entre os pequenos o pesar pelo

término da temporada e unânime afirmavam que, se pudessem, permaneceriam em S. Vicente «mais um pouquinho»... Foi nessa ocasião que o cel. Odilon A. Oliveira, presidente do Clube Militar, reunindo todos os elementos que cooperaram para o bom êxito do empreendimento, a êles se dirigiu, agradecendo-lhes a valiosa cooperação.

Já na Capital, de novo no pátio do 1.º B.C., a petizada foi desembarcada e entregue aos seus pais ou responsáveis.

Há que se ressaltar ainda a natureza de integral gratuidade da temporada de veraneio, para as crianças. Transporte, estadia e uniformes, tudo por conta do Clube Militar! Sòmente em uniformes para os pequenos despendeu a nossa entidade social quase uma vintena de mil cruzeiros, tudo a atestar o alto espírito social que preside os atos da atual Diretoria do Clube Militar.

**NÓBREGA & CIA LTDA.**

**ALFAIATARIA CIVIL E MILITAR**

CONFECÇÕES SOB MEDIDA PARA CIVIS, MILITARES E COLEGIAIS

**ESPECIALIZADA EM FARDAMENTOS**

RUA SÃO BENTO, 520

SOBRE-LOJA — SALAS 3, 4 e 7

TELEFONE 2-5573

★  
SÃO PAULO



# Ecoss do Carnaval

Cousas que aconteceram na Colônia de Férias

*Borrachudo*

Quando cheguei a Santos, a primeira cousa que me deram para ler foi uma circular — a circular do “agüenta firme” — como passou logo a ser chamada. O sentido era mais ou menos este: — O elevador não funciona? ótimo, aproveite para treinar os músculos da perna;— o travesseiro é baixo? tenha calma, êle cresce, é criança ainda;— o banheiro está alagado? não se aperte, use a banqueta — e assim por diante. O efeito desta circular de bom humor e tolerância foi magnífico. Excepcional mesmo. O grande êxito das festividades da Colônia de Férias deve-se ao espírito de camaradagem e boa vontade que a circular do “agüenta firme” presidiu. E eu, aproveitando este espírito que ainda paira, vou contar algumas das muitas cousas que lá aconteceram.

— :: —

Eram quase 23 horas. O jazz, neca. Convidados, neca também. O salão - tava uma beleza, os garçons a postos, a turma da diretoria à espera, mas os foliões, neca.

De repente, surge um convidado. Risonho, entusiasmado. Entrega o convite, entra, dá uma olhada em volta, chega-se ao encarregado da portaria e pergunta:

— Moço, onde é o baile?...

— :: —

O travesseiro que me deram para dormir parecia certo diretor que cos-

tuma controlar a entrada no Clube Militar — baixinho e duro.

— :: —

Os Suero chegaram. Gente boa aquela. Camaradas, alegres, divertidos mesmo. Esta aconteceu com êles.

— Moço, o banheiro está cheio de água no chão,— você não me arranja um estrado?

— Seu Suero, o senhor já leu a circular?

— Já, mas não resolveu o problema da água.

— Porque o senhor não usa a banqueta?

— Mas, moço, não dá para andar em cima da banqueta.

E este, solícito, arranjou uma taboazinha de um palmo quadrado de superfície.

Seu Suero comprou uns tamancos...

— Agüenta firme, seu Suero!

— :: —

Dizem que arranjaram quatro rapazes para animar o baile de sábado. Um dêles perguntou quanto era o convite. Responderam-lhes:

— Vocês entram, mas quem parar de pular, cai fora.

E êles pularam até as quatro da madrugada.

— :: —

Alguma cousa aconteceu no salão. Um ar de admiração passou pelo rosto de todos. Havia chegado uma turma de amarelo e entre êles, u'a morena, Mas que morena, meu Deus! Parecia



uma violeta de veludo. Bonita como um sonho, simpática tôda vida. Sem fazer pôse, que pôse tinha a moça! As mulheres beliscaram os maridos e eu senti não ter ninguém para me beliscar, porque valia a pena. Ela só esteve lá aquela noite, mas sua presença permaneceu nos olhos de todos até o fim. Ah, se eu achasse um cantinho naquele coração!

— :: —

Os pernilongos de meu quarto deviam ser analfabetos. Mostrei-lhes a circular, mas ou êles não sabem ler mesmo ou se fizeram de desentendidos.

— :: —

O garção que me servia era atencioso e delicado, também, de garção, era só o que êle tinha, coitado. Servia os cavalheiros antes das damas, trazia a sobremesa antes de tirar os pratos, não tomava nota dos extraordinários — e isto não era mau, etc. Quando eu ia dizer qualquer cousa, o gerente, de longe, mostrou-me a circular.

— Aguenta firme, rapaz!

— :: —

O senhor baixinho perguntou para o senhor alto:

— O que faz aí êsse rapaz da porta? Êle deixa todo o mundo entrar.

— Êle não está na porta para cercar ninguém.

— Ué, então qual é a função dêle?

— E' para não deixar sair.

— :: —

O baile já estava animado. Repentinamente uma onda de alegria agitou o salão. As luzes brilharam mais. O ritmo da orquestra cresceu. Essa exuberância tôda chegou com uma gata preta que invadiu o salão. Ela era linda. Ria por tudo e para todos. Seu en-

tusiasmo era contagiante. Parecia um sol a criar vida em todos os corações. No dia seguinte tentou ir a outro baile, mas ela já era nossa, já era do nosso baile, por isso voltou e brincou conosco até o último dia. Quanta gente não gostaria de ser camondongo, para ser perseguido por aquela gata travessa.

A turma do veneno disse que alguém brincou com a gata o tempo todo, mas a menina era tão vistosa que ninguém reparou quem era. Mas eu sei. E sei também que muita gente ficou com inveja. Eu, inclusive.

— :: —

Esta é para a turma do Regimento.

Dois cavalarianos zangados, conversavam diante do cartaz do R.C.:

— Precisamos dar um banho em quem desenhou aquele cartaz. Onde já se viu fazer um cavalo daqueles e o soldado pedindo uma bicicleta? Não, isto não fica assim, não.

— E' isso mesmo, precisamos dar-lhe um apêto.

Um camarada que estava perto de mim, saiu com esta:

— Êles estão bravos porque os cartazes das outras Unidades são de brincadeira e êsse é sério.

— :: —

Um tenente com parte de convalescente — arranjou água quente para tomar banho. Depois de complicada manobra feita pelo encarregado, conseguiu-se que saísse água quente da torneira. Lá estava todo satisfeito, quando começou a sair pixe na água e êle começou a ficar preto. Dez minutos depois parecia a negra maluca.

Imediatamente êle foi ao gerente:

— Seu capitão...



O capitão puxou a circular do bolso. Pronto.

— Agüenta firme!

— :: —

O prédio estremeceu. Os garçons corriam, sem saber para onde, nem por quê. A turma da comissão ficou afobada. O que estava sendo feito parou. O que não estava sendo feito, começou a ser feito. O que estava combinado foi descombinado. O que não estava combinado se combinou. Tudo se agitou num ritmo mais acelerado.

— Mas, afinal, o que aconteceu?

— Não conversa, rapaz, e trate de fazer alguma cousa! O Maioral chegou.

— :: —

Esta eu não assisti. Contaram-me.

Ele estava olhando os cartazes.

Quando chegou a um dêles olhou, gostou, sorriu.

— Esse sou eu, disse.

Um da comissão que estava perto, arriscou:

— Perdão excia., mas penso que não.

— Como não, rapaz, então você não vê? — Olhe a papelada, o microfone, o telefone, êsse mundo de gente, o que mais que falta?

— E' excia., mas eu continuo achando que não.

— Mas por que não?

— E' que aparece só uma ordem de serviço.

Juro que esta eu não ouvi; contaram-me.

— :: —

Um certo rapaz disse a outro:

— Vou sair um pouco para ver se encontro uma "Gazeta Esportiva".

Pouco tempo depois êste certo rapaz foi visto conversando na praia com uma loirinha.

Maliciosamente, chegando-lhe ao ouvido, o outro segredou:

— Se você chama isto de "Gazeta Esportiva", que nome você daria àquele "brotinho"?

E mostrou uma respeitável ciquentona, que, fantasiada, pulara a noite inteira. O primeiro não titubeou:

— "Diário Oficial"!

— :: —

Por que teriam pendurado aquele soldado com cara de general perto da orquestra? Seria o General da Banda? Penso que não, pois o General da Banda, segundo consta, era o gorducho e divertido sr. Araujo. Nós todos sentimos muito quando êle e sua turma nos deixaram.

— :: —

Uma senhora, para outra:

— Cadê o rapaz que você disse que era quietinho?

— E' aquele que está dançando frevo.

Até a Deolinda, que era a pequena mais divertida do salão, cortou volta para acompanhar o rapaz que era quieto. Ainda bem que êle era quieto!

Pois sim!!!

— :: —

Será que juiz não pode dansar? Os lá de meu clube dançam.

— :: —

O senhor sisudo ficou no meio do salão, olhando as caricaturas. Eu não sei se êle estava aborrecido ou se a cara dêle era daquele jeito mesmo.

Um da comissão chegou-se perto de mim e disse-me ao ouvido:

— E' melhor tirarmos as caricaturas senão êle é capaz de pensar que estamos caçoando dêle.



Outro, próximo :

— Não precisa. Não há nenhuma tão feia assim.

— :: —

Quiseram fazer uma senhora dançar e o engenheiro não deixou. Quer dizer, o médico não deixou. Homem, francamente, eu não sei se foi o engenheiro ou o médico que achou perigoso.

— :: —

Um garção, ao atravessar o salão quebrou o braço. Disseram-me que foi praga. Não creio. Se praga quebrasse braço, haveria muita gente de braço na tipóia.

— :: —

Há cousas que não compreendo. Um tenente jogava serpentina para a senhorita e a serpentina caía no coronel. A senhorita jogava para êle e a serpentina caía em outro colega. Que ela errasse, está certo, mas êle, com tôda aquela fama de atirador... Francamente...

E' verdade que estava ventando muito aquela noite. Mas nem tanto assim...

— :: —

Parou a música. Repiques da bateria. Microfone. Atenção, muita atenção. Concurso de fantasia. Comissões de damas. Escolhas. Julgamentos. De repente, eis a sinuca. Não é que as meninas mais graciosas eram a Maria Inês e a Áurea Nancy? Como fazer, minha gente? O que não iriam falar se elas fossem as escolhidas, sendo filhas de diretores do Clube? Será que nós não descobrimos alguma outra para não provocar comentários? Toca a procurar. Não, não houve jeito. Elas estavam encantadoras mesmo. A comissão, meio sem graça, conferiu os

prêmios para as duas garotas. O que salvou, foi o prêmio à mais animada, que com muita justiça, foi conferido à outra menina: ela estava uma bola. A comissão acertou em cheio. Parabens.

— :: —

Veneno, veneno, veneno.

Disseram que o pescoço da Baixinha ficou duro de tanto procurar o marido no salão. Mentira, não acham?

— :: —

Se os ônibus saíram de São Paulo eu não sei, mas que lá não chegaram, não chegaram.

— :: —

O oficial de gabinete chegou. Pôse, uniformes, alamares. Meia hora depois, camisa listada, samba e folia.

Eu fiquei sem saber se êle representava a autoridade de Estado, antes ou depois.

— :: —

O que surgiu primeiro foi a coroa de serpentina. Depois apareceu a faixa simbólica. O rei não surgiu. O rei criou-se, naturalmente. Tornou-se rei quando pulou para animar o baile, quando, com seu mavioso bico, aplainou tôdas as arestas que surgiram, quando dirigiu com habilidade, competência e tino, os múltiplos afazeres da Comissão. Sobre todos os aspectos, êle foi sempre o maior. Ora, se havia a coroa e havia o rei, só faltava coroá-lo. Isto foi feito em um segundo.

Chamada geral ao microfone. A fada baixou do paraíso — como estava graciosa aquela fada — e depois de elegantes volteios, procedeu à coroação. Primeiro a faixa, depois a coroa. Mas, afinal, que rei era aquele? Na faixa estava esclarecido: "Feliciano I, o rei do Agüenta Firme".



# “Comandos” da

## Polícia Florestal - Corpo de Bombeiros

### na luta contra a venda e soltura de balões

Empenhados na campanha contra a venda e soltura de balões, a Polícia Florestal e o Corpo de Bombeiros constituíram os *Comandos P.F. - C.B.*, desenvolvendo uma ação intensiva, de caráter mais educativo que repressivo, junto aos infratores do nosso Código Florestal.

Sem violência, com o “slogan” — *Balão a queimar incêndios a começar,*

sairam os comandos, apreendendo os balões e advertindo os transgressores.

E, no mês de junho, tôdas as noites até a madrugada, prosseguiram, incansavelmente, os dedicados batalhadores, obtendo resultados apreciáveis de seu profícuo trabalho.

Graças a isso, livrou-se, certamente, São Paulo de incêndios causados por esse agente devastador dos bens públicos.



Jipes e outras viaturas, prontos para sair.

(Gentileza de A GAZETA).





Os "comandos" no pátio do quartel do Corpo de Bombeiros, recebem as últimas instruções para a ação.

(Gentileza de A GAZETA).

Contribuição  
de  
"MILITIA"  
para a  
Campanha do  
SERVIÇO  
FLORESTAL  
DO  
ESTADO

**BALÕES**

**SEMENTES DA DESTRUIÇÃO!**

SEJA VOCÊ  
O PRIMEIRO A COLABORAR COM A

**POLICIA FLORESTAL DO ESTADO E  
CORPO DE BOMBEIROS DE S. PAULO**

SECRETARIA DA AGRICULTURA - Serviço Florestal do Estado



# CENTRO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO

## Entrega de Espadins

Realizou-se, no dia 24 de maio, no Centro de Formação e Aperfeiçoamento, a cerimônia de entrega de espadins aos novos alunos do Curso de Oficiais Combatentes.

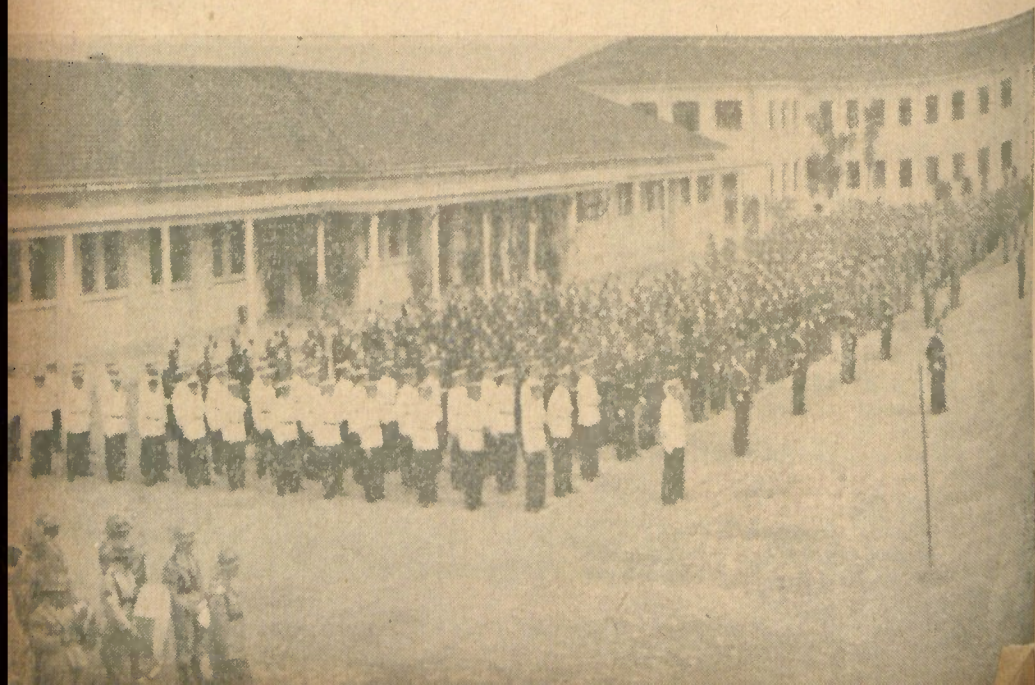
Estiveram presentes ao ato o sr. gen. Segadas Viana, comandante interino da 2a. Região Militar; brigadeiro Carlos Brasil, comandante da 4a. Zona Aérea; cel. Eleuthério Brum Ferlich, comandante geral da Força Pública; representantes das Secretarias de Estado; Prefeito da Capital; Magnífico Reitor

da Universidade de S. Paulo; cel. Pedro Dias de Campos, ex-comandante geral da Força; comandantes de corpos; chefes de serviços e outras autoridades civis e militares, bem como numeroso público.

Ao lado das demais escolas daquele Centro, apresentaram-se os alunos oficiais, envergando vistoso uniforme de gala e apresetando, pela primeira vez, a *barretina*, tradicional cobertura das nossas tropas d'antanho.

Os novos cadetes receberam os simbólicos espadins das mãos das autoridades.

Os alunos das escolas do C.F.A., formados no pátio interno do quartel.







Corpo de alunos oficiais do Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

des civis e militares, que, ao par das felicitações lhes dirigiam palavras de estímulo. Além da entrega de espadins realizou-se a cerimônia de juramento à Bandeira, por parte dos alunos que ainda não haviam cumprido essa formalidade regulamentar.

Usou da palavra o comandante do Centro, major Paulo Soares de Moura, que, em rápida e incisiva análise, ressaltou a relevância do ato, focalizando a responsabilidade dos futuros oficiais, cujos misteres exigem acentuado desprendimento e espírito de sacrifício. E, na

época atual, assinalada por marcante e intensa transformação social, é necessário manter bem alto tão características virtudes, identificadoras de classes votadas ao bem comum e animadas de sadio patriotismo.

Mirando os exemplos de nossos grandes soldados antepassados, encontram aí, os alunos de hoje, a lição vivida por existências dedicadas inteiramente à Pátria.

Finda a leitura do Boletim Comemorativo, a tropa desfilou garbosamen-



A esquerda alguns alunos prestam juramento à Bandeira. A direita, o brigadeiro Carlos Brasil faz entrega do espadim simbólico a um dos alunos-oficiais





Aspecto do "Baile do Espadim" da Escola de Oficiais, no Clube Atlético Paulistano

te, em continência às autoridades presentes.

Encerraram-se as festividades no Barro Branco com um *cock-tail*, servido no moderno e amplo refeitório da conceituada Unidade-Escola.

À noite, nos salões do Clube Atlético Paulistano, realizou-se animado saraus dansante, com a presença de destacados elementos da sociedade bandeirante.

## CLUBE MILITAR

Calendário para os saraus e vesperais dansantes, para o 2.º semestre

### JULHO

15 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

30 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

### AGOSTO

12 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

27 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20,00 horas.

### SETEMBRO

9 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

24 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

### OUTUBRO

7 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

22 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

### NOVEMBRO

4 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

19 — Domingo — Vespéral, das 16 às 20 horas.

### DEZEMBRO

2 — Sábado — Soirée, das 22 às 2 horas;

16 — Sábado — Soirée, das 22 às 4 horas.

Reitera-se a necessidade dos ers. Consócios providenciarem os cartões-identidade das pessoas de suas Ex-mas Famílias.



## PROMOÇÕES

Por decretos de 30 de maio, foram promovidos :

### NO QUADRO DE COMBATENTES

- *por merecimento* :
- ao posto de cap., o 1.º ten. Rubens Martins, do H.M.;
- ao posto de 1.º ten., os 2.ºs. 4.ºs. Álvaro Parreiras, do 7.º B.C.; Roldão Nogueira de Lima, do R.C.; Alaor Godoi, do B.G.; Mário Campos, do C.F.A.;
- *por antiguidade* :
- Tiago Vila Verde Prior, do S. Subs.; José de Almeida Santos, do 7.º B.C.; Edmur Moura Sales, do 3.º B.C.; Luiz Felipe Peçanha, do Q.G.; Domingos de Melo, do 7.º B.C.

— *por merecimento intelectual* :

- ao posto de 2.º ten., os aspirantes Alcides Lelis Moreira; José Augusto Rezende; João Viana Júnior; José Fernandes; Waldomiro de Abreu; Odwaldo Silva; Antônio Mendes; Pedro Marcondes; Nelson Monteiro; Henrique Nogueira; Nelson Tranchesi; Walter Lara; João Máximo de Carvalho Neto; Sinésio de Oliveira; Jatyr de Souza; Almir Ribeiro Gomes; José Leite Barbosa; Alberto Fernandes da Silva.

### NO QUADRO DE SAÚDE

- *por antiguidade* :
- ao posto de maj. médico, o cap. Naylor da Silva Carvalho, do C.F.A.;

— ao posto de cap. médico, o 1.º ten. Osvaldo Cavalheiro, do 4.º B.C.;

— ao posto de cap. dentista, o 1.º Ademar de Oliveira Barbosa, do S.S.

— *por merecimento* :

— ao posto de cap. dentista, o 1.º ten. Antônio Fausto de Arruda Macedo.

### NO QUADRO DE VETERINÁRIA

— *Por merecimento* :

— ao posto de cap. o 1.º ten. Osvaldo Spartaco Fabri.

Por decretos de 20. de junho, foram promovidos os seguintes oficiais :

### NO QUADRO DE COMBATENTES

— *por antiguidade* :

— ao posto de major, o cap. Temistocles Rodrigues, do SMB.;

— ao posto de cap., o 1.º ten. Hélio da Mota Taveiros, do 2.º B.C.

— *por merecimento* :

— ao posto de 1.º ten. o 2.º ten. Sérgio Vilela Monteiro, do C. F.A.

### NO QUADRO DE SAÚDE

— *por antiguidade* :

— ao posto de maj. dentista, o cap. Breno Pereira da Silva, do S.S.

— *por merecimento* :

— ao posto de cap. dentista, o 1.º ten. Osvaldo de Almeida Vitor Rodrigues, do S.S.


(Continua na página 114)



# Festa Joanina do Clube Militar



Bastante interessante  
a reunião na sede  
do Clube Hípico de  
— Santo Amaro —



O Clube Militar fêz realizar na noite de 24 de junho a tradicional festa de São João.

Acertadamente a diretoria escolheu o Clube Hípico de Santo Amaro, para num ambiente apropriado divertir a «caipirada». As instalações foram gentilmente cedidas pelo Hípico a cuja direção se devém as agradáveis horas passadas naquela noite de alegria. O local é apropria-

díssimo. Terreno plano, rodeado de frondosa mata — traz à lembrança dos que viveram em fazendas, as noites de festas em nosso «hinterland»; da, aos que sempre moraram na cidade, uma idéia exata do Interior.

A concorrência superou as mais otimistas expectativas.

Embora a partida dos ônibus estivesse marcada para as 21 ho-



ras, às 20 já se esboçava a longa fila que iria constituir-se junto ao portão do 1.º B.C. Todos queriam garantir um lugar nos veículos de transporte.

A hora marcada, lá estavam os grandes coletivos da C.M.T.C.

Os incansáveis capitães Scartezini e Feliciano atendiam a tudo e a todos — «Avança o primeiro carro! O cobrador na porta, ninguém entra sem o talão!» — nada escapava à atenção daquela dupla. Seu divertimento era proporcionar diversão aos outros.

Os seis coletivos passaram frente à fila, mas ela ficou pela metade. O que fazer? Ninguém se afobou, pelo menos aparentemente. Não estava ali S.M. Feliciano I? Embora o mandato tivesse caducado há seis meses... quem foi Rei...

Houve uma breve conferência — Feliciano e Scartezine trocaram algumas palavras — a solução veio.

— Sr. Miguel, sr. Miguel! (era o fiscal).

O homem surgiu e, num sotaque bem castelhano:

— Pronto sr. capitán, pôsso tocar,

— Não. Faça passar os carros outra vez pela fila, o resto vai de pé.

E a turma subiu — não é novidade para nenhum paulistano viajar assim.

A viagem, decorreu — animadíssima, até o local da fogueira, e que fogueira! Um monte enorme de lenha seca. Uma fortuna em qualquer terra gelada, mas neste clima amigo, onde nem no inverno faz frio de matar, todos passavam de longe. Também, aquele fogaréo aquecia toda a região...

Os músicos estavam a postos. O comendador Napoleão anunciou a quadrilha — «Atenção! Escolham pares» Se o comando foi enérgico a execução foi pronta. E a caipirada começou a girar. Quem diria! O velho Napoleão pulou e gritou a noite inteira. Enquanto os brotinhos procuravam um banco ele estava firme.

O churrasco, a batata doce e o quentão tiveram grande procura. O sargento Leão e seus auxiliares estavam cansados de atender àquela turma insaciável. Eis que surge um ajudante inesperado, o incansável Scartezini — arregança as mangas, apanha o espêto e lá vai churrasco.

O episódio notável da festa está fixado numa das fotos que acompanham esta nota — casamento na roça. Os noivos estiveram impagáveis; o reverendo, formidável. Ao redor, todos riam e caçoavam, mas o trio continuava compenetradíssimo. A cerimônia merecia ser gravada. De quando em quando o noivo soltava uma frase característica, dirigindo-se, ora à noiva, ora aos circunstantes.

«Tá tremendo peste, parece que nunca se casó! Nunca viu gente casá, caipirada?».

—:—

Três horas da madrugada.

A noite esfriou, a garoa desceu, os quadrilheiros se revezaram, mas a quadrilha não parou.

A fila de automóveis, lá fora, diminuiu, porém não fez diferença no terreno.

Quando chegaram os ônibus para o regresso ainda havia quem se fizesse de rogado. Não tinham presa, pudera, era tão cédo...



# 3.<sup>A</sup> CIA. INDEPENDENTE

## Inauguração festiva do edifício-séde, em Presidente Prudente

Em cumprimento ao plano estabelecido pelo Comando da Fôrça Pública no sentido de dotar tôdas as unidades da Fôrça de aquartelamento próprio, inaugurou-se, a 10 de junho, naquela cidade da Alta Sorocabana, a sede da 3a. Cia. Independente, instalando-se em prédio próprio.

Presidiu às solenidades o sr. Governador do Estado. Estiveram presentes os senhores Lucas Garcez, Secretário da Viação; Edgard Pereira Barreto, Secretário da Agricultura; cel. Eleuthério Brum Ferlich, Comandante Geral da Fôrça Pública; cel. Aquino de Oliveira, chefe do E.

M.; cel. Anibal de Andrade, Diretor Geral da Instrução; dr. José Foz, Presidente da Câmara Municipal, autoridades civis, militares, eclesiásticas e pessoas gradas.

Após a realização de um desfile em homenagem ao sr. Governador, procedeu-se à inauguração do edifício, falando, na ocasião, o cel. Ferlich e o cap. Divo Barsoti, comandante da referida Unidade interioriana.

A noite, foi servido no Tênis Clube local um grandioso banquete, a que compareceram o sr. Governador e sua comitiva.



O prédio da 3a. Cia Independente, recém-inaugurado em Presidente Prudente.





Ao alto, o cel. Brum Ferlich, falando após o ato inaugural do novo edifício-sede da 3a. C. I.

Em baixo: o sr. Governador do Estado passa em revista a tropa daquela unidade.



## Banda de Música "Major Antônio"

Realizou-se, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, um concerto sob a regência do professor e maestro tenente Antônio Bento da Cunha, comemorativo do primeiro aniversário de fundação daquele conjunto musical, pertencente ao tradicional estabelecimento de ensino.

Após a palavra do dr. Cory Gomes de Amorim, Administrador Judicial Interino, desenvolveu-se o programa musical que finalizou com a peça «Aurora da Liberdade», de autoria do saudoso major Antônio Fernandes, cuja longa e brilhante atividade na Banda de Música da Força Pública, lhe grangeou justo e renomeado prestígio nos meios artísticos.



# NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

## DO ESPÍRITO SANTO

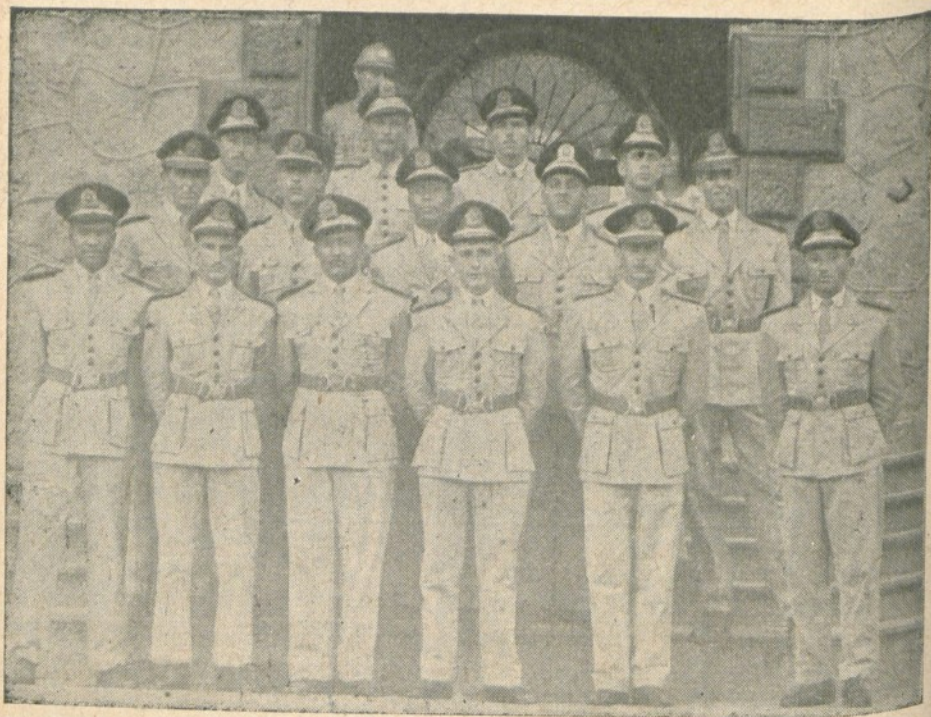
### Promoções de Oficiais e declaração de Aspirantes

Por decreto do governo estadual capichaba, foram promovidos :

- a major, os capitães Manoel Aquilino da Silva e Alcides Gomes de Vasconcelos;
- a capitão, os primeiros tenentes Floriano Lopes Rubim e João Veiga dos Santos;
- a primeiro tenente, os segun-

dos tenentes José Barbosa Lima e Luiz Soares Ferreira.

Em princípio deste ano foram levadas a efeito as festividades comemorativas da declaração de mais uma turma de aspirantes da brava Polícia Militar espírito-santense - a turma de 1949, — da qual apresentamos a foto abaixo :



ASPIRANTES DE 1949

Hélio Nascimento dos Reis (orador), Moacyr Cypreste, Higinio Bernardes dos Santos, Rubens de Souza Papi, Alaôr Alves Calçada, Genésio Gomes, Ernâni Aldright Feijó, Joubert Costa, Jonas Cardoso de Matos, Jader Peixoto Rubim, Décio Nascimento, José Ribeiro Sobrinho, Eraldo Alves, Alceu Junger Vieira e Antônio O. Q. Macêdo.



Do programa festivo, distribuído por duas datas, constou :

- alvorada, pelas Bandas;
- formatura da tropa em frente ao quartel;
- recepção às autoridades, no Quartel da P.M., pelo Comando Geral;
- entrega das espadas e mudança das platinas, pelas marinhas;
- compromisso dos aspirantes;
- discurso do orador da turma, asp. Hélio Nascimento dos Reis;
- discurso do Paraninfo, cel. Darcy Pacheco de Queirós;
- desfile dos aspirantes em continência à Bandeira;
- missa e bênção das espadas dos aspirantes, pelo revmo. Bispo Diocesano;
- partida de basquetebol entre aspirantes e oficiais;
- visita dos aspirantes ao Convento de Nossa Senhora da Penha.

Aos recém-promovidos e novos aspirantes, as congratulações de MILITIA.

## Reequipa-se o Corpo de Bombeiros de Vitória

O Corpo de Bombeiros da capital daquele Estado acaba de obter do Governo os meios necessários para a aquisição de novo equipamento para ação contra incêndios e para serviços de salvação. Assim é que o Chefe do Executivo estadual, em 26 de maio último, sancionou a Lei n.º 329, decretada pela Assembléia Legislativa, autorizando a despesa de Cr\$ 1.164.971,80 para aquela finalidade.

### Representação de MILITIA

Em virtude de ter sido nomeado para exercer o cargo de Delegado de Capturas da Zona Norte do Estado, deixou as funções de Secretário do Comando Geral, que vinha exercendo de há longa data e, conseqüentemente, a representação dêste órgão junto àquela P.M., o ten. Antenor Olívio Plotegher, a quem deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos pela brilhante e eficiente cooperação que nos emprestou, durante o tempo que nos representou, bem como nossos augúrios de felicidade no executar da comissão que vem de receber.

Para substituir o ten. Plotegher, foi designado o ten. Alfredo Pacheco Barroca.

Grupo de sargentos que concluíram o respectivo curso de formação, no Departamento de Instrução da Polícia Militar, dirigido pelo major. Djalma Braga.





## Da P. M. de Minas Gerais

### INAUGURAÇÃO DE MELHORAMENTOS NO H. M.

A 21 de abril findo, foram inaugurados, no Hospital Militar, o "Bloco Cirúrgico", que recebeu denominação de "Cel. José Vargas da Silva", o Laboratório Quimioterápico Farmacêutico, e o Laboratório de Prótese Dentária.

Tais melhoramentos introduzidos em um órgão tão importante da P. M. mineira, dotando-o da aparelhamento moderno, técnico e científico, — vem torná-lo, um estabelecimento que honra o povo montanhês.

A sua inauguração contou com a presença do dr. Milton Campos, Governador do Estado, demais autoridades federais e estaduais, além de oficiais e praças daquela co-irmã.

A solenidade falou o ten.-cel. dr. Gastão Bhering, chefe do Serviço de Saúde, saudando o sr. governador do Estado, o ten.-cél. dr. José Bolívar Drumond, chefe da Clínica Cirúrgica, e o maj. dr. João Carlos de Araujo Moreira, falaram sobre os melhoramentos então inaugurados.

### O GINÁSIO TIRADENTES ENALTECE SEU PATRONO

Ao ensejo de um novo 21 de abril, o Ginásio Tiradentes, estabelecimento recentemente criado pelos dirigentes da P. M., comemorou essa data com um programa festivo.

Contando com a presença de oficiais, professores do educandário, e famílias, além do corpo discente, a sessão foi aberta pelo diretor do Ginásio, dr. Carlos Porfírio dos Santos.

A srta. Maria Carmelita Segismondi falou em nome dos alunos, e o histo-

riador Vicente Racciolpi pronunciou uma conferência sobre a Inconfidência Mineira, sendo ambos muito aplaudidos pelos presentes.

Em seguida o ten.-cel. Manuel José de Almeida procedeu à adoção oficial do uniforme escolar, terminando a sessão com uma partida de vôlei entre os estudantes.

### JURAMENTO À BANDEIRA

Por terem terminado o período de instrução previsto em regulamento, os novos recrutas prestaram juramento à Bandeira e compromisso perante a Pátria, cuja solenidade se deu a 24 de maio, no quartel do 5.º Batalhão de Caçadores Mineiros.

A essa solenidade militar compareceram os srs. cel. José Vargas da Silva, comandante geral, tens. céis. José Lívio Leste, chefe da Missão Instrutora do Exército, e José Osvaldo Campos do Amaral, cmt. do Corpo de Bombeiros, além de outros oficiais e exmas. famílias.

Pelo ten. cel. Alvaro Barbosa, cmt. daquela unidade, foi lido o Boletim alusivo à cerimônia, a qual terminou com o desfile em continência à Bandeira e às autoridades.

### NO 4.º B.C.M., EM UBERABA

A 15 de abril findo, foram inauguradas as instalações da filial do Serviço de Subsistência.

Por ter ocorrido a transferência para a Reserva do ten. cel. Luiz de Carvalho, procedeu-se à inauguração de seu retrato no gabinete do comando da Unidade uma significativa homenagem aos



seus esforços durante o tempo em que serviu nas fileiras.

No comando da unidade foi empossado o ten. cel. Alcebiades Delfino Pereira.

## NA UNIAO DOS REFORMADOS

Por terem sido agraciados com o título de sócios beneméritos da União dos Reformados da Polícia Militar, foram homenageados os ex-comandantes gerais da P.M., drs. José Francisco Bias Fortes, Cristiano Monteiro Machado, Alfredo Sá, Odilon Duarte Braga, Alvaro Batista de Oliveira, Gabriel de Rezende Passos, Gustavo Capanema Filho, Arnaldo Alencar Araripe, Carlos Coimbra da Luz e Domingos Henrique de Gusmão Júnior.

Também foram homenageados os drs. Milton Soares Campos, Ovídio Xavier de Abreu, Euvaldo Lodi e Francisco Duarte Badaró Júnior, aos quais foram conferidos diplomas de sócios honorários.

Tais solenidades tiveram lugar no auditório do Conservatório Mineiro de Música, contando com a presença dos membros da diretoria da União e das autoridades estaduais, falando o major José Agostinho Ribeiro sobre a vida da União e as razões das homenagens então prestadas.

Terminou o programa com a romaria ao túmulo do cel. Otávio Campos do Amaral, primeiro presidente da União.

## NOVA DIRETORIA DO CLUBE DE OFICIAIS

A 4 de junho procedeu-se à eleição nova diretoria do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, cuja votação recaiu nos seguintes oficiais: presidente — ten.

cel. Manuel Assumpção e Souza; 1.º vice-presidente — maj. dr. Aristides Salgado; 2.º vice-presidente — maj. Antônio Heleodoro dos Santos; 1.º secretário — 1.º ten. Antônio Norberto dos Santos; 2.º secretário — 1.º ten. Antônio da Costa Dias Filho; 1.º tesoureiro — cap. Geraldo Pinto de Souza; 2.º tesoureiro — 1.º ten. Raimundo Chagas; e Orador — cap. José Geraldo de Oliveira.

## PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Por atos do sr. Governador do Estado foram promovidos, na Polícia Militar:

— ao posto de tenente-coronel, os majores:

Luiz Rodrigues dos Santos, Alcebiades Delfino Pereira, Américo Fernandes Leão e Manuel Assunção e Souza;

— ao posto de major, os capitães José Gonçalves de Carvalho, Ademar Ferreira Dutra, Derli Oscar de Miranda e José Ferreira Lima;

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes José de Carvalho Pereira, Agnelo Linhares, Davi Corsino, Pantaleão Fagundes, Geraldo Esteves da Silva, Geraldo Renó, José Silveira (2.º) e Raul Chaves Mendes;

— ao posto de 1.º tenente, os segundos tenentes Orlando Marino, Jarbas Sabino de Castro, Alexandrino Martins da Silva, Lourival de Oliveira, Ernâni de Souza, João Alves dos Santos (4.º), João Alves Pinto, Alonso de Paula Rêgo, Daniel Noronha Neto, Ezequiel Estevanato, José Cândido de Almeida (1.º), José Guilherme Ferreira, Parisio Gonçalves, Paulo Moreira Alvim Machado e Paulo Reis;

— ao posto de 2.º tenente, os aspirantes a oficial Antônio Santa Cecília,

(Continua na página 111)





As equipes de basquetebol da Fôrça Pública paulista e da Polícia Militar do Distrito Federal, vendo-se ainda os juizes da partida, instrutores da E. E. F. do Exército.

## Aniversário da P. M. do Distrito Federal

Homenageando a Corporação irmã, a Fôrça Pública enviou ao Rio uma delegação de oficiais.

Enviou a Fôrça Pública, ao Distrito Federal, acedendo a gentil e honroso convite, uma delegação de oficiais, com a missão especial de levar à disciplinada e gloriosa Polícia Militar daquela metropóle o seu abraço fraternal e amigo, as suas melhores homenagens, no grato ensejo das solenidades comemorativas de mais um aniversário de sua fecunda e laboriosa existência.

Chamada também a participar do programa comemorativo e intervir nos jogos de voleibol e basquetebol que o integravam, a Milícia de São Paulo aceitou, desvanecida, essa distinção, na certeza de que o desporto, fonte perene de energias físicas e morais, além de dar brilho incontido aos festejos, estreita ainda mais os vínculos de camaradagem e amizade existentes entre as duas tradicionais corporações.

A delegação paulista compunha-se de 15 oficiais, cujos nomes apa-

recerão, mais tarde, em meio a esta crônica, e tinha como chefe o major Pedro Alves de Brito, da Escola de Educação Física. Coube ao 1.º ten. José Furtado Pisani, também da Escola, a função de técnico das equipes que se iam empenhar em justas verdadeiramente memoráveis.

O programa comemorativo foi seletivo e brilhante, prolongando-se por varios dias. Teve como ponto culminante o dia 13 de maio que assinalava, precisamente, a passagem do 141º aniversário de fundação da garrida Polícia Militar Metropolitana.

Já ao romper da aurora se despertava ao som de harmoniosos acordes musicais e festivas clarinadas, anunciando o início das solenidades que tiveram tôdas as características de apoteose. Após a alvorada, foi lido o Boletim Comemorativo. Era uma linda peça, burilada por estilo escoreito. Aliás, a gloriosa existência da centenária Milícia toda pontilhada



de grandes serviços ao Distrito Federal e ao Brasil, justava-se, maravilhosamente, à exaltação e aos devaneios literários. Seguiu-se-lhe uma demontração de ginástica acrobática, por uma truma de escól. Vem depois a cavalaria, com sua parte espetacular. Vimos, então, um concurso hípico, povoado de emoções, rico de alternativas. Cavalos amestrados, conduzidos por cavaleiros de alta escola encantaram a assistência. E a demonstração da Escola de Volteio, que maravilha, que precisão, que técnica! Parecia-nos estar vendo através dos milênios, a juventude da Roma imperial, com suas vistosas indumentárias, na execução do «Ludos Trojae», fascínio das multidões da

Roberto Valentim de Nucci, Roberto Silva de Carvalho, Osmar Vilela Santos, Ademar Ferreira, Valdemar Nogueira, Geraldo Ferreira de Carvalho e Diomar de Melo Torquato, para medir forças com a do Distrito Federal, em voleiból. Foi uma pugna renhida, com lances de boa técnica, dentro de elevado espírito de camaradagem. Ao seu termo, o placarde assinalava a vitória da Fôrça Pública por 12 a 1, apresentando os sets a contagem de 15 x 4, 13 x 15 e 15 x 9.

A justa de bola ao cesto, acima mencionada, foi deveras empolgante. Os dois quadros se empenharam a fundo, pondo em jôgo altos recursos físicos, morais e técnicos. A assistência acompanhou com acentuada



A nossa representação, em visita à Escola de Educação Física do Exército.

antiga capital do mundo. Vem, após, o jôgo de bola ao cesto entre a nossa equipe e a jovem oficialidade da Polícia Militar, que comentaremos adiante, e, por fim, tem lugar um fino coquetel, com a clássica troca de saudações. Manhã luminosa por todos os títulos, para a brilhante Corporação, bem digna de uma vida devotada ao serviço público.

Na tarde do dia anterior o programa chamara a campo a nossa equipe, integradapelos tens. Lourenço

emoção tóda a partida que teve, ainda, outro colorido excepcional, na disciplina, cavalheirismo e no elevado espírito desportivo. Coube, também, no desporto da cesta, a vitória à representação de nossa Fôrça Pública, pela contagem de 29 x 24. A equipe paulista que desenvolveu notável atuação, — e só assim lhe foi possível vencer adversário tão valoroso, — possuidora de inegáveis méritos, estava constituída pelos seguintes oficiais: Alvaro Parreiras, Ulisses Teo-





As equipes de voleibol, confraternizadas, posam para a nossa objetiva.

doro dos Santos, Raul Humaltá Vila Nova, Roberto Silva de Carvalho, Valdemar Nogueira, Mário Rodrigues Montemor, Clóvis de Melo, Diomar de Melo Torquato e Jatir de Souza.

A Polícia Militar cumulou a delegação da Força Pública das mais cativantes gentilezas. Do seu Comandante Geral, o ilustrado e eminente gen. Rafael Danton Garrastazu Teixeira, aos seus luzidos oficiais, todos se empenharam em cercar a embaixada bandeirante da mais acolhedora fidalguia. Entrosada no programa comemorativo, foi-nos proporcionada uma série de visitas encantadoras. Visitamos a Escola de Educação Física do Exército, estabelecimento notável que honra o nosso país, e a nossa cultura física; o Arsenal de Guerra Petrópolis, a linda cidade das hortências, e o seu impecável Museu Imperial; visitamos Quitandinha, com seus lustres, seus cristais, seus da-

mascos, sua piscina, seus lagos com galeras, suas fontes, mais parecendo um Palácio Mourisco ou uma Casa Dourada de Nero; a Estrada de Canoas, com um panorama deslumbrante, a Universidade Rural, no Quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo, obra notável e grandiosa, marco imperecível da administração de um bandeirante de lei, o saudoso dr. Fernando Costa, quando titular da pasta da Agricultura. Merece registro, também, a bela conferência que assistimos, no Quartel do Regimento de Cavalaria daquela Corporação, sobre a batalha de Guararapes, em que se ressaltou o heroísmo dos pernambucanos, nas suas lutas memoráveis contra o invasor flamengo. Também o Centro Paulista proporcionou à nossa delegação cativante homenagem, com uma recepção e uma noite de arte, na sua sede, à Praça Tiradentes. Foi esta uma encantadora festa de



amizade, dos bandeirantes da Metropole Brasileira aos bandeirantes do planalto, em visita de cordialidade à Polícia Militar do Distrito Federal e à Cidade Maravilhosa.

Se a missão que nos conduziu ao Rio de Janeiro — levar o abraço cordial e amigo da Milícia Bandeirante à Milícia do Distrito Federal, na sua efeméride soberana — era das mais gratas e encantadoras, o seu cumprimento, em meio a um ambien-

te, festivo, íntimo, fidalgo, constituiu uma dessas temporadas que a reminiscência e a sensibilidade guardam perenemente.

Trouxemos agradável impressão das solenidades comemorativas e mais ainda da disciplina, do apuro da instrução e da eficiência da Polícia Militar do Distrito Federal, de sua luzida oficialidade e de seu Comandante Geral, o ilustre e dinâmico general Garrastazu Teixeira.

---

## Da P. M. de Sergipe

### Promoções por conclusão de curso

Foram promovidos, pelo sr. Governador do Estado, ao posto de Aspirante a Oficial os primeiros sargentos Manoel Machado dos Santos, Roque Simas, Antônio Xavier de Farias e José Francisco Vital, que vêm de concluir, com aprovação,

o curso de formação de oficiais, daquela corporação irmã.

Aos promovidos, cumprimentos e votos de felicidades de MILITIA.

### Transferência para a Reserva

Foi transferido para a reserva, por haver atingido a idade limite, o 1.º ten. José Luiz da Silva.

---

## Da P. M. de Minas Gerais

(Continuação da página 107)

Lises de Melo, Manuel Doro Pereira, Walter Mesquita, Altivo Gomes da Silva, Waldemiro Júlio Nazaré, Walter Ferreira da Silva, Alvaro de Oliveira Marino, Sílvio de Souza, Luiz Nunes Neto, Sebastião José dos Santos, José Onésimo de Abreu, Namir Gonçalves de Lima, Miguel Carlos Leandro, Jacinto Franco de Amaral Melo, José Apolônio Gomes, Waldir Rosa Nazaré, Omar Fer-

reira Vargas, Douglas Koscky Fernandes, Joaquim Marques Ribeiro e João Carneiro de Vasconcelos; os sub-tenentes Arnaldo Manso Monteiro da Gama e Gualter de Carvalho Matos; e os 1.ºs. sargentos João Afonso Filho e José Gonçalves de Souza (1.º).

MILITIA felicita aos recém-promovidos, augurando-lhes felicidades no novo posto.



educação física e **DESPORTOS**

**JOE LOUIS** exhibe-se  
para a **Fôrça Pública**

Interessante demonstração no Ginásio "Cap. Delphin Balancier"

*Pelo ten. Osmar Vilela Santos*

Joe Louis exibiu-se para a Fôrça Pública, na tarde de 3 de maio, no Ginásio "Delphin Balancier" da E.E.F. Ao local da reunião compareceram co-

mandantes e oficiais dos mais altos postos, oficiais subalternos, sargentos, e praças, além de numerosa assistência. Um vivo e desusado interêsse animava







os espectadores; todos queriam admirar o "fenômeno Joe", ver de perto a figura do "demolidor", testemunhar o valor do grande pugilista. Sua demonstração foi breve, porém, preciosa. O que realizou foi o bastante para dar uma idéia clara do treinamento indispensável ao lutador:

- ligeiro aquecimento;
- sombra (esquivas, bloqueios, jôgo de pernas, variações de golpes);
- saltos com corda;
- educativos e treinamento de precisão e rapidez de golpes;

— movimentos ginásticos de efeitos abdominais e respiratórios.

Consciente de sua inegável classe; movimenta-se com facilidade, ritmo e equilibrio. Custa a crer que tamanha massa muscular possa ser deslocada com tanta naturalidade, graça e beleza. Os golpes que desfere são calculados, rápidos e potentes. Dotado de notável coordenação e independência de movimentos, combina com maestria os deslocamentos (jôgo de pernas), com as esquivas de corpo e ações ofensivas. Depois de vê-lo, não nos admiramos de jamais ter conhecido adversário. Desde que arrebatou, a James Bradock, em 1937, o cetro máximo, nunca mais foi derrotado nas inúmeras vezes em que defendeu seu título. E nunca se negou a fazê-lo. Retirou-se invicto e cheio de glórias. Joe Louis mostrou à Força Pública apenas uma parcela do que sabe, mas, por êsse pouco, poderemos concluir, sem medo de errar, que êle é absoluto na nobre arte do box.

As fotos que apresentamos dão uma idéia da notável demonstração de Louis.

---

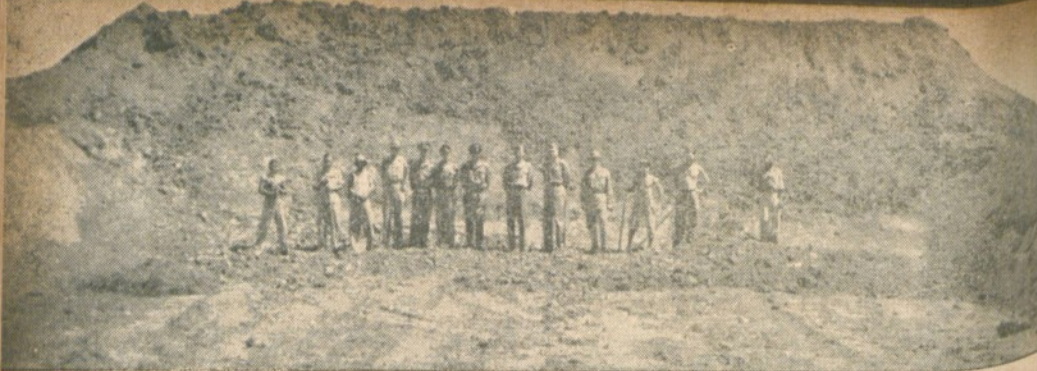
*N. da R. — A imprensa mundial noticiou, consoante entrevista concedida por Joe Louis, quando ainda na capital paulista, que êste voltará ao tablado para disputar de novo o titulo de campeão mundial de pêso pesado.*

## Preparando para o Desfile

No pátio do B.G., o contingente representativo do Serviço de Transmissões era manobrado para a constituição duma companhia, tendo em vista o próximo desfile. Um velho sargento electricista, nesse interim, fêz meia-volta pela direita e em um só tempo, causando risos de alguns assistentes. Um destes, porém, justificou:

— Foi u'a meia-volta em curto-circuito...





## TAUBATÉ constrói seu estande de tiro

Empenhado o 5.º B. C. em dotar a cidade de uma nova linha de tiro que satisfaça às necessidades da Unidade e dos atiradores taubateanos

Temos, na foto supra, um aspecto da construção do novo estande de tiro do 5.º B. C., cujo andamento está bastante adiantado. Uma vez concluído, ficará Taubaté dotada de um excelente meio para a execução da interessante quanto patriótica modalidade esportiva, graças ao grande empenho da atual Administração da Fôrça Pública, coadjuvada com a

da do 5.º B. C., que vêm dando o melhor dos seus esforços em tal sentido. Com êle, a unidade da zona da Central do Brasil, vanguardeira nas provas de tiro ao alvo, quer nas do campeonato desta milícia, quer em competições das entidades civis, terá ensejo para aprimorar a classe dos seus veteranos atiradores e ainda selecionar novos valores.

---

### PROMOÇÕES DE OFICIAIS

(Continuação da página 99)

- Nomeado, no posto de 2.º ten. dentista estagiário, os civis:
- Hilton Gonçalves; Lázaro Geraldo Toledo Pacheco; Idálio Soares Pinto; Carlos Barros de Camargo; Hugo Jahnel de Faria; Webel Brigagão; Adyr Fernandes Costa; Amílcar Carrameña; Jarbas Pinho de Faria e Edward Bertelli.

### NO QUADRO DE ESPECIALISTAS

- por antiguidade:
- ao posto de maj. regente do Conjunto Musical, o cap. Antônio Romeu, do C.M.
- por merecimento:
- ao posto de cap. mestre da Banda de Música, o 1.º ten. Antônio Bento da Cunha, do C.M.



# II Torneio Popular Estadual de Tiro ao Alvo

Regulamento do interessante certame organizado  
pela F. P. T. A. e pela Força Pública

1) Com o presente REGULAMENTO, realizar-se-á o 2.º Torneio Popular Estadual de Tiro ao Alvo, organizado pela Federação Paulista de Tiro ao Alvo e pela Força Pública do Estado, por intermédio de sua Diretoria Geral de Instrução.

2) Este Torneio, realizado anualmente, constará de tantas eliminatórias quantas cidades se encontrem em condições técnicas de poder disputá-lo.

3) Todos os interessados residentes em uma determinada região deverão concorrer à eliminatória a ser realizada em sua sede, salvo condições precárias de meios de locomoção, caso em que poderão optar por aquela que mais facilidade lhes apresente.

4) A prova realizada em uma sede, além de ser considerada como eliminatória para o final do Torneio a ser realizado em São Paulo, terá caráter de campeonato local e assim, terá a sua classificação própria com os prêmios respectivos, de acôrdo com o número de participantes.

5) Além dos prêmios a que fizerem jus, pelo torneio local, os que

melhores classificações obtiverem serão convocados para a final a ser realizada na Capital e, nessas condições, receberão passagem gratuita, de ida e volta, com leito se preciso, correndo, entretanto, às suas expensas as despesas com sua permanência em São Paulo.

6) Em vista da necessidade de oferecer o maior índice de segurança o 2.º Torneio Popular Estadual de Tiro ao Alvo, será disputado apenas nas armas «Carabina cal. 22 — Deitado» a 50 metros de distância e «Revólver Cal. 32/38» a 25 metros de distância. Futuramente, entretanto, caso as condições técnicas e de segurança dos locais de disputa o permitirem, serão disputadas outras, principalmente a de fuzil ordinário.

7) As inscrições para esse torneio serão inteiramente gratuitas e serão abertas a todo cidadão capaz, de ambos os sexos, assim considerados aqueles de ótimos antecedentes e habilitados ao manêjo das armas com que irão competir, desde que comprovadamente amadores.



8) A Federação Paulista de Tiro ao Alvo e a Fôrça Pública do Estado não serão responsáveis por qualquer dano que venha a sofrer um concorrente, mas concorrerão com sua prática técnica e conhecimento do assunto para que sejam eliminadas tôdas as possibilidades de acidentes, visto-riando armas, locais de disputa e ministrando avisos com instruções.

9) Aos concorrentes que, embora habilitados ao uso das armas da competição a que vão concorrer, não disponham de armamento próprio, a Federação Paulista de Tiro ao Alvo e a Fôrça Pública do Estado cederão as armas necessárias e, se possível, também a munição suficiente pelo seu preço de custo.

10) Nas sedes em que a organização do torneio estiver a cargo de unidade da Fôrça Pública, os interessados, além de receberem tôdas as informações necessárias, poderão ainda praticar com a arma que irão competir, para assim melhorar suas possibilidades.

11) Ambas as provas constarão de 20 tiros, nas distâncias acima estipuladas, sôbre alvos oficiais, sendo o de carabina de 20 cm. de diâmetro, dividido em 10 zonas numeradas de 1 a 10 e com visual de 12 cm. de diâmetro e o alvo de revólver de 50 cm. de diâmetro, também dividido em 10 zonas numeradas de 1 a 10 e com visual de 20 centímetros.

12) Os pontos serão contados somando-se o valor dos impactos obtidos, representado êsse valor pelo número da zona atingida, sendo declarado vencedor o atirador que maior número de pontos haja alcançado e, em caso de empates, estes serão decididos de acôrdo com o maior nú-

mero de visuais, maior número de 10, 9, 8 etc., de acôrdo com o Regulamento Internacional de Tiro.

13) Em cada prova haverá classificação individual e das localidades disputantes, para o que serão realizadas duas competições :

a) Em cada cidade, município ou região, atendendo à necessidade de local apropriado para a realização das provas e a existência de entidade habilitada a dirigi-las;

b) Na Capital, onde tomarão parte os atiradores prèviamente designados pela Federação Paulista de Tiro ao Alvo, representantes das diversas localidades, número êsse de competidores que variará de acôrdo com os índices alcançados.

14) A primeira competição terminará em cada prova o campeão de cada uma das localidades e servirá de base para a escolha dos representantes das mesmas.

15) A segunda competição selecionará o campeão do «Torneio Estadual Popular», em cada prova, e servirá para a determinação da localidade vencedora.

16) A classificação individual de cada prova se fará pela contagem dos pontos obtidos no alvo, de acôrdo com o Regulamento de Tiro ao Alvo.

17) A classificação das localidades, será obtida pela soma dos pontos, marcando-se respectivamente 50, 30, 20, 15, 10, 7, 5, 3, 2 e 1 aos dez primeiros colocados, em cada uma das provas finais.

18) A posse definitiva da Taça oferecida pelo Excelentissimo Senhor Governador do Estado Dr. Adhemar de Barros será da localidade que em três anos (1950-51-52) conseguir maior número de pontos, que serão



contados às seis primeiras colocadas, respectivamente, 10; 7; 5; 3; 2; 1; em cada ano.

19) Não serão considerados para classificação das localidades os resultados obtidos por atiradores da categoria de «veteranos» e «seniors» da Federação Paulista de Tiro ao Alvo, nem os da classe «A», na respectiva arma, da Fôrça Pública, os quais competindo terão classificação individual distinta dos demais.

20) Para cada prova será constituída uma Comissão julgadora, composta de três membros, da qual farão parte um representante da Diretoria Geral de Instrução da Fôrça Pública, outro da Federação Paulista de Tiro ao Alvo e outro designado pela entidade filiada existente na localidade ou pela comissão Central de Esportes da Região.

21) Os casos omissos neste Regulamento, serão resolvidos em conjunto pelos membros da Comissão Julgadora, baseados, os de ordem técnica, no Regulamento Internacional de Tiro.

#### PRÊMIOS

1) — A Taça «Dr. ADHEMAR DE BARROS» será disputada em

três competições e será de posse definitiva da localidade que conseguir maior número de pontos, após três anos consecutivos.

2) — A posse transitória, da realização de um torneio ao outro, será da localidade que obtiver a melhor classificação em cada disputa.

3) — Haverá prêmios individuais, em cada prova :

- a) — em cada localidade, aos três primeiros classificados (medalhas);
- b) — na disputa final, aos seis primeiros classificados (taça ou medalha);
- c) — terá o nome gravado na taça todo atirador que fizer pontos para a classificação da localidade vencedora;
- d) — às três primeiras classificadas, na categoria de senhoras.

Estão inscritas no Torneio para o ano de 1950, as seguintes cidades :

São Paulo, Santos, Campinas, Bauru, Sorocaba, Taubaté, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, Presidente Prudente, Catanduva e Helvetia.

## "Revista de la Policia Boliviana"

Mantemos intercâmbio com esta publicação e aceitamos pedidos de assinaturas:

Por 3 números — Cr\$ 15,00

Por 6 números — Cr\$ 25,00

Pedidos à Gerência de "MILITIA"



## Homenagem do R. C. ao

## Secretário da Segurança Pública

### Disputa de duas interessantes provas

No dia 27 de maio do corrente ano foi homenageado pelos oficiais e praças do Regimento de Cavalaria o exmo. sr. Secretário da Segurança Pública, cel. Flodoardo Maia. Como em tôdas as reuniões festivas realizadas nessa tradicional unidade da Fôrça, não faltou a parte hípica. Es-

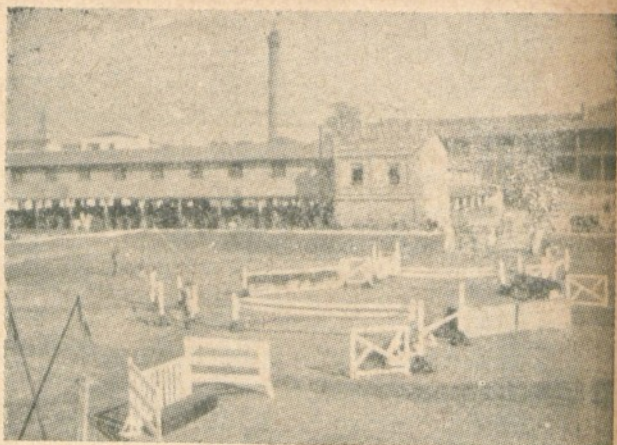
ta constou de duas disputadíssimas provas. A primeira prova — «**Policia Civil de S. Paulo**» — com prêmios para os três primeiros colocados, gentilmente ofertados pelo sr. Antônio Emigdio de Barros Filho, constando de um percurso normal, com handicaps, para cavalos das classes A, B



Grupo dos oficiais que disputam a prova "Cel. Flodoardo Maia"



Detalhe da pista armada no  
picadeiro descoberto do R.  
C. para as provas do dia  
27 de maio.



e C, tendo como concorrentes sargen-  
tos do R.C. Os primeiros colocados  
foram :

- 1.º lugar — sgt. João Ale-  
xandre Ribeiro, montando **Corcovado**;
- 2.º lugar — sgt. Vergílio Ma-  
noel Agostinho, montando **Pavão**;
- 3.º lugar — Manoel Longo da  
Silva, montando **Índio**.

A segunda prova, para oficiais,  
denominada «Cel. Flodoardo Maia»,  
com prêmios doados também pelo sr.  
Antônio Emigdio, constou dum per-  
curso normal, com handicaps regula-  
mentares, de acôrdo com a classe dos  
cavalos disputantes. Ao final da pro-  
va, a classificação dos concorrentes  
era a seguinte :

- 1.º lugar — ten. Wilson de  
Vasconcelos, montando **Flexa**;
- 2.º lugar — ten. Felix B. Mor-  
gado, montando **Farrapo**;
- 3.º lugar — cap. Hugo A.  
Portela, montando **Kid**.

Em seguida à realização dessas  
provas a Escola de Volteio do R.  
C., em uniforme especial, executou  
interessantes e arrojadas acrobacias  
a cavalo, sendo muito aplaudida pela  
seleta e numerosa assistência presen-  
te.

Encerrada a parte hípica, proce-  
deu-se, no gabinete do comando, à  
entrega dos prêmios aos oficiais e  
sargentos classificados nas provas  
que disputaram, falando nessa oca-  
sião o ten. cel. Candido Bravo, Co-  
mandante do R.C., que, após agra-  
decer a presença do sr. Secretário da  
Segurança, disse do significado da  
festa que acabava de realizar-se. Fa-  
lou depois o cel. Maia, agradecendo  
a homenagem que lhe haviam pres-  
tado. Convidados pelo comando do  
Regimento, passaram todos os pre-  
sentes para o salão nobre, onde foi  
servido excelente coquetel, que pôs  
um ponto final na festa do Regimen-  
to.



O ten.-cel. Cândido Bravo,  
comandante do R.C., diri-  
gindo-se ao sr. Secretário de  
Segurança.



## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

De autoria do cap. Kival Saldanha da Cunha, foi publicado o livro «Instrução Individual de Combate», como primeiro tomo.

Tamanho prático, com ilustrações bem elucidativas, a obra em apreço vem enriquecer a biblioteca profissional militar, expondo com clareza e simplicidade todo esse capítulo da formação do instrutor.

Usá-lo como fonte de consulta e orientação imediatas, torna mais fácil a execução instrutora. Seus capítulos preenchem tôdas as exigências: da nomenclatura e valor dos acidentes do solo, aproveitamento do terreno para observar, valor e utilização dos acidentes do solo contra projéteis, aproveitamento do terreno para progredir, aproveitamento do terreno para atirar, instrução tática do atirador de fuzil e do fuzileiro atirador, efeitos dos projéteis de artilharia e progressão sob os seus tiros, progressão sob o fogo das armas de infantaria, instrução do sentinela e do esclarecedor, combate em localidades e características do novo armamento da infantaria, — todos êles fáceis de compreensão pelo instruendo.

**Alvorada** — N.º 4, de dezembro de 1949 — Fortaleza. Órgão do Grupamento Escola da Polícia Militar. Contém noticiário do Ceará, artigos de interesse profissional e literário. Constitue um excelente esforço para apresentação dos valores daquela co-irmã.

**Disciplina** — Tese do maj. J. Vitoriano de Medeiros, oficial reformado da Polícia Militar do Rio

Grande do Norte. Fala o autor sobre a necessidade de se reforçar a disciplina nas corporações e, nesse sentido, se bate pelo reforço dos laços de solidariedade entre os policiais-militares.

**A Defesa Nacional** — N.ºs. 429, 430 e 431, referentes a abril, maio e junho de 1950 — Revista dirigida pelo coronel Renato Batista Nunes, e considerada de interesse do Exército. Contém variada e excelente colaboração profissional, geral, etc., entre os quais citamos: **Psicotécnica Militar**, do cap. Rúi Alencar Nogueira; **Estudos Econômicos**, do cel. J. B. Magalhães; **O Recrutamento de Instrutores em Nossas Escolas de Oficiais**, do ten. cel. Paulo Enéas F. da Silva; **A Formação do Chefe Militar**, do cel. Ivano Gomes; e **Inquérito Policial-Militar** do maj. Petrónio Brilhante.

**Revista do Clube Militar** — N.ºs. 103, 104 e 105, referentes aos meses de janeiro, fevereiro e março de 1950. — Direção do cap. Humberto Freire de Andrade. Sua colaboração é variada, ilustração moderna. Recomendamos: **A Desintegração Atômica a Serviço da paz**, do cap. Heleno Castelar; **O Exército e Sua Preparação**, do cap. Humberto de Andrade; **O Declínio da Produção Agrícola**, do ten. Jaime Rolemberg de Lima; **A Arte de Ensinar**, do maj. João Batista Peixoto.

**Revista do Clube de Aeronáutica** — N.ºs. 10 e 11 — Direção do maj. av. José Vaz da Silva. Recomendamos: **Alguns detalhes técnicos do tiro de pistola e revólver**, do ten.



Guilherme Cavalcanti; *Nova Técnica no Tiro de Armas Curtas para Militares*, do mesmo autor.

*Revista de Intendencia* — N.º 50, março-abril de 50 — Direção do cel. Lauro Loureiro de Souza.

*Libertas* — N.ºs. 10 e 11, referentes a abril e junho de 1950. — Órgão da Polícia Militar de Minas Gerais — Direção do maj. Antônio Heleodoro Santos. A primeira apresentando na capa o quadro de Pedro Américo sobre o esquadramento de Tiradentes; a segunda, um arranjo fotográfico de aspectos de Juiz de Fóra, em comemoração ao seu centenário. Ambas apresentam, como de costume, vários artigos de interesse profissional e de cultura geral, etc. etc.

*Terramarear* — N.ºs. 1 e 2 — Do Círculo Militar de São Paulo — Esta pequena publicação, surge com a missão de congregar os elementos das diversas forças armadas residentes em São Paulo, através a divulgação das atividades recreativas da novel entidade. Traz fotos das atividades sociais iniciadas, e um forum de opiniões de ilustres chefes militares sobre as finalidades do Círculo. Publicação pequena como já dissémos, mas grande de entusiasmo e bom-senso. Bom aspecto gráfico, paginação artística. «MILITIA» saúda a nova colega, fazendo votos

para que consiga cumprir a missão lhe foi atribuída pelo Círculo.

*O Treme-Terra* — N.ºs. 2, 3, e 6 — Da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Contém bom noticiário e colaborações variadas, que mostram bem o amadurecimento jornalístico de nossos colegas. Podemos dizer que é vitorioso elemento de intercâmbio policial-militar, cuja ação de destaque se deve a seu comandante, cel. Celso Bath Rosas.

*Sentinela* — N.ºs. 162, 163 e 165 — março e abril — Da Polícia Militar do Paraná. — Este veterano mensário oferece o noticiário oficial e social daquela co-irmã, inserindo também bons trabalhos como: «*História de Fantasma*», do ten. Orlando X. Pombo;

*A Patrulha* — Da Polícia Militar de S. Catarina — E com grande júbilo que vimos aparecer mais um órgão da nossa família. Apareceu cheio de garbo, com discreta mas elevada direção, dando a lume o que tem a grande terra. Iniciativa esclarecida do cel. Antônio de Lara Ribas, comandante daquela corporação, está destinada a ser a grande voz do movimento confraternizador da classe policial-militar brasileira. Saudamo-lo na pessoa de seu diretor, major Demerval Cordeiro, desejando-lhe muitas felicidades.

## DESERTOR

A polícia francesa foi incumbida, pelo ministro da Guerra, de encontrar e prender um certo Roger Gremier, "culpado de dupla deserção". Não se apresentou em 1914 para o serviço militar, e nem em 1939, por ocasião da segunda guerra mundial, quando da mobilização geral. Afinal, conseguiu a polícia descobrir o tal Roger Gremier, que era... coronel do exército francês!...



# Ciranda



## NEGÓCIO DE OCASIAO

No Rio, o comerciante H. Castro Melo, ao abrir uma caixa que comprara no leilão do Loide Brasileiro, verificou que o seu conteúdo era uma ossada. Calmamente, o comerciante pôs os ossos à venda.

## ENCACHORRADO

José Antero brigou com a bailarina Pedrina de Oliveira e deu-lhe uma dentada. Não sabemos se o José estava vacinado contra hidrofobia.

## MASCARADO

O centro médio Leguizamón, da seleção paraguaia, recusou fazer testes para um clube paulista de futebol, alegando que tal ato seria despresticioso para o seu cartaz.

## BRUXO

Foi prêsso em Porcariça, Arruda dos Vinhos, Portugal, o cidadão Francisco Gomes acusado de cartomância, bruxaria etc. O bruxo esqueceu-se de adivinhar a sua própria sorte.

## ESTA E' FINA

Durante uma batida de repressão ao porte de armas, um cidadão ficou surpreso por ter sido encontrado um punhal na sua cintura, declarando ignorar como aquela arma fôra parar ali.

## BEIJOQUEIRO

Em Buenos Aires, Arturo Granado não resistindo à grande paixão que nutria pela mulher de seu amigo, beijou-a. Resultado: foi condenado a um ano de prisão e ao pagamento das custas do processo.

## CONTRABANDO E ROMANCE

No Rio, o cidadão Benjamim Mazello, procedente dos Estados Unidos, desembarcou do avião, correu ao encontro da espôsa, abraçou-a e beijou-a apaixonadamente. O conferente da Alfândega achou tudo muito interessante e prendeu o casal em flagrante, pois o marido passara à esposa, no momento do abraço, um pacote com duzentos mil cruzeiros em brilhantes de contrabando.





Recebemos colaboração de charadas novíssimas, sincopadas, casais, em versos, auxiliares, logogrifos em prosa e em verso e palavras cruzadas.

A correspondência e colaboração deverão ser endereçadas à "Militia" — Secção de Édipo, Rua Alfredo Maia, 106.

São adotados nesta Secção, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Simões da Fonseca e o Breviário do Charadista.

### CHARADA AUXILIAR

- 1 —  
 + da = Bagatela  
 + rena = Moça  
 + pido = Instantâneo  
 + mião = João bobo  
 Conceito = Galanteador  
 Rotsen.

Solução : .....

### CHARADAS NOVISSIMAS

2 - Ao mesmo tempo, além do involúcro floral. 2-1.

Solução : .....

3 - Até a cêrca foi preparada para receber a flor. 1-2.

Rotsen.

Solução : .....

4 - O pecúlio guardado sem trama não conserta osso do corpo humano. 1-2.

Solução : .....

5 - O bugio é um animal mamífero semelhante ao veado porque tem uma só fêmea. 2-2.

Onz.

Solução : .....

6 - Em regra o porco tem cama certa. 1-1.

Solução : .....

7 - Fora! lançar-te-ei ao oceano: não me queiras oprimir. 2-1.

Kdt.

Solução : .....

8 - Apanhei um calhau na corrente de água e atirei-o à moita. 2-2.

Solução : .....

9 - Que ousadia! Agora queres me impingir um bugio? 2-1.

Von Silva.

Solução : .....

### CHARADAS SINCOPADAS

10 - Só por maldade dinamitei a rocha. 2.

Von Silva.

Solução : .....

11 - Em relação à falta, será aplicada a punição. 3-2.

Solução : .....



ONE ENÉ

PALAVRAS CRUZADAS

12 - Terminada a luta, disse Godói: maldito negro, como és forte. 3-2.

Kdt.

Solução : .....

13 - Porque deixei restos de esturme no curral tu te zangas comigo? 3-2.

Solução : .....

14 - A manada de gado muar asustou a mulher caçada. 4-2.

Onz.

Solução : .....

15 - Só porque perdeste a lamparina fazes tanto alarido? 3-2.

Rotsen.

Solução : .....

CHARADAS CASAIS

16 - O devoto foi até o lavabo. 2. Notlim.

Solução : .....

17 - A grande onda deixou o lugar desabilitado. 2. Onz.

Solução : .....

18 - Quem fala mentira fica vesgo. 2. Solução : .....

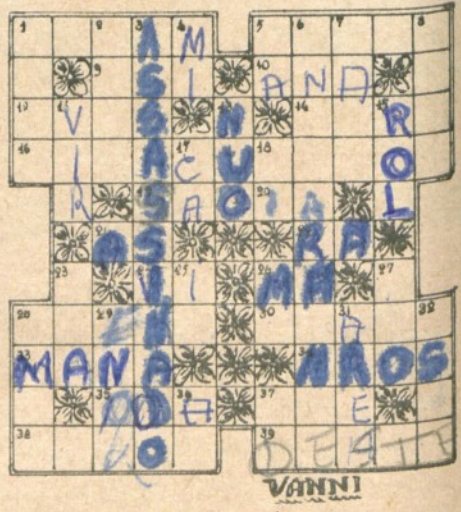
Solução : .....

19 - Este resumo é muito pequeno. 3. Kdt.

Solução : .....

20 - Não há perigo em se ter bom gôsto. 3. Von Silva.

Solução : .....



Horizontais:- 1 - Competidor. 5 - Padecer. 9 - Réptil (s/ a penultima). 10 - Nome de mulher. 11 - Ovário de peixe (pl). 14 - Pároco de aldeia. 16 - Milagroso (pl). 19 - Sobrenome. 20 - Interjeição de dor (inv.). 21 - Carta de jogar com um só ponto marcado. 22 - Batráquio. 24 - Enxerguei (inv.). 26 - Perversa. 28 - Lida. 30 - Erguida. 33 - Filha do mesmo pai. 34 - Argola (pl). 35 - Partida (inv.). 37 - Composição poética dividida em estrofes simétricas. 38 - Soma (inv.). 39 - Dar (2.ª pessoa pl).

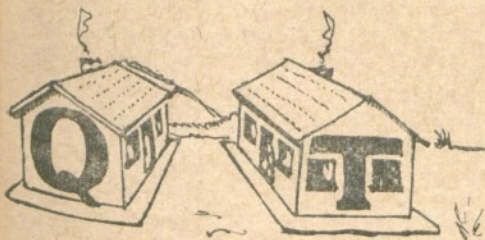
Verticais:- 1 - Triturar (inv.). 2 - Explodir. 3 - Morto por outrem. 4 - Nota musical. 5 - Ferramenta. 6 - Navio. 7 - Grande embarcação (pl). 8 - Caminho orlado de casas (pl). 12 - Voltar. 13 - Despido. 15 - Lista. 17 - Aquí. 18 - Decifrei. 23 - Doar. 25 - Verbo ir. 26 - Nota musical. 27 - Partido. 28 - Verbo ferir. 29 - Muito grande (s/ a última). 31 - Superfície plana delimitada. 32 - Membro empenado das aves (pl). 36 - Nota musical (inv). 37 - Luto (inv).





Horizontais e verticais:- 1 - Vela grande dos navios (pl). 2 - O natural ou habitante da Arábia. 3 - Cesar de andar. 4 - Faz descer. 5 - Entes.

### ENIGMA FIGURADO



### SOLUÇÕES DO NÚMERO 11

- 1 - Congratulações. 2 - Calunga. 3 - Panegírico. 4 - Antiguidade. 5 - Togado. 6 - Calar. 7 - Resto. 8 - Pontapé. 9 - Pano. 10 - Rapaz. 11 - Parca. 12 - Sola. 13 - Logogrifo. 14 - Sésmo-a. 15 - Trinco-a. 16 - Veado-a. 17 - Manteiga-manga. 18 - Preciso-prêso. 19 - Pechincha-pecha. 20 - Coruta.

### PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:- Rum - Mulas - Cabeças - Ema - Nada - Cp - Assas - Al - Taipar - Acabar - Infuca - Ramado

- Atanar - Diafas - Ao - Acara - As - Aro - Num - Cangapara - Ia - Eu.

Verticais:- Rubens - Ulemás - Macada - Ma - Sá - Canta - Pifão - Arara - Sarda - Abafa - Ladas - Tia - Puna - Aca - Cai - Ama - Rosa - Canga - Arua - Rompe - Ni - Au.

Horizontais:- Atam - Gema - Rasa - Roia - Rins - Aram - Soro.

Verticais:- Agarras - Tesoiro - Amainar - Marasmo.

### SOLUÇÕES DO NÚMERO 13

- 1 - Degringolada. 2 - Lagopode. 3 - Lavramento. 4 - Catavento. 5 - Jacaré. 6 - Lardo. 7 - Calcanha. 8 - Retrair. 9 - Graxento-grato. 10 - Porejar-pojar. 11 - Ligação-lição. 12 - Paçovio-pavio. 13 - Caninana-cana. 14 - Frumento-fruto. 15 - Cana-o. 16 - Madeira-o. 17 - Faceira-o. 18 - Gata-o. 19 - Paco-a. 20 - Pelo-a.

### PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:- Pau - Arre - Atascal - Temu - Bate - Ara.

Verticais:- Pateta - Arame - Urso - Eco - Atar - Ba.

Horizontais:- Carapau - Bicar - Omolú - Animo - Ratos - Vale - Ametista - Cegonha - Ria - Hep - Eor - Ada.

Verticais:- Abocar - Meio - Rim - Navegar - Acolitato - Pala - Molinha - Aruajos - Shed - Acre - Tapa.

### Salto de cavalo

### — DEUS —

Minha mãe, quem é aquele Pregado naquela cruz?

— Aquele, filho, é Jesus, E' a santa imagem Dêle.

— E quem é Jesus? E' Deus.

Quem nos dá a luz do dia.

— E quem é Deus? - Quem nos guia, E fêz a terra e os céus.

### LOGROGRIFO

Anisociclo



# NOSSOS REPRESENTANTES

(Continuação do verso da contra-capá)

## RIO GRANDE DO NORTE (Policia Militar)

— Q.G. (Natal) — 1.º ten. Antônio de Moraes Neto.

## RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Pôrto Alegre) — 1.º ten. Renato Moro Ramos.

— 4.º B.C. (Pelotas) — 2.º ten. Militão da Silva Neto.

— 1.º R.C. (Santa Maria) — ten. Pedro Celeny S. Pires Garcia.

— 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

— B.G. (Rio Grande) — 2.º ten. João Matos de Araujo.

— 3.º R.C. (Passo Fundo) — Asp. Armando Chaves Credideu.

## SANTA CATARINA (Policia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 1.º ten. Teseu Domingos Muniz.

## SÃO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — 1.º ten. Sebastião Rufino Freire.

— C.I.M. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.

— R.C. (Capital) — 1.º ten. Felix de Barros Morgado.

— B.G. (Capital) — cap. Geraldo Paglia.

— C.B. (Capital) — 1.º ten. Nelson Soares.

— B.P. (capital) — 1.º ten. Antonio Silva.

— 1.º B.C. (Capital) — cap. Calio Campos Montes.

— 2.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Wilson Gonçalves Ferreira.

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — cap. Osvaldo Lopes de Brito.

— 4.º B.C. (Bauru) — cap. Oscar Pais Leme.

— 5.º B.C. (Taubaté) — 1.º ten. Hugo Castro Viana.

— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Aldo Campanhã.

— 7.º B.C. (Sorocaba) — 1.º ten. Domingos de Melo.

— 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.

— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.

— S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.

— S.F. (Capital) — cap. Germano Ribeiro Scartezini.

— S.I. (Capital) — cap. Benedito da Silva Matos.

— S. Subs. (Capital) — cap. Francisco de Campos.

— E.E.F. (Capital) — cap. Aduino Fernandes de Andrade.

— S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Aurélio Pedrazoli.

— S.S. - H.M. (Capital) — cap. Salvador Nicolacci.

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — cap. Fernão Guedes de Sousa.

— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 2.º ten. José de Oliveira Godói.

— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cp. Divo Barsotti.

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquará) — cap. Antônio Augusto de Sousa Filho.

— Guarda Civil (Capital) — insp. Antônio Vieira.

— Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.

## SERGIPE (Policia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 1.º ten. Osvaldo de Albuquerque.

Além dos supra mencionados, mantemos representantes em tôdas as Unidades e Serviços da Fôrça Pública, bem como agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo.



# Legislação Administração Jurisprudência

Direção do cap. J. Arimathéa do Nascimento

## Abono de faltas

Ficam consideradas abonadas, para todos os efeitos, inclusive percepção de vencimentos, as faltas dadas pelos funcionários públicos estaduais, em virtude de peregrinação do Ano Santo até o máximo de 60 dias, durante o corrente exercício. Os funcionários deverão apresentar, previamente, requerimento indicando o período de afastamento, instruindo com prova de sua inscrição como peregrinos. (Resol. do Governador n.º 264/50.-Bol. Geral n.º 114, de 25-V-50).

## Alistamento eleitoral

Publica instruções para o alistamento eleitoral "ex-officio". (Bol. Geral 107, de 16-V-50).

## Arquivos da B.A.M.

As Unidades deverão providenciar no sentido de serem recuperados, dentro do prazo de 30 dias, os arquivos remetidos à Biblioteca, Arquivo e Museu. (Bol. Geral 127, de 10-VI-50).

## Balões

Cooperando com a Polícia Florestal e Corpo de Bombeiros na campanha contra o fabrico, venda e soltura de balões, o Cmdo. Geral baixa recomendações. (Bol. Geral 125, de 7-VI-50).

## Caixa Beneficente — Empréstimo hipotecário

Publicam-se em anexo ao Boletim as condições gerais para contratos de empréstimos hipotecário na Caixa Beneficente da Força. (Bol. Geral 109, de 19-V-50).

## Caixa Beneficente — Empréstimo simples

A partir de 17-V-50, os empréstimos simples na Cx. Benef. serão concedidos na base da resolução da Diretoria daquela Caixa, de 29-III-48. Fica revogada a publicação constante do item 17 do Bol. Geral 90/50. (Bol. Geral 114, de 25-V-50).

## Certificado de reservista

Os alistados na Força, ao serem excluídos com baixa do serviço por conclusão de tempo, com aproveitamento na instrução, terão direito a um certificado de reservista de 2a. categoria, devolvendo-se à C.R. o certificado de 3a. categoria, para fins de cumprimento do n.º 7 do Aviso n.º 107, de 25-I-46.

Os novos certificados serão fornecidos pela CR ao Cmdo. da Unidade da Força Pública, cuja sede esteja no território respectivo. O Cmdo. daquela Uni-



dade da FP deverá providenciar sua escrituração, inclusive procedendo à ligação com a SMob. da 2a. RM para os assuntos que lhe são próprios. Seguem-se as instruções sobre o procedimento que os Cmts. de Unidades deverão adotar doravante. (Bol. Geral 121, de 2-VI-50).

#### Concurso para Médicos

Edital para o preenchimento de vagas de 1.º tenente médico da Força, estabelecendo as condições de execução do concurso, execução das provas e do estágio técnico-militar e disposições gerais. (Bol. Geral 95, de 2-V-50).

#### Correspondência — Designação de especialidade ou arte.

Em toda a documentação relativa a graduado, principalmente quando se tratar de publicação em Bol. Reg., logo após a graduação deve constar a especialidade ou arte a que o mesmo pertencer. Subtende-se tratar de combatente toda vez que não houver indicação em contrário. Publica a relação das artes e especialidades, com as respectivas abreviaturas.

#### Pedidos de informação feitos pela Assembléia

O Sec. da Segurança Pública determina a todos os dirigentes das Repartições subordinadas à Pasta que os pedidos de informações feitos pela Assembléia Legislativa ao Chefe do Governo e aos Sec. de Estado tenham andamento "URGENTÍSSIMO". Será responsabilizado todo e qualquer funcionário que der causa a injustificado retardamento no fornecimento das informações em questão. (Portaria n.º 43/50 — Bol. Geral 105, de 13-V-50).

#### Crime de responsabilidade

Define crime de responsabilidade e regula o respectivo processo de julgamento. (Lei Fed. 1.079, de 10-IV-50. Bol. Geral 108, de 17-V-50).

#### Cruz Azul — Horário de visitas

As visitas aos doentes baixados ao Hospital da CA poderão ser feitas entre 12 e 16 horas para os doentes de enfer-

maria (3a. classe) e entre 12 e 19 horas para os doentes de apartamentos (1a. e 2a. classe). Fora desses horários só em casos especiais e a juízo do médico serão permitidas visitas. (Bol. Geral 96, de 3-V-50).

**Aprova o Regulamento da Cruz Azul**  
Dec. 19441-E, de 29-VI-50. (Bol. Geral 139, de 24-VI-50).

#### Dinheiro em cofre

Fica elevado para Cr\$ 15.000,00 o limite de saldo que pode existir nos cofres dos CA das Unidades da Força. (Bol. Geral 140, de 26-VI-50).

#### Efetivo da FP

Fixação do efetivo da Força para o exercício de 1950. (Lei 716, de 30-V-50. Bol. Geral 120, de 1.º-VI-50).

#### Engajamento

Recomenda que os pedidos de engajamento não sejam encaminhados ao QG com atraso, tendo em vista que o retardamento acarreta embaraços, quando não convier a concessão. (Bol. Geral 134, de 19-VI-50).

#### Exames e concursos

Parte A — Programa para concurso ao posto de subtenentes, todas as especialidades.

Parte B — Programa para o exame de admissão à escola de sargentos e para o concurso das diversas especialidades cujo posto inicial seja o de sargento.

Parte C — Programa para o exame de admissão à escola de cabos e para o concurso das diversas especialidades cujo posto inicial seja o de cabo. (Bol. Geral 110, de 20-V-50).

#### Exame de promoção de 1.º sargento

O exame de aptidão para preenchimento de vagas de 1.º sargentos de todas as especialidades, comportará provas para avaliar a cultura geral e profissional dos candidatos. Estabelece os processos para a avaliação. (Bol. Geral 111, de 22-V-50).



### Exames de admissão

Normas para o exame de admissão aos diversos Cursos e para verificação do aproveitamento dos alunos do CFA. (Bol. Geral 128, de 12-VI-50).

### Fardamento — Tabela de distribuição

Tabela 1 — refere-se à distribuição de fardamento a cabos, anspeçadas e soldados.

Tabela 2 — refere-se à distribuição de fardamento a alunos oficiais e aos oficiais da Cia. de Alunos Oficiais.

Tabela 3 — refere-se à distribuição de fardamento ao Chefe, Sub-chefe da Casa Militar, Ajudantes de Ordens e Assistentes Militares.

Tabela 4 — refere-se à distribuição de fardamento e vestuário ao Presídio Militar "Romão Gomes". (Bol. Geral 104, de 12-V-50).

### Fardamento por alfaiatarias particulares

Os limites máximos para fornecimento de fardamento por alfaiatarias particulares, para pagamento em 6 prestações, é o seguinte:

#### Cr\$

Subtenentes e sargentos .....	1.800,00
Cabos, anspeçadas e sds. ....	1.200,00.

(Bol. Geral 129, de 13-VI-50).

### Fiscalização de preços

Visando desenvolver o serviço de fiscalização de preços, recentemente atribuído aos oficiais da Força, o Cmdo. Geral faz diversas recomendações. (Bol. Geral 102, de 10-V-50).

### Gratificação especial

Sempre que ocorrer afastamento de oficiais que por força de suas funções percebam as gratificações previstas na Lei 404, de 4-VIII-49, por férias, licença ou baixa ao HM para tratamento de moléstia adquirida em serviço, deverá o Chefe do SF determinar que:

- continui a ser-lhe sacada a referida gratificação durante o afastamento;
- seja a mesma gratificação sacada também ao oficial que for

designado para o exercício interino da função. (Bol. Geral 123, de 5-VI-50).

Retifica a publicação supra para declarar que as gratificações são as previstas no art. 4.º, letras "a", "b" e "c" da lei 716, de 30-V-50. (Bol. Geral 134, de 19-VI-50).

### Hospital Militar

Autoriza aos elementos civis servindo na Polícia Rodoviária, utilizarem-se do Hospital Militar da Força e estabelece as condições. (Bol. Geral 103, de 11-V-50).

### Imóveis

Instruções sobre a venda de imóveis que as autarquias de previdência social prometem vender aos segurados, mediante escritura de promessa de venda. Lei Fed. 1.016, de 7-II-50. (Bol. Geral 122, de 3-VI-50).

### Licença-prêmio

Estabelece quotas de oficiais em gozo de licença-prêmio. (Bol. Geral 120, de 1.º-VI-50).

### Medicamentos e artigos dentários

Tabela de consumo de medicamentos e artigos dentários a serem fornecidos aos Consultórios Odontológicos existentes nas unidades da Capital e do Interior. (Bol. Geral 119, de 31-V-50).

### Passagem para Santos e São Vicente

O Expresso Brasileiro Viação Ltda. concede o abatimento de 50% nas passagens das linhas São Paulo — Santos — São Vicente, aos oficiais da ativa desta Força, bem como às suas esposas e filhos. Os interessados deverão dirigir-se à II/EM. (Bol. Geral 121, de 2-VI-50).

### Política

Os Ministros Militares, Guerra, Marinha e Aeronáutica baixam ordens sobre o comportamento dos militares em face das eleições de 1950.

O Cmdo. do II/RM também prescreve normas a esse respeito. (Bol. Geral 139, de 24-VI-50).



### Promoção — interstício

Reduz à metade o tempo mínimo de interstício a que estão sujeitos, para promoção, os oficiais dos diversos quadros da Força, nos casos em que não haja oficiais habilitados, com a totalidade de interstício. Dec. 19510-A, de 19-VI-50. (Bol. Geral 138, de 23-VI-50).

### Reforma — Processamento

Ao serem encaminhados ao QG os pedidos de reforma a pedido ou "ex-officio", deve ser esclarecido se ao interessado foi ou não concedida a sexta parte dos vencimentos. Em caso afirmativo citar a data do respectivo decreto. (Bol. Geral 96, de 3-V-50).

### Salário-família

Em aditamento às instruções do BG 288/49 determina que quando não constar do instrumento de tutela ou adoção a data completa do nascimento do menor, o beneficiado deverá apresentar à unidade também a certidão de nascimento do tutelado ou adotado. (Bol. Geral 118, de 30-V-50).

Não fazem jus à percepção do salário-família os elementos licenciados aguardando reforma por terem atingido a idade limite para o serviço ativo, bem como os licenciados por invalidez definitiva para o serviço, após os 4 anos de licenciamento. (Bol. Geral 136, de 21-VI-50)

### Secção de Reembolsáveis — Horário de funcionamento

Armazem — 3as., 4as., 5as., e 6as. feiras, das 8 às 17,30 horas.

Açougue — 2as., 3as., 4as., 5as. e 6as. feiras, das 12 às 17,30 horas e aos sábados — das 8 às 12 horas. (Bol. Geral 100, de 8-V-50).

### Vantagens do art. 30

Aos inativos serão sacadas as vantagens do art. 30 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Const. do Estado, somente a parte referente ao período em que estiveram em atividade após a vigência da lei 211, de 7-XII-48. (Bol. Geral 95, de 2-V-50).



Nossa capa

## MÃE PRETA

Tela de Lucílio de Albuquerque

*“Um exame sumário da obra pictural de Lucílio de Albuquerque mostra uma personalidade vigilante e vivamente documentada...”*

**FLEXA RIBEIRO**



# NOSSOS REPRESENTANTES

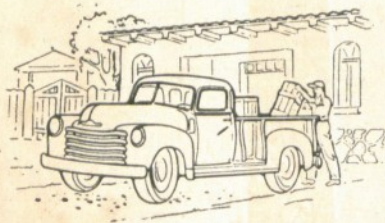
## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

- BOLÍVIA** (Corpo de Carabineros)  
— Dirección General de Policia (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.
- CHILE** (Corpo de Carabineros)  
— Victoria Subercaseaux, 173 2.º piso (Santiago) — teniente Efraín de la Fuente Gonzáles.  
— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bachler.  
— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Edmundo Perotti Quaglia.
- ACRE** (Guarda Territorial)  
Q.G. (Rio Branco) — 1.º ten. Milton Braga Rola.
- ALAGOAS** (Policia Militar)  
— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante.
- AMAPÁ** (Divisão de Segurança e Guarda)  
— Séde (Macapá) — dr. Flávio de Carvalho Maroja.
- AMAZONAS** (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)  
— Q.G. da P.M. (Manaus) — ten. cel. Temístocles Henrique Trigueiro.  
— Cia. Bombeiros Municipais (Manaus) — 1.º ten. Joaquim José de Carvalho e Cascais.
- BAHIA** (Policia Militar)  
— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.
- CEARA** (Policia Militar)  
— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Gerardo Fragoso de Vasconcelos.
- DISTRITO FEDERAL** (Policia Militar)  
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Darcy Fontenele Castro.  
— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.
- ESPIRITO SANTO** (Policia Militar)  
— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.
- GOIAS** (Policia Militar)  
— Q.G. (Goiânia) — cap. Cláudio das Neves.
- MARANHÃO** (Fôrça Policial)  
— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.
- MATO GROSSO** (Policia Militar)  
— Q.G. (Cuiabá) — major Gonçalo Romão de Figueiredo.  
— 1.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Evaristo da Costa e Silva.  
— 2.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Gonçalo Ribeiro da Silva.  
— C.C.S. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Eurides Celestino Malhado.  
— 2.º B.C. (Campo Grande) — major Hermenegildo Teodoro do Nascimento.
- PARÁ** (Policia Militar)  
— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.
- PARAÍBA** (Policia Militar)  
— Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. Francisco de Assis Veloso.
- PARANÁ** (Policia Militar)  
— Q.G. (Curitiba) — 2.º ten. Benoit Pontes Cidreira.  
— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.
- PERNAMBUCO** (Policia Militar)  
— Q.G. (Recife) — cap. João Ródrigues Pereira.
- PIAUI** (Policia Militar)  
— Q.G. (Teresina) — cap. Santiago Vasques Filho.
- RIO DE JANEIRO, ESTADO DO** (Policia Militar)  
— Q.G. (Niterói) — 2.º ten. Luiz Gonzaga Guerra.





## OS CAMINHÕES AJUDAM A CONSTRUIR O BRASIL...



**GENERAL MOTORS  
DO BRASIL S. A.**

Num país imenso como o Brasil, o caminhão vem cumprindo uma das mais relevantes tarefas: a de transportar as riquezas e utilidades vitais ao engrandecimento e ao progresso da Nação. Seja transportando gado e produtos agrícolas, levando matérias primas às fábricas e aos portos, suplementando as ferrovias e os serviços aéreos ou entregando mercadorias. A General Motors do Brasil orgulha-se de estar contribuindo, com a fabricação de seus caminhões, para a mais rápida consecução desse patriótico objetivo.

Automóveis Chevrolet, Pontiac, Oldsmobile, Buick,  
Cadillac, Vauxhall



Caminhões - Chevrolet - G. M. C., Bedford, G. M. Coach  
Motores Diesel - Peças e Acessórios - Frigidaire